

## GIORDANO BRUNO

---

Il monumento che ci proponiamo elevare a Bruno deve avere innanzi tutto un alto significato morale: *la gratitudine all'eroe del pensiero, all'araldo della nuova filosofia, che a noi consente pensare e parlar liberi...*

Á época da fé segue-se a época da sciencia; o monotheismo, ultima phase das concepções theologicas, desaparece diante dos progressos da philosophia positiva e monista, e as religiões deistas, esses laços espirituaes que uniam os povos n'uma communhão idealista, dissolvem-se diante de uma união mais completa e mais solida, a que se chama a religião da humanidade. Entrámos já na época da sciencia, podemos sem exagero affirmal-o. O seculo XIX tem sido o liminar d'esta nova idade, mas os tres seculos que o precederam, e que são como que a transição da idade média para os tempos actuaes, prepararam pelo estudo, pela dedicação e pelo martyrio o campo das novas doutrinas, cujas searas hoje desfrutamos. Tambem o catholicismo atravessára antes do seu triumpho um periodo identico de soffrimentos e de lucAtas. phase inicial da época da sciencia, do mesmo modo que a phase inicial do christianismo, foi a do martyrio, das convicções inabalaveis, do fanatismo heroico e indomavel. Quem diria, porém, que uma dou-

trina capaz de levar ao martyrio seus adeptos, os havia de levar quinze seculos depois á perseguição, de victimas convertel-os em algozes? E no emtanto foi o que succedeu com o christianismo. A razão d'esta profunda transformação encontra-se nos fundamentos da doutrina. A moral christã é essencialmente egoista, tendo por mira a salvação individual e a recompensa futura. D'ahi a subordinação da vida á morte, dos interesses mundanos á bemaventurança celeste, o antagonismo entre a alma e o corpo. Sob este ponto de vista, a resignação e a heroicidade dos martyres do christianismo podem causar-nos espanto, assombrar-nos, mas nunca despertar em nós a admiração entusiasta, a veneração que nos inspiram os martyres da sciencia. Aquelles morriam na fogueira ou dilacerados pelas feras, radiantes e alegres com a esperança de que a morte não era senão a entrada gloriosa da mansão eterna, onde Deus receberia as suas almas com hymnos retumbantes de victoria. Estes, pelo contrario, morriam tambem no fogo ou nos supplicios inquisitoriaes, mas sem a mais leve idéa de uma recompensa posthuma, sómente movidos pelo amor da verdade e pelo desejo de serem uteis aos seus semelhantes, abrindo-lhes os olhos pelo exemplo de firmeza e coragem com que arrostavam a morte sem renegarem as suas convicções, qualificadas de hereticas pela Igreja. Os primeiros abraçavam os tormentos e aceitavam a morte impellidos apenas pela satisfação egoista e mesquinha das proprias almas na eternidade. Os segundos soffriam e morriam guiados pelo sentimento altruista e generoso do bem da humanidade. Eis a grande differença que separa e levanta os martyres da sciencia face a face dos martyres christãos.

Giordano Bruno, «uma voz peregrina no mundo», sentinella avançada da sciencia despertando os que ainda dormiam nas trevas do catholicismo, — *Dormitantium animarum excubitor* — era o «arauto da nova philosophia, a que nos permite pensar livremente» e por isso foi sacrificado pela Inquisição, perseguido, condemnado e queimado, expirando como heroe e martyr sobre a fogueira, em 1600, no *Campo de' Fiori*, na mesma praça de Roma, onde se vai erigir-lhe um monumento.

Esbocemos a vida de Bruno e digamos duas palavras ácerca das suas doutrinas philosophicas, afim de podermos avaliar a significação moral d'este acontecimento.

## I

Nascido em Nola, em 1548, de um militar por nome Giovanni e de Fraulissa Savolina, Giordano Bruno estudou *humanidades* até

aos 14 ou 15 annos, idade em que vestiu o habito de dominicano no convento de S. Domingos Maior de Napolis, e trocou pelo nome de Giordano, o de Philippe que recebera no baptismo. Passado o tempo do noviciado, professou e tomou ordens cantando a primeira missa em Campana, pouco distante de Napolis, no convento de S. Bartholomeu onde ficou celebrando os officios divinos até 1576. As suas tendencias para o livre exame e para a critica das doutrinas da Igreja, muito cedo se revelaram e eram provavelmente uma consequencia dos estudos classicos e philosophicos, a que se entregava. Durante o noviciado soffreu uma vez castigo por ter deitado fóra certas imagens de santos, guardando só um crucifixo, e por aconselhar a um companheiro que lia a historia em verso das Sete Alegrias de Nossa Senhora que o deixasse e que lésse antes qualquer outro livro como, por exemplo, a vida dos Santos Padres. Porém mais grave foi a accusação de heresia que lhe fez o provincial da ordem ao começar o anno de 1576. Frei Domenico Vito formulou contra elle uma serie de 130 artigos em que se havia desviado das doutrinas da Igreja e instaurou-lhe um processo que então não teve seguimento, porque Giordano Bruno, receando a prisão inevitavel, preferiu abandonar o convento e partir para Roma, na esperanza de encontrar mais tolerancia na capital do mundo civilisado. Enganou-se, comtudo, e reconhecendo o erro, resolveu em breve deixar a religião, despir os habitos de frade e fugir. O circulo do catholicismo tornára-se apertadissimo para elle; precisava rompê-lo e proclamar bem alto a liberdade de pensamento.

A sahida de Roma, ainda no anno de 1576, marca o começo de « um periodo de irrequieto movimento » que abrange « nada menos de 16 annos, e durante o qual longe da sua patria, elle anda errando pelo mundo de lugar em lugar, de paiz em paiz. » Difficil, impossivel mesmo, attendendo aos poucos recursos de que dispomos para o estudo da biographia de Giordano Bruno, seria acompanhá-lo passo a passo na sua longa peregrinação de Roma a Noli, de Noli a Savona, de Savona a Turim, de Turim a Veneza, de Veneza a Padua, de Padua a Bergamo, a Brescia, a Milão, a Chambery, a Genebra, a Leon, a Tolosa, a Paris, a Londres, a Oxford, a Magonza, a Marburgo, a Wittenberg, a Praga, a Helmstädt, a Frankfort e de novo a Veneza, onde cahiu nas garras da Inquisição.

Em Genebra os calvinistas acolheram-no com amizade, forneceram-lhe roupas, capa e espada e procuraram-lhe um emprego, mas apenas tiveram conhecimento de que elle não abraçava a religião reformada, religião « que não sabia o que fosse », mudaram as cousas de figura e Giordano Bruno teve de partir. Em Tolosa

foi mais feliz durante anno e meio; relacionou-se com as familias mais illustradas e ganhou por concurso o lugar de lente ordinario de philosophia no *Studio*. As luctas civis obrigaram-no, porém, a abandonar Tolosa e seguir para Paris, onde abriu, apenas chegou, um curso de philosophia. O seu nome vinha precedido de grande fama; já havia publicado em Veneza o opusculo *De' segni de' tempi* e os seus manuscriptos corriam de mão em mão. Não admira, portanto, que lhe offercessem uma cadeira na Universidade. Mas Bruno recusou-a para não se submeter ao regulamento universitario que em Paris impunha aos lentes a obrigação de ouvirem missa e assistirem aos outros officios divinos. Tal coherencia entre os principios e os actos ainda em nossos dias é bem rara!

Henrique III, chamando-o um dia, perguntou-lhe se a memoria que possuia era natural ou por arte magica. Bruno provou-lhe á evidencia que não era por arte magica, mas sim por sciencia. Pouco depois publicou o seu livro *De Umbris Idearum*, dedicando-o ao rei. No mesmo anno, 1582, deu á luz o *Cantus Circæus*, o *De Compendiosa Architectura et Complemento Artis Lullii* e a celebre comedia *Il Candelaio*. A publicação d'estas obras produziu tanta sensação no mundo intellectual, então ainda profundamente catholico, que Giordano Bruno teve de sahir de Paris, dirigindo-se para Inglaterra com recommendações do rei, que o protegia. Em Londres, logo que chegou, imprimiu o seu livro *Explicatio triginta sigillorum*, e pouco tempo depois alcançou a cadeira de philosophia na Universidade de Oxford; não se conservou, porém, ahí, voltando a Londres, onde entrou em relações com a rainha Elisabeth e outros personagens de alta linhagem, sendo talvez este o «tempo mais feliz e mais fecundo» da sua vida. Datam d'esta época as suas obras: *De la Causa, Principio et uno*, *La Cena de le Ceneri*, *De l'Infinito universo et Mundi*, *De gli eroici furori*, *Lo spaccio de la Bestia trionfante et La Cabala del Cavallo Pegaseo*. N'estes livros lançou os fundamentos da sua metaphysica, a theoria cosmologica, os principios da sua etica, e emfim nos dous ultimos, expoz allegoricamente a reforma moral que tinha em mira e satyrisou a theologia e os theologos. *Præsumptuosæ et recalcitrantis ginorantiæ domitor*, dizia elle de si mesmo. Não chegou a tres annos a sua residencia em Londres; sendo chamado a Paris em 1585 o embaixador da França, Michel de Castelnau, em casa de quem vivia, Giordano Bruno acompanhou-o, dedicando-se em seguida ao ensino particular e á publicação de obras de mathematica, por temer talvez qualquer perseguição. Comtudo uma vez apresentou ao reitor da Sorbona e sustentou-as depois de publicadas, 120 proposições contra a physica dos Peripateticos e 30 theses pythagoricas e platonicas, indirectamente contrarias á doutrina catholica. Não

podia continuar por muito tempo em França, então presa das luctas religiosas, e em meados de 1586 teve de deixar Paris e proseguir na sua peregrinação.

O acolhimento que Bruno teve em Wittenberg do partido luterano foi também notavel, sendo inscripto o seu nome no album da Universidade, mas a morte do eleitor Augusto, acabando com a influencia dos lutheranos, obrigou ao mesmo tempo o philosopho italiano a despedir-se da Universidade. Bruno pronunciou por essa occasião uma *Oratio valedictoria*, em que exalta os apóstolos da sciencia e do livre exame, Alberto Magno, Niccolò di Cusa, Copernico, Paracelso e Luthero. Em Praga defendeu perante Redolpho II 106 theses em que proclamava a verdade e a religião universal. Sentindo-se attrahido para Helmstädt, pela fama de uma Universidade creada pelo duque Julio de Braunschweig, e aberta a todos os sabios e talentos estrangeiros, Giordano Bruno foi inscripto no album universitario, como em Wittenberg, e por morte do duque coube-lhe lér na presença do conselho academico uma *Oratio consolatoria*, celebrando as virtudes do morto.<sup>1</sup>

Em 1591 estando Bruno em Frankfort, centro do commercio de livros na Allemanha, occupando-se da publicação de algumas de suas obras, foi convidado por Giovanni Mocenigo, joven de illustre familia, para ir a Veneza ensinar-lhe as suas artes e sciencias. Desprezando os perigos ou confiando demasiadamente na sua fortuna, aceitou o convite e partiu para Veneza, onde chegou em setembro ou outubro, dando logo começo ás suas lições. Mas em maio de 1592 Giovanni Mocenigo revelava ao confessor certas opiniões de seu mestre ácerca das doutrinas e instituições da Igreja, e por conselhos d'elle para descargo de consciencia denunciava-o ao Santo Officio, entregando-o á prisão na noite de 23 para 24. Bruno foi lançado nos carceres da Inquisição e submettido a um rigoroso processo. Confessou ter combatido indirectamente a Igreja e a fé e ter discorrido nas suas obras *troppo filosoficamente, dishonestamente e non troppo da buon cristiano*. No primeiro momento, abatido de animo, desalentado, prostrado pela traição infame de um discipulo, que o chamára de longe para assim o entregar, hesitou e chegou mesmo a pedir perdão. Os inquisidores porém, em vez de darem a sentença absolutoria, como era costume no caso de

<sup>1</sup> Nesta oração acham-se as seguintes palavras realmente notabilissimas: *In mentem, ergo, in mentem, Itale, revocato te a tua patria honestis tuis rationibus atque studiis pro veritate exsulem, hic civem; ibi gula et voracitati lupi romani expositum, hic liberum; ibi superstitioso insanissimoque cultui adstrictum, hic ad reformatiores ritus adhortatum; illic tyrannorum violentia mortuum, hic optimi principis amœnitate atque justitia vivum.*

arrependimento, pediram instrucções para Roma, e o supremo tribunal da Inquisição mandou entregar o prisioneiro ao governador de Ancona, afim d'este o fazer transportar para Roma com a possivel brevidade. Em 27 de fevereiro de 1593 entrou Giordano Bruno nos carcerees da Inquisição na cidade eterna. Seis annos jazeu na lugubre prisão, sem que durante tão longo periodo sentisse de novo o desalento e a perturbação que o assaltára em Veneza nos primeiros momentos. Em vez de se sentir fraco e quebrantado, o seu espirito parece que tomava novo vigor para resistir até aos ultimos instantes, legando-nos um exemplo heroico do que póde a convicção; mostrou-se sempre obstinado e firme nas suas opiniões apesar de todos os dias lhe mandarem theologos para o converter por meio de discussão. Em 1599 realisa-se, emfim, o julgamento. Dos livros de Giordano Bruno extrahiram os examinadores oito proposições hereticas. Porém, o accusado na presença da congregação não confessa ter errado, não se arrepende, nem pede perdão; elle diz « não dever e não querer retractar-se, não haver motivo para retractar-se e não saber de que cousa deva retractar-se. » Todas as tentativas são inuteis. Bruno é inabalavel. Em virtude de tal proceder, o grande philosopho é condemnado como apostata e como heretico impenitente e obstinado, e entregue ao braço secular *ut quam clementissime et sine sanguinis effusione puniretur*. Amarga ironia da Igreja catholica ao condemnar o grande philosopho! Bruno, votado á fogueira, dizia ao juiz: « Tendes mais medo de pronunciar a sentença do que eu de a ouvir. » *Majori forsitan ausi timore sententiam in me dicitis, quam ego accipiam.*

Na manhã de quinta-feira 17 de fevereiro de 1600 foi queimado vivo no *Campo de' Fiore* « quello scellerato frate domenichino da Nola » que, como diz o *Avviso de Roma* do dia 19, havia « de seu capricho formado diversos dogmas contra a nossa fé e em particular contra a Santissima Virgem e os Santos » e morreu repellindo um crucifixo que lhe mostravam e dizendo « que morria martyr e de boa vontade. » Sem um gemido, sem um grito dilacerante de dôr, expirou Giordano Bruno, este heroe sublime da liberdade de pensamento, martyr das novas idéas como Miguel Servet, João Huss, Vanini, Arnaldo de Brescia, mas superior a todos elles pela grandeza das suas concepções philosophicas. <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Para a exposição succinta da biographia de Giordano Bruno valemo-nos quasi exclusivamente do excellente resumo do *Saggio biografico critico* de Raffaele Mariano publicado no numero unico do jornal dedicado á memoria do grande philosopho. Esta interessante publicação contém uma serie de artigos notaveis ácerca das obras de Bruno.

## II

O seculo xvi representa na historia da humanidade o alvorecer de uma nova época, aberta pelas descobertas da India e da America, e pelos progressos da astronomia. O espirito humano, vendo as crenças e os conhecimentos que possuia, abalados nos seus fundamentos, fez taboa rasa do que até então havia passado como certo e indiscutivel e iniciou uma era de critica, indispensavel preparo para a construcção de uma nova philosophia. Giordano Bruno foi dos primeiros a comprehender a necessidade d'essa reforma mental. É elle, na Italia, que melhor caracteriza a nova época philosophica, como em Portugal Francisco Sanches, na Inglaterra Bacon e em França Descartes. Mas Bruno não proclamou o *nihil scitur*, como Sanches, nem, como Bacon e Descartes haviam de fazer annos depois, tentou fundar a philosophia sobre os elementos incompletos e restrictos fornecidos pelas sciencias positivas; a sua obra consistiu em reunir n'uma unidade superior, diligenciando fundil-os indissolovelmente, os principios da philosophia antiga com os da philosophia medieval, e o seu grande merecimento está na intuição extraordinaria com que lançou ao mesmo tempo n'esse conjunto germens de theorias ou idéas posteriores, tanto metaphysicas, como positivas, isto é, de toda a philosophia moderna.

Giordano Bruno era pantheista, e como diz André Lefèvre (*La Philosophie*, 1879, pag. 276) « não cede a algum dos seus predecessores e dos que hão de vir depois d'elle na arte subtil de misturar a materia e o espirito distinguindo-os, de identificar o universo e Deus, Deus e a creatura, o um e o multiplo sem os confundir. Tira-se d'estas contradicções por meio de formulas sonoras, onde se occultam subtilidades dialecticas e sobretudo por meio de hymnos ardentes ao infinito, á força, á *natureza naturante* ou *naturada*, que ora nos recordam Lucrecio, ora Marco-Aurelio. » Porém o pantheismo do philosopho nolano tem um caracter diferente das anteriores concepções metaphysicas; mostra-nos « um Deus concreto na essencia e na evolução do universo » (Ch. Renouvier, *L'Année philosophique*, 2<sup>ème</sup> année, pag. 60). Giordano Bruno cré n'um universo infinito, effeito do infinito poder divino, porque seria indigno da infinita bondade e poder divino crear um mundo finito quando podia crear um e muitos infinitos. « Se a terra não é immovel no centro do mundo, escreve elle, o universo não tem centro, nem limites; portanto o infinito é já uma realidade na creação visivel, na immensidade dos espaços celestes; em-

fim, portanto, o conjunto indeterminado dos seres fórma uma unidade illimitada, produzida e sustentada pela unidade primitiva, a causa das causas.» O espaço infinito está povoado de astros e planetas semelhantes á terra, á lua e ás estrellas e são todos habitados de seres dotados, como nós, de razão e de vontade. Tudo e cada uma cousa vive, vegeta e move-se, porque ha no universo a providencia universal, a unidade primitiva, sendo perfeita de dois modos, no modo como a alma está presente no corpo, toda em toda e toda em qualquer de suas partes e que é natureza, e no modo como Deus por essencia, presença e poder está em tudo e sobre tudo, não como parte, não como alma, mas de fórma inexplicavel. Deus possui tres attributos: poder, saber e bondade, ou mente, intellecto e amor; pela mente têm as cousas o ser, pela intelligencia o ser ordenado e distincto e pelo amor a concordia e a symetria. Nenhuma cousa é bella sem a belleza presente, nem cousa alguma pôde livrar-se da presença divina. A distincção na divindade é racional e não substancial. Estas idéas, resumidas pelo proprio Giordano Bruno na presença dos juizes, são, como os leitores vêem, puramente metaphysicas; comtudo n'um ou n'outro ponto tocam o campo da positividade. Não distingue o cognoscivel do incognoscivel, ou antes distinguindo-os, julga a razão sufficiente para descobrir as verdades do absoluto. Os sentidos, confessa elle, não revelam o sér, nem a substancia, são incapazes d'isso, não deixam conhecer senão a apparencia e o finito, a parte e não o todo. O infinito, o necessario, pelo contrario, não pôde ser concebido senão pela razão. E é este, segundo Bruno, o fim da sciencia, a descoberta do necessario, do absoluto.

Na philosophia de Giordano Bruno, escreve Pasquale d'Ercole, n'um bello artigo bastante utilizado por nós n'este estudo, «o principio originario das cousas que na antiguidade, quasi na maioria dos philosophos, tem um caracter natural e não obra por criação, mas por evolução e emanação, toma um caracter espiritualista; emquanto é Deus mesmo, como principio ideal e espiritual. Porém ao mesmo tempo, Deus já não está fóra da natureza e sim immanente n'ella; e a producção ou criação que Deus faz d'ella, não é uma producção *ad extra*, mas *ad intra*, isto é, mais do que producção propriamente dita, evolução e manifestação de Deus na propria natureza.» Bruno identifica Deus e o universo ou a materia. «Aristoteles, diz elle, não se cansa de dividir pela razão, o que é indivisivel segundo a natureza e a verdade.» Deus como alma do universo é parte integrante e indispensavel d'elle, do mesmo modo que a materia está indissolavelmente ligada ao espirito, á alma, verdadeira fórma de todas as cousas. Materia e espirito ou substancia material e substancia formal são indestructiveis, con-



stantes, infinitos. Só as fôrmas exteriores mudam porque não são cousas, mas sim circumstancias ou condições das cousas.

Falta-nos o tempo e o espaço para nos embrenharmos mais profundamente nas doutrinas metaphysicas de Giordano Bruno.

Vejamos, agora, para completar este ligeiro estudo, destinado sómente a tornar conhecido entre nós o grande martyr da liberdade de pensamento, as relações das suas theorias philosophicas com as dos philosophos da antiguidade e dos tempos modernos.

Se quizermos remontar até ás origens da philosophia, á Grecia, seu verdadeiro berço, graças ao contacto de variados povos, raças e religiões, achamos a escôla jonica como fonte commum de todas as escôlas gregas, representada por Tales, Anaximandro, Anaximenes, etc. Ora não só pertence a esta escôla, sobretudo a Empedocles, a theoria dos quatro elementos: terra, agua, ar e luz ou fogo, aos quaes Bruno juntou um quinto: — o ether, como tambem as idéas da unidade do todo e das partes ou da substancia formal com a substancia material, atraz indicadas, não são mais do que um amplo desenvolvimento da união do movimento e da substancia e da natureza dos elementos immutavel e presente em todas as combinações, theorias sustentadas por Anaximandro de Mileto. O *unum ens infinitum immobile* pertence á escôla eleatica, a Parmenides, a Zenon, a Xeníades e a Melissos. Da escôla italica ou de Pythagoras era Giordano Bruno entusiasta, como o revela a cada passo. O « *sempre fare e produrre e sempre esser fatto e prodotto* » deriva evidentemente das idéas de Heraclito: « Tudo corre n'uma perpetua mobilidade, tudo passa como um rio. » Para Bruno como para Heraclito só a razão é o criterio da verdade, não a razão fundada no testemunho dos sentidos, mas a razão geral, a razão ideal do universo. Ainda a concepção da identidade dos oppositos tem a mesma origem. O pantheismo de Anaxagoras aproxima-se em mais de um ponto do pantheismo do philosopho italiano, sobretudo no principio que *tudo está em tudo*, equivalente a este: « *agni cosa sia in agni cosa.* » O principio do *atomismo* vem de Leucippo, de Democrito, de Epicuro; os atomos eternos, indivisiveis, innumeraveis, movendo-se constantemente, são para Giordano Bruno a fonte de vida do universo: « as partes e atomos têm curso e movimento infinito, pelas infinitas vicissitudes e transformações, tanto das fôrmas, como dos lugares. » O principio da infinidade dos mundos, brilhantemente defendido por Giordano Bruno, tem identica origem, data de Anaximandro, dos atomistas, de Epicuro. A identificação da Necessidade com a divindade, com a causa primaria, procede de Empedocles para quem a Necessidade ou o Destino era o unico Deus, e dos estoicos, que aceitaram e desenvolveram este principio.

São innumerables as afinidades do systema philosophico do author italiano com as doutrinas de Platão. Como vimos, para elle o fim da sciencia é a descoberta do absoluto pela razão. Para Platão, a sciencia tambem não passa de uma primeira intuição, superior e anterior a todas as provas fornecidas pelos sentidos, uma como manifestação do Inconsciente, de Hartmann. É platonica esta affirmacão: *Est animal sanctum, sacrum et venerabile mundus*. O mundo é um animal, santo, sagrado e veneravel. É ainda mais: um sér perfeito, uma divindade mesmo, feita á imagem do mundo ideal. Esta metaphysica, attingindo o grau do absurdo, e na qual a dialectica vence o bom senso, é inteiramente de Platão.

Giordano Bruno, idealista convicto e adversario implacavel de Aristoteles, que combate em todas as suas obras, aceita no emtanto do grande philosopho grego algumas theorias como a da relação da materia com a fôrma e do poder com o acto. Para Aristoteles «todo o corpo é uma *materia* (ou poder), revestida ou privada de uma *fôrma* que a constitue em *acto* pelo effeito do *movimento*, causa de geração e de alteraçãõ, que renova incessantemente as cousas e substitue os mortos pelos vivos, sem nada ajuntar, sem nada tirar á substancia fundamental, ao possivel» (Lefèvre, *La Philosophie*, pag. 129). Estas subtilidades aristotelicas foram aceites por Bruno, embora modificando-as e adaptando-as ás suas proprias theorias metaphysicas. «A coincidência da materia e fôrma, do poder e acto» é admittida francamente pelo philosopho nolano.

Se da philosophia antiga, Giordano Bruno recebeu tantas das suas theorias metaphysicas, da philosophia medievelica ou christã aceitou o ponto de vista espirital, a idéa de Deus como a conceberam alguns padres da Igreja; isto é, o principio originario das cousas é um ente infinito e espirital que dá origem ás mesmas cousas por creação. Bruno na sua philosophia fundiu o character naturalista que presidia ás concepções dos antigos philosophos com o character espiritalista, proprio da idade média.

Esboçadas n'estas poucas linhas as relações de Bruno com a philosophia dos tempos anteriores, consideramol-o agora como precursor da philosophia moderna.

Precedeu Spinoza na concepção da necessidade natural das cousas; a *natura naturans* é a razão absoluta da *natura naturata*, isto é, ha nas cousas uma força propria que é causa da sua formação. Segundo Spinoza, a substancia é necessariamente infinita e indivisivel, sendo ao mesmo tempo o proprio Deus. Para Giordano Bruno: «Todas as cousas estão em cada cousa e por conseguinte tudo é uno... O ente é multimodo e multiunico e emfim um em substancia e verdade... A substancia... é uma e indivisivel em tudo e em qualquer cousa que se queira.

Precedeu Leibnitz na concepção da monada; este philosopho define-a: uma substancia simples que entra nos compostos, simples, isto é, sem partes. O philosopho italiano dissera um seculo antes: *Monas est individua rei substantia*. Mas a identidade estende-se da definição á doutrina monadologica, á acção d'esses *pontos metaphysicos*, unidades constitutivas das substancias, principios incorporeos dos corpos.

Precedeu os idealistas allemães em muitas das suas concepções. A identidade absoluta do ideal e do real, do espirito e da natureza, do objecto e do sujeito, que é o todo, a essencia do que existe, a identidade absoluta dos oppostos, a alma universal, a infinidade do universo, a explicação successiva do mundo, o effeito infinito de uma infinita e absoluta eficiencia, etc., principios e theorias de Schelling, encontram-se, alguns ainda em germen, nas obras de Bruno. O mesmo succede com muitas theorias e principios de Hegel, taes como as concepções do Espirito, da Idéa e do Futuro: A Idéa desenvolve-se em tres tempos, segundo Hegel; a idéa em si, por si e para si, isto é, logica, natural e espiritual e é o fundamento da realidade. Para Bruno: «a verdade está antes de todas as cousas, está com todas as cousas e sobre todas as cousas... É ideal, natural e nocional; é metaphysica, physica e logica, etc.» O Espirito absoluto é a idéa conscia de si, isto é, na sua fôrma mais concreta e mais alta. Segundo Bruno, um espirito, intimamente junto á materia, enche e contém em si tudo. Produzir e crear sempre e ser sempre produzido e creado é o fim constante da causa primeira ou absoluta eficiencia que para Bruno é a verdade e para Hegel a Idéa, isto é, a verdade. Tal é o Futuro para os dous philosophos. Ha ainda nas obras de Giordano Bruno os primeiros esboços, alguns bem caracteristicos, das concepções de outros idealistas allemães, como a Vontade de Schopenhauer e o Inconsciente de Hartmann. Crêmos que não são exageradas estas palavras de Lefèvre (*La Philosophie*, pag. 227): «Se a Inquisição lhe tivesse dado tempo para resumir e coordenar as suas doutrinas, a historia dos philosophos seria reduzida a metade.»

Precedeu ainda os philosophos naturalistas modernos, aceitando o principio da infinidade dos mundos que constituem o universo sidereal, ponto incontroverso da Astronomia positiva, mas n'essa época qualificado de loucura em todas as Universidades; a theoria da identidade, na existencia real, da força e da materia, um dos principios da Physica moderna; e o principio de que a concepção da unidade das cousas se effectua na mente pelo trabalho logico sobre observações singulares, e differentes, um dos fundamentos da psychologia na actualidade. Emfim precedeu ainda Darwin, Hæckel e Spencer, divulgando idéas perfeitamente admit-

tidas pelo transformismo e evolucionismo de nossos dias. « O que era semente, escreve Bruno, se faz herva, e do que era herva se faz espiga, do que era espiga se faz pão, do pão chylo, do chylo sangue, d'este semen, d'este embryão, d'este homem, d'este cadaver, d'este terra, d'esta pedra ou outra cousa e assim por diante, chega a todas as fórmas naturaes. » Mais ainda: « Como de uma mesma cera ou outra materia se formam diversas e contrarias figuras, tambem da mesma materia corporal se fazem todos os corpos e da mesma substancia espiritual são todos os espiritos. . . E junte-se a isto que por diversas razões, habitos, ordens, medidas e numeros do corpo e espirito são diversos os temperamentos, compleições, produzem-se diversos órgãos e ajuntam diversos generos (*cenis*) de cousas. » Este presentimento luminoso das doutrinas darwinianas estendeu-se até á importancia do instincto, á parte que elle toma nas relações sexuaes e na sua selecção, e ainda á tendencia para a belleza na propagação das especies animaes.

É esta feição de precursor dos modernos trabalhos scientificos e philosophicos a que mais nos interessa nas obras de Giordano Bruno. A parte mais vasta, consagrada á metaphysica pantheista, que absorvia e dominava inteiramente o seu espirito, tem contudo o valor de um documento precioso para a historia dos conhecimentos humanos, e é sobretudo debaixo d'este ponto de vista que tem merecido nos tempos modernos a attenção dos pensadores e dos philosophos.

Não devemos terminar estas breves considerações sobre a obra geral de Bruno, sem fazer notar que elle, além de philosopho, era um poeta e um estylista de verdadeiro merito. A intima alliança entre o pensador e o artista revela-se nas suas obras philosophicas e sobretudo na sua comedia *Il Candelajo*, escripta nos primeiros tempos da sua peregrinação pelo estrangeiro e publicada em Paris em 1582 e na qual se encontram em embryão muitas das idéas mais tarde desenvolvidas nas suas obras. *Il Candelajo* é a applicação da doutrina do author sobre a ligação indissolúvel da fantasia pratica com o pensamento philosophico, e por isso é um complemento dos seus trabalhos philosophicos. Na dedicatória da comedia escreve elle, indicando já a direcção das suas doutrinas posteriormente propagadas: « O tempo tudo toma e tudo dá; cada cousa se transforma, nenhuma se aniquila; só um não póde transformar-se, só um é eterno e póde perseverar eternamente uno, semelhante e mesmo. » Eis uma explicação dos phenomenos naturaes que se encontra n'essa comedia: « A natureza não falta ao necessario, nem abunda no sobejo. As ostras não têm pés, porque em qualquer parte do mar que se achem, têm tudo o que basta para o seu sustento. . . As toupeiras tambem não têm olhos, porque a sua vida se

passa debaixo da terra... A quem não têm arte não se dão instrumentos.» Ora *Il Candelaio*, apesar e além da sua importancia sob o ponto de vista philosophico, é, na opinião de A. Graf, «depois da *Mandragola* de Niccolò Machiavelli, entre todas as comedias dos quinhentistas, a mais comica e a mais satyrica: é uma das menos conhecidas e das poucas que melhor o deveriam ser.»

Tullo Massarani diz que *Il Candelaio* não deve «considerar-se senão como prodromo de um outro e mais vigoroso assalto contra a formidavel rocha da superstição medieval; assalto effectuado ainda sob a mascara das allusões e com a arte dos estratagemas. Depois da comedia vem a allegoria: um livro que ficou por muito tempo, por causa da sua raridade, muito mais famoso do que conhecido, e ao qual durante muito se deram quasi tantos paes putativos quantas suppostas patrias a Homero: refiro-me ao *Spaccio della Bestia trionfante*.» A esta exposição allegorica das suas idéas reformadoras, segue-se ainda um outro livro mais violento e mais arrojado, uma satyra contra a theologia e os theologos — *La Cabala del Cavallo Pegaseo*.

## III

Giordano Bruno pergunta no seu *Spaccio della Bestia trionfante*: «Para que descansamos e dormimos em vida, se tanto e tanto devemos descansar e dormir na morte?» Elle é que não descansou nem dormiu. Foi infatigavel. A sua existencia consumiu-se n'um labutar insano, propagando idéas de livre exame e combatendo com a voz e com a penna os preconceitos, as superstições e as crencas religiosas, sem temer perigos nem respeitar conveniencias de qualquer natureza. Dizia e escrevia o que pensava e os seus actos não contradiziam as suas palavras. Se, quando a Inquisição se apoderou d'elle pela traição vil de um discipulo, hesitou um momento, não tardou muito que não se erguesse de novo, mais alto e mais orgulhoso do que nunca para arrostar a morte com uma coragem inquebrantavel, como um repto lançado á Igreja, que o julgára e condemnára. As suas cinzas espalhadas ao vento foram como que os germens da grande revolução mental que aniquilando o poder espirital do catholicismo, levantou a sciencia como a unica fonte dos conhecimentos humanos. Vão passados tres seculos desde que Giordano Bruno pereceu sobre a fogueira, mas foram os sufficientes para que a evolução historica reduzisse á impotencia o passado, essa instituição que condemnou o philosopho á morte, e fizesse justiça das idéas de liberdade apregoadas

por elle, erigindo-lhe na propria praça onde foi queimado uma estatua, com o applauso e a coadjuvação dos principaes pensadores e philosophos de todo o mundo. Semelhante monumento erguido por subscripção publica e internacional no *Campo de' Fiori*, em Roma, representa mais do que uma homenagem prestada á memoria do philosopho martyr, mais do que « a gratidão ao heroe do pensamento, ao arauto da philosophia nova », representa sobretudo um padrão de gloria que marca o triumpho completo, a victoria decisiva da philosophia sobre a theologia, da sciencia sobre a religião, do espirito moderno sobre a Igreja catholica.

TEIXEIRA BASTOS.

## DE MARCANO A COMMENDADOR

(Conclusão)

Quiz agradecer, a voz entalou-se-lhe na garganta, e quando conseguiu balbuciar um *muito obrigado*, nos olhos marejavam lagrimas de reconhecimento e alegria.

— Era pois caixeiro, estava realisada a sua primeira, a sua grande aspiração de luctador. Ah, como n'aquelle momento elle se sentia capaz dos mais titanicos esforços e enternecido do mais transbordante altruismo!

— Um Deus, o seu rude patrão, o tyranno de ainda ha tres dias, que lhe puxára as orelhas atraz do balcão. Beijal-o-hia, se elle consentisse.

E n'esta irradiação de impressão nervosa, que o sentimento psychico não fôra bastante para esgotar, o Joaquim, ao subir as escadas do seu quarto, levava os degraus quatro a quatro, n'uma ligeireza de saltador, que lhe recordava os felizes tempos da sua infancia livre.

Tirou da caixa um pequeno espelho, poz-se bem em frente da lamina para collocar a gravata.

— Era bem ella, a sonhada gravata de sêda que lhe cingia, como n'um amplexo voluptuoso, o seu pescoço esguio de rapaz.

Calcava-a dôcemente, aconchegando-a do peito, como se fôra um collar precioso de diamantes de fina agua. Não seria mais co-

*quette* uma rapariga, que se visse pela primeira vez enfeitada com uma joia rica.

— Estava bem — concluiu.

E porque o sentimento de alegria desbordava ainda da sua alma inundada, deu dois saltos no quarto, os braços abriram-se como que para estreitar visualidades queridas que lhe appareciam á imaginação.

— Pobre mãe, como ficaria contente, se o visse agora! E os rapazes do seu tempo, que diriam tambem?

Uma bôlhasita de soberba estalou então dentro da sua alma.

— E o Alberto, o Alberto da Viuva, que ainda continuava marcano, apesar de ser mais velho!

— Coitado! — abrandou logo n'uma compassividade sentida — quem lhe déra vél-o feliz tambem! sempre era da sua terra!

Um outro nome lhe afflorou aos labios por entre um sorriso enleiado de pubere.

— E a Laura, o que diria a Laura? Se ella estivesse alli, como elle a abraçaria enthusiasmado!

Córou, porém, d'aquelle desejo solitario, d'aquelle atrevimento ideal, que o atirava tremulo aos braços do seu primeiro amor, um sonho ainda, que não chegára a delinear-se bem na sua imaginação, mas que entretanto o incommodava já, como uma sensação deliciosa e pungente.

— Era tão linda a Laura!

— E agora, no primeiro domingo livre, passar-lhe-hia por junto da porta, se ella não viesse antes á loja comprar objectos para casa da modista.

A costureira veio effectivamente; o patrão tinha sahido e pôde permittir-se então a liberdade d'uns apertos de mão, uns parabens demorados, que o fizeram enrubescer até ás orelhas, quando a Laura, maliciosa já, se comprazeu em fital-o demorada e dôcemente, o risinho d'um appetite voraz correndo como um desejo nos seus labios quentes, franjados por uma pennugem negra.

— Vaes domingo á Cordoaria, sim?

\*  
\*   \*  
\*

Que transbordamento de alegrias esse primeiro dia de embriaguez do coração!

Não dormira á noite, febricitante, e feliz, porque estivera a sós com ella, sentira a sua pequenina mão pousar nas suas, lambera-



lhe ancioso os effluvios do olhar ! E comtudo nem um beijo só fôra capaz de dar-lhe !

— Só Deus sabe como devia ser bom esse prazer desconhecido, que o attrahia para ella, de preferencia a todas as outras mulheres.

Assim foi que a sua puberdade despertou, inquieta e agitada, como a primeira tempestade organica, que o abalou até ao fundo da consciencia.

Teve necessidade de confidenciar os seus amores, a sua louca paixão ao Alberto da Viuva, o seu amigo de infancia.

Foi eloquente e entusiasta, todo o azul do céu lhe parecia pouco para cobrir a sua felicidade. Mas o Alberto, mais velho uns dois annos, vicioso já, riu-se da parvoice :

— Ora não sejas asno, atira-te a ella ! E olha que já não és o primeiro.

Como foi horrivel esta declaração brutal do seu amigo !

— Não era bem um punhal, que sentira atravessar-lhe o peito, era um ferro em braza, que o escandeceu lá por dentro, que rechinou as fibras mais delicadas da sua alma ainda virgem, mas ciumenta já.

— E quando teve depois outros amores, nunca — dizia elle uma tarde ao Alberto no restaurante do Atheneu — sentira dôr egual áquella, que experimentára ao saber que a Laura não era d'elle só.

— Pois tu que pensavas ?

— Quando a gente tem quinze annos e ama pela primeira vez . . .

Ficou por instantes pensativo, como se todo o seu espirito voára ao encontro d'essas passadas illusões, tão boas e tão felizes, antes da revelação do seu amigo, como amarguradas depois d'ella.

— E ainda a amas, aposto ?

— Isso sim ; livreí-me do perigo a tempo, e hoje é que reconheço quanto eu era asno. Vê lá, se eu tivesse continuado, se poderia ir agora á terra, como vou pelo Natal ; comia-me o bago todo.

— Sempre vaes, então ?

— É tenção formada ; um alegrão para os velhos . . .

— A mim enoja-me aquillo ; farto de aldeia vim eu de lá.

\*

\*

\*

No meio da sua vida de trabalho foi uma estação de prazer a curta visita ao lar paterno, por ocasião do Natal.

O pae e a mãe choravam de alegria, o próprio Turco demonstrou o seu contentamento latindo dôcemente em volta dos seus pés.

Quasi nada havia mudado; alguns casamentos mais, algumas mortes tambem. Mas a physionomia geral da freguezia era a mesma; reconhecia as mesmas arvores; as mesmas ruas encharcadas, o mesmo campanario, os mesmos typos da aldeia.

As raparigas achavam-o apenas mais galante, *conversavam-o* com prazer no serão das da Fonte, onde elle ia ás noites, com os rapazes do seu tempo, que o admiravam boçalmente, quando o ouviam narrar episodios da vida da cidade. Elle sentia-se lisongeadado esta superioridade indisputada, distribuia cigarros com largueza, contava aneddotas de theatro e de namoros, uma *verve* de caixeiro em ociosidade, com o ultimo estribilho em moda na cidade, a terminar sempre a sua conversa ruidosa.

O reitor, um bom velho muito sensato, vendo-o no adro ao sahir da igreja, disse para os da junta de parochia:

— Olhai, vocês, que sempre me vem um fanfarreira o filho do Domingos!...

— Verduras, verduras, snr. reitor — observou um dos conspícuos membros da junta — mas não vai mal, ao que parece; aquillo é tudo treta.

— Pois letra dera-lh'a Deus.

\*  
\*   \*  
\*

Regressando ao Porto, entrou pouco depois para irmão da Trindade. Seduzira-o sempre nas procissões solemnes o largo peitilho branco, onde assentava a cruz vermelha e azul da ordem, capa fluctuando ao vento, em ondulações empavezadas.

Na procissão de Cinza vestiu pela primeira vez o habito, e foi com uma grande seriedade do seu papel de indispensavel na festa, o cabelo penteado a bandolina, que elle curvou ceremoniosamente a cabeça, n'uma mesura de importancia, ao passar por baixo da janella da virva do Gomes Costa, onde se debruçava no obeso esplendor das suas vinte primaveras bem nutridas, a menina Elvira, uma das melhores freguezas do seu estabelecimento.

— Que seriedade o Joaquim, não reparou, mamã?

— Se te parece ! havia de ir a rir-se ! o logar é proprio para isso...

A idade, amadurecendo-lhe as fanfarronadas irreflexivas, sem lhe diminuir as energias do trabalho, ia fazendo d'elle um negociante sisudo e considerado, *pé de boi* como já havia poucos, — commentava o Manoel Carlos que ia envelhecendo, — a quem se podia confiar sem razão de queixas o giro da casa.

E foi assim que, pouco a pouco, pela seriedade do seu porte, pelo seu servilismo obediente e passivo, pela sua infatigavel assiduidade ao balcão o Joaquim, o filho do velho Domingos jornalista, chegou a conquistar a posição ambicionada de socio da casa, e a ligar o seu nome ao movimento da firma commercial, debaixo da designação anonyma do *& Comp.<sup>a</sup>*

A viuva Gomes convidou-o depois d'esse dia para jantar aos domingos, ao que o Joaquim accedia de bom grado, orgulhoso da consideração e além d'isso com a idéa fixa de namorar a Elvira, casar um dia com ella.

— Pesava quarenta contos, não era para desprezar.

Retirando-se do commercio, o Manoel Carlos, preso apenas por uma commandita insignificante, deixou o Joaquim como successor indispensavel.

A firma só mudaria um pouco ; acrescentaria apenas o nome do seu ex-caixeiro e moderno socio. Combinou-se que se fizessem circulares aos freguezes sob o nome de *Silva, Gonçalves & C.<sup>a</sup>*, annunciando que o gerente principal da antiga e muito acreditada casa *Silva & C.<sup>a</sup>* era desde essa data o socio Joaquim Gonçalves.

E n'uma boa camaradagem de iguaes, a confiança estabelecida, as antigas relações hierarchicas dissolvidas no interesse commum e na familiaridade conquistada dia a dia, os dois, e mais alguns amigos, foram n'esse dia jantar ao Cysne, e beberam champagne, depois de muito verde, pela taça da fraternidade.

Como era agora desanuveado o seu horisonte, feliz o seu destino !

— Tinham-lhe já morrido os paes, é certo, sem o terem visto chegar áquelle apogeo de vida gloriosa, e isso contrariava-o no seu egoismo. Mas que havia de fazer-lhe ? Não havia de estar eternamente na aldeia sacrificado á lavoura miseravel. Era a ordem do mundo. Lá estavam os do seu tempo ainda a fossar na terra. E os que tinham como elle seguido outro destino ? O Alberto não dera a final em conductor dos americanos ? Deshonrava-se até de lhe fallar ! Um pantomineiro... nunca tinha sido outra coisa tambem... Elle fôra feliz, é certo, mas fizera muita vontade, carregára muita vez fardos, como gallego. Agora consideravam-o, sim, mas é por-

que elle subira até onde desejava... até onde desejava... — repetia vagoroso, e suspendeu-se na phrase, um ligeiro sorriso perpassando nos seus labios escanhoados, como que indo a esconder-se nas suissas castanhas e espessas.

— Mais alguma coisa desejava, monologou como acariciando um sonho, mas havia de vir, estava certo d'isso.

O seu estabelecimento prosperava e o Joaquim não se limitava já ao antigo movimento da casa; entrava em mais largas transacções, arrojava-se a commettimentos ousados.

— E sempre bem — murmuravam os invejosos — quanto mais burro, mais peixe.

Nas proximas eleições para a camara chegou a fallar-se muito no seu nome. O visconde de Carvalho, muito mettido na politica e no alto commercio, instou-o para que entrasse na sua lista.

— Mas, não... , era cedo ainda; não dizia que para outra vez não acompanhasse s. exc.<sup>a</sup>, cumpria-lhe recusar muito lisongeadado pela honra.

— Como você quizer, mas acho que faz asneira; eu desejaria immenso mettel-o para dentro.

O visconde tornou-se então seu amigo, o que se por um lado ensoberbecia o Joaquim, por outro o acabrunhava por vezes, porque o visconde não se preocupava em fazel-o assignar algumas letrasinhas.

— O diabo, este visconde!

Mas iam bem os negocios e o Joaquim não tinha razão para lamentar-se. Para o ter mais junto da sua intimidade o visconde pensou em fazel-o commendador, um sonho que pôde surprehender-lhe não sem custo.

— Mas porque diabo não dá você um jantar aos presos, um cobertor a cada um? vem ahi os annos da rainha, solemnise-os d'essa fórma, deixe o resto por minha conta...

E foi por conta do visconde que a commenda veio aljofrar-lhe o peito, tres mezes depois que os jornaes o proclamaram um philanthropo e caritativo cidadão, honra da classe commercial.

Tinha então 45 annos.

O casamento com a Elvira não se effectuára, porque a rapariga não quizera esperar tanto tempo, e havia preferido desposar um empregado do Banco Industrial, menos rico decerto, mas um pouquinho mais elegante.

Esta contrariedade roubou alguns dias de somno ao Joaquim Gonçalves, que assim via fugir-lhe o melhor de quarenta contos.

A commenda veio para o compensar d'essa perda e, melhor talvez do que a commenda, a viuva do Bastos, um brasileiro que morrera um anno antes, legando perto de cem contos.

— Até foi melhor negocio — dizia o commendador Joaquim esfregando as mãos de satisfeito.

Frequentava assiduamente a casa da viuva, levando-lhe presentes ricos, mimos preciosos, *bouquets* de flôres elegantemente armados no Loureiro, as primicias das frutas do mercado do Anjo.

As más-linguas fallaram, mas o commendador e a viuva aconchegados no seu amor serodio, ricos ambos de fortuna, sorriam maliciosamente.

— Que fallem elles — dizia a D. Carola, que se mordam de inveja. — E combinaram apressar o casamento, para os fazer fallar ainda mais.

\*  
\*   \*  
\*

A D. Carola quiz noivar no Bom Jesus e d'alli, exigia elle, iriam viajar pelo Minho, passariam alguns dias na sua aldeia.

— Tinha já mandado arranjar a casa paterna e avisado o caseiro para que pudesse recebê-los.

Foi pela tarde, que chegaram, uma tarde calma de verão, quando se esbatia já pela montanha o crepusculo avermelhado do sol poente.

— Mas que massada! — dizia a D. Carola — Ainda não se vê essa tua terra... que roça perdida no fim do mundo!

— Estamos já na freguezia; olha, além está a torre, que eu mandei concertar, ha quatro annos, quando um raio a destruiu.

Ao aproximarem-se do adro, uma philharmonica estrondeou o hymno, estralejaram no espaço foguetes sem conta, os sinos repicaram e o Caneças, um piteireiro avinhado, homem para todos os transes, levantou os vivas do estylo.

— Fôra uma surpresa da junta de parochia, queriam assim significar-lhe a gratidão pelos paramentos novos que lhe havia offerecido, o concerto da torre, e outros actos philantropicos — explicava o professor á D. Carola.

A noite veio, noite serena e luarenta, embalsamada com o perfume resinoso dos pinheiraes, que uma brisa suave trazia do flanco da montanha.

Na eira de pedra, eram onze horas ainda, o commendador Joaquim passeava só, entregue ao dôce recordar da sua longa vida.

— Como tudo estava mudado, como lhe parecia um sonho a sua situação de agora comparada com a de ha trinta e tantos annos! Tinham partido para o mundo da morte, n'esse longo intervallo, o velho jornaleiro seu pae, em seguida a sua pobre

mãe...; e o Turco, qual teria sido o fim do pobre animal, o seu amigo de infancia? A infancia!... como ella ia longe, essa visão tão querida! Só ainda as arvores lh'a recordavam, essas boas amigas, que elle vira ondular suavemente, como que a dizer-lhe adeus, quando ha quarenta annos atravessára o campo de verde centeio, agora deitado a horta, em cujo circuito ellas estavam dispostas, de espaço a espaço, como esteios da vinha de enforcado... E ainda essas não eram todas, notára de relance a falta de muitas, que o vendaval derrubára talvez ou que o tempo apodrecera decerto!

— E ahí está para que a gente trabalha, durante a sua vida inteira! — monologou desalentado.

Na calada da noite um murmurio brando fremia ao de longe, como o ligeiro riso ironico das feiticeiras das lendas. Era a agua do rio, que batia nas poldras, n'essas poldras onde o commendador Gonçalves, então o Joaquim do Domingos, caçava trutas, ha quarenta annos.

Parecia chamal-o esse murmurio flebil, e sem que elle mesmo soubesse a razão por que o fez, para lá se dirigiu, attrahido por esse cantico pantheista da agua, onde dormia embalada a tradição inteira da sua vida.

— Para que me abandonaste? — parecia dizer-lhe a corrente.

O luar batia na superficie do rio e em frente, na outra margem, o commendador reconheceu o penedo, onde se sentára muitas vezes para pescar ao anzol.

— Via-se alli, via-se alli — exclamou commovido por aquella impressão tão funda. — Ó Alberto, ó Manoel! — gritou para os rapazes do seu tempo — olhai esse raio de truta, que se me escapa pelo açude...

Uma nuvem obnubilou o luar, a natureza mergulhou na sombra. E ao vêr-se isolado alli, no vasto silencio da noite, o homem, esvaecida a illusão, chorou como uma creança. Essas lagrimas salvaram-o talvez da noite profunda da loucura.

— E tanto — observava elle depois referindo esta impressão tão viva — que no dia seguinte mandei erigir um mausoleu de marmore aos meus progenitores, em que ficou gravado em letras d'ouro o nome do commendador Joaquim Gonçalves, natural d'aquella freguezia.

## COSTUMES AFRICANOS

### Casamento no interior da ilha de S. Thiago de Cabo-Verde

É sobremaneira curioso o modo por que se celebra o casamento no interior da ilha de S. Thiago.

Segundo a tradição oral, eram os noivos fechados ou n'uma caopeira de gallinhas ou n'uma possilga de porcos: se porventura supportassem o cheiro nauseabundo que d'ellas se exhalava, era certo prenuncio de que os nubentes seriam felizes; se não pudessem soffrer o cheiro, era agouro de que não poderiam soffrer as agruras do casamento.

Hoje, graças á electricidade, já não praticam semelhante costumeira.

Tomadas todas as precauções necessarias, no dia seguinte os noivos dirigem-se á igreja.

Antes de sahirem de casa, o noivo bate com o pé direito tres pancadas no vestibulo da porta, e depois de receberem as benções dos paes e padrinhos encaminham-se á igreja.

Magotes de bailadeiras entôam a canção que denominam afinação geral:

«Nha amor bae pregado na taboa de mangirôna :  
«Onde qué berde amor corré ;  
«Onde qué secco pedra calcã. »

Vae meu amor, vae pregado  
N'uma taboa de mangerôna :  
Onde estiver verde, por agua será regada ;  
Onde secco estiver, por pedra será calcada.

Depois :

« Amor câ branco, amor câ preto :  
 « assim cumâ furmoz câ tâ armado grêfa ;  
 « assim cumâ feio câ tâ matado. »

---

O amor não é branco, nem preto :  
 assim como p'ra mulher formosa não s'erige ara,  
 Assim também a mulher feia não deve ser morta.

Depois de effectuado o casamento, o noivo bate novamente tres pancadas com o pé direito no solar da igreja, que d'ordinario não é soalhada, e depois os noivos e convivas dirigem-se a casa.

No centro da casa nupcial erige-se um estrado, onde os noivos se assentam. A noiva deve, para não ser infeliz no casamento, estar sempre afogada em prantos. É defeso aos nubentes comer n'esse dia : só os padrinhos do casamento têm o direito de, hora a hora, offerecer um bôlo ou coisa semelhante aos nubentes.

De noite recolhem-se ao thalamo conjugal ; e, se alta noite se ouvir a detonação d'uma arma de fogo, é prova evidente de que a noiva estava virgem.

Ao alvorecer, grupo de cantadeiras e bailarinas ao som da viola, terminam pelo estribilho :

« Nha noiva nova drûme com sucre na bôcca e manxé cu limum na mô. »

---

A noiva dormiu com assucar na bocca e acordou com um limão na mão.

Depois de se levantarem os noivos, a madrinha do casamento vai revistar-lhes a camisa de dormir e a saia para verificar se a noiva conservava a virgindade. Verificada que seja, põe o sudario á exposição sobre uma cadeira á porta da rua.

Então os paes dos noivos, padrinhos e convivas á porfia, deitam dinheiro, panos, bijoux, alfinetes e varios outros objectos de subido valor, de guisa que muitas vezes os noivos d'um dia para outro se convertem em *parvenus* e Rotchilds em miniatura, emquanto que na vespera eram uns pobretões.

Bolama, 27 de novembro de 1884.

F. DE BARROS.



## GOMES FREIRE DE ANDRADE

A gloria militar que aureolou este nome nas batalhas contra os argelinos em 1784, no terrivel cerco do exercito russo em Oczakof em 1788, no começo da guerra peninsular, no Roussillon em 1793, nas campanhas contra a Russia em 1812, essa gloria consagrada por todos os chefes da orgia marcial que perturbou o começo do seculo XIX, não bastou para libertar o general portuguez Gomes Freire de Andrade da morte ignobil e ultrajante da forca, aqui na sua terra, em 18 de outubro de 1817, quando a nossa patria estava sob o jugo inglez de Beresford! A gloria militar esvaiu-se com o fumo das batalhas; as condecorações dadas pela mão de Catherina II foram para os adeleiros; a confiança de Napoleão I aniquilou-se com o desmoronamento do colosso, e de toda essa existencia activa e ávida de heroicidade, só ficou a memoria de uma forca, que immortalisa o nome de Gomes Freire. Essa forca foi o poderoso estimulo que acordou a consciencia nacional quasi extincta para a resistencia, e o nome de Gomes Freire inscreve-se como o do proto-martyr da liberdade portugueza na terrivel lucta contra o absolutismo retrogrado. Sem a sua morte iniqua e quasi selvagem não seria tão rapido o accordo entre os homens que realisaram a Revolução de 1820. As ideias para se generalisa-

rem precisam de receber a fôrma das emoções do sentimento; é por isso raro o principio doutrinario ou o progresso social, que saiu do dominio theorico ou da utopia sem ser universalisado pelo sangue de uma victima. A palavra *martyr* significa *testemunha*; é pelo sacrificio da vida que a verdade generosamente se evidencia. Quando Beresford e o Conselho da Regencia pensavam que trucidando o general Gomes Freire salvaguardavam o protectorado inglez e a covardia do Bragança, eliminando esse braço capaz de resgatar a sua patria, foi pela sua criminosa sentença que no coração portuguez vibrou o sentimento da propria dignidade, proclamando a grande phrase: «*Um só pensamento nos une.*» A biographia de Gomes Freire é a pagina eloquente de uma época degradada, cheia de desalento, em que Portugal se acha entregue pelo seu rei ao exercito napoleonico, e depois de libertado por inauditos heroismos é entregue pelo mesmo rei paternal ao jugo militar do protectorado da Inglaterra, que ia pela força consummando o que iniciára pela cavillação no tratado de 1810.

Gomes Freire de Andrade, filho de Ambrosio Freire de Andrade e Castro, nasceu em Vienna de Austria, em 27 de janeiro de 1757, quando seu pae alli se achava como embaixador. Ferdinand Denis fixa a data de 1752, tirada da gravura de um retrato de Gomes Freire feito por Sequeira. O embaixador portuguez casára com a condessa de Schafgoche, da nobreza mais illustre de Bohemia; pelo seu lado contava elle na familia os nomes de inclytos varões, como o de Jacintho Freire de Andrade, e de dois generaes tambem insignes, Gomes Freire de Andrade, (1636-1702) o pacificador do norte do Brazil, e esse outro Gomes Freire de Andrade, (1685-1763) que libertou o sul do Brazil, iniciou alli a civilisação, sendo agraciado com o titulo de conde de Bobadella. As tradições de familia, e a existencia em uma côrte faustosa como a de Vienna, e no momento em que o cesarismo brilhava com os seus ultimos lampejos, decidiram da vocação do joven Gomes Freire, que se determinou pela carreira das armas, considerada como a unica fôrma da actividade condigna da aristocracia. Gomes Freire veiu então a Portugal e sentou praça no regimento de infantaria de Peniche, sendo promovido a alferes em 1782, como competia á sua nobreza. Portugal não se achava envolvido em aventuras militares, e o joven fidalgo procurava em todos os acontecimentos da Europa ensejo em que pudesse distinguir-se pela bravura. A Hespanha achava-se governada por Carlos III, rei intelligente e coadjuvado por ministros de primeira capacidade; um dos seus pensamentos governativos era extinguir a pirateria dos estados berberescos que captivava annualmente nas aguas do Mediterraneo e nas costas da Hespanha perto de trinta mil pessoas, cujo resga-

te, segundo a opinião de Campomanes, importaria em trinta milhões de pezos, aproximadamente. A orla marítima hespanhola despojava-se, enormes despezas eram indispensaveis em flotilhas costeiras, e o commercio achava-se constantemente ameaçado. Este mal conservava-se por desleixo da parte dos governos, e os frades trinitarios exploravam a situação para se popularisarem pela caridade para levantarem em todo o paiz grandes sommas esmoladas para o resgate dos captivos. Carlos III atacou o mal na sua raiz, mandando primeiramente uma armada bombardear Argel, em 1784, e em seguida celebrar tratados com Argel em 1785, e com Tunis em 1786, pelos quaes se extinguiu a pirateria no Mediterraneo. O partido catholico hespanhol queria uma guerra perpetua com o turco, e considerou o facto d'esses tratados como um attentado de apostasia da parte do rei. Os beneficios foram immediatos, e como diz Sempere, Carlos III reagindo contra o preconceito nacional: «dictou a paz com os imperadores da Turquia e com os outros potentados mahometanos; libertou os seus subditos da terrivel pirateria dos corsarios, e abriu ao commercio novas vias para especular com as maiores vantagens.» Vê-se portanto que o bombardeamento de Argel foi um episodio, porque o triumpho definitivo da civilisação foi conseguido pela diplomacia. A guerra tornava-se de cada vez mais uma anomalia na historia da Europa, e o seu desenvolvimento só se observava nos estados atrazados, como a Prussia e principalmente a Russia. Gomes Freire não pôde deixar passar despercebido esse accidente do bombardeamento de Argel, para o qual o governo portuguez cooperou enviando tambem as náos *Santo Antonio*, *Bom Sucesso*, e as fragatas *Golfinho* e *Tristão*; o joven militar pediu transferencia para a marinha, indo na expedição, onde se distinguiu no ataque da bateria do Escolho, e na perseguição das lanchas argelinas. Gomes Freire conservou-se na armada alguns annos, sendo em 8 de março de 1787 despachado tenente de mar; porém, a pirateria argelina estava acabada pelos tratados diplomaticos, e o joven bravo que já não tinha que fazer na armada, aborrecendo-se da insipida vida do mar, pediu para ser transferido para o seu antigo regimento 13, de Peniche, tendo passagem com o posto de sargento-mór em 30 de abril de 1788. N'este mesmo anno surge a eterna *questão do Oriente*, entre a Russia e a Turquia; o joven Gomes Freire viu n'essa campanha terrivel, dirigida por Potemkin, uma occasião propicia para assignalar-se, e requereu a D. Maria I licença para ir servir no exercito russo. A rainha assim o concedeu em 17 de maio de 1788, e logo em 17 de outubro, Gomes Freire era um dos primeiros que entrava no assalto e occupação da fortaleza de Oczakof, diante da qual o exercito russo e a esquadra se julgavam impotentes. A im-

peratriz Catherina II, sabendo dos elogios publicos dados a Gomes Freire pelo general Souwarow, offereceu-lhe uma espada de honra, e condecorou-o com a ordem de Sam Jorge, cuja gram-cruz fôra concedida como honra suprema ao general em chefe Potemkin. O nome de Gomes Freire começava já a ser para Portugal uma gloria, sendo promovido antes do seu regresso ao posto de tenente-coronel de primeira plana em 8 de outubro de 1790, e em seguida a coronel do regimento do marquez de Minas, em 18 de janeiro de 1791.

O regresso de Gomes Freire a Portugal é fixado em setembro de 1793; honrado com o titulo de coronel do exercito moscovita, era elle o militar portuguez mais distincto pela capacidade, bravura provada e por uma reputação europêa. Era chegado o momento de começar a servir a patria; foi aqui que elle se achou na impotencia, cercado por todos os lados da covardia e vilieza dos governantes, tendo de ser inconsequente na sua actividade, já batallhando contra a França republicana em 1793 e 1794, já combatendo nos exercitos napoleonicos, « n'essa orgia final do instincto militar, » como Comte caracteriza as guerras do Imperio. É esta inconsequencia que precisa de ser explicada. A França pela sua revolução iniciára os principios da liberdade politica, que reflectiram em todos os estados da Europa; a proclamação da Republica demoliu o velho absolutismo do direito divino, e os despotas da Europa colligaram-se contra a França. Da parte das consciencias havia uma sympathia pelas *ideias francezas*, o que torna profundamente verdadeiro o dito do presidente Jefferson, da Republica norte-americana: « Todo o homem tem duas patrias: primeiramente a sua, e depois a França. » Porém da parte dos velhos interesses catholico-feudaes, a França era a anarchia jacobina, o crime triumphante, que era preciso abafar no sangue para que não lavrasse o incendio do liberalismo. Sem desconhecer a sua solidariedade occidental, a França entrou em um cyclo de *guerras defensivas*, derrotando todos os exercitos colligados do direito divino europeu. Foi durante este periodo, que a França creou os seus extraordinarios generaes, e os valentes soldados que o miseravel Napoleão Bonaparte arrastou ás *guerras offensivas* do Imperio, verdadeiramente absurdas, inuteis, e lucidamente caracterizadas por Augusto Comte como uma « anomalia guerreira. » Emquanto esses generaes e soldados duraram, Napoleão foi victorioso; quando porém o infame corso se achou reduzido á gendarmerie dos recrutas apanhados ou contractados, caiu na lama de Waterloo. Os que defendiam a patria e o direito possuiam o segredo da bravura e da estrategia, que era inaccessible á ambição dos aventureiros que se atiravam á conquista militar cobrindo com este nome o systema de rapina.

No periodo das guerras defensivas da Republica, a Convenção nacional votou a guerra contra a Hespanha, em 7 de março de 1793; o imbecil Carlos iv compromettera o seu paiz propugnando pela salvação de Luiz xvi. Portugal, governado tambem por uma rainha demente, e por um bando de intrigantes que cercavam o mentecapto principe Dom João, mandou á Hespanha um contingente de Auxiliares composto de seis regimentos de infantaria e um de artilheria. Gomes Freire inscreveu-se immediatamente no exercito auxiliar de Hespanha, fazendo toda a campanha peninsular da Catalunha e Roussillon. O seu valor foi mais uma vez notado nos officios do general Forbes de Skellater. A câmpanha terminou pelo tratado de paz entre a Hespanha e a França, em 22 de julho de 1795, e Gomes Freire regressando a Portugal, foi por decreto de 17 de dezembro elevado a marechal de campo graduado, e a effectivo em 20 de novembro de 1796. O infame Bonaparte proclamára-se primeiro consul para mais facilmente destruir a Republica, e desesperado pela cooperação da esquadra do marquez de Niza, que servia o intuito da Inglaterra embaraçando a saída da esquadra franceza do Mediterraneo, fez o tratado secreto com a Hespanha para a invasão de Portugal. Carlos iv pagava com esta execranda villania os compromissos e os sacrificios da legião auxiliar de Portugal; a Inglaterra egoista abandonava Portugal á sua sorte. Foi assim que em 1801 Portugal se achou invadido pela Hespanha instigada por Napoleão, e sómente o marechal de campo Gomes Freire é que organisou a resistencia, sendo nomeado quartel-mestre general do exercito de Entre-Douro-e-Minho em 1801. Gomes Freire achou-se atraído e sósinho na defeza de Portugal; os intrigantes palacianos proferiram corromper com dinheiro nos tratados, tendo o paiz de pagar um novo resgate em 1804. Comprehende-se como o bravo general sentisse um profundo desprezo pelos validos covardes, e como estes conservassem um rancor secreto contra o unico homem capaz de sustentar pela força das armas a independencia de Portugal. Esta situação é o ponto culminante da biographia de Gomes Freire; d'aqui data o plano que urdiu a sua ruina, formado por personagens invejosos de sua propria familia. Gomes Freire de Andrade conhecia que Portugal só poderia defender-se fazendo de cada cidadão um soldado; começava então o cyclo das guerras do Imperio, d'essa orgia militar, que ensanguentou e envergonhou a Europa. Gomes Freire presentiu que a tempestade vinha sobre nós, como se poderia inferir pelas ameaças de 1801 e 1804; o grande general pensou em um systema defensivo de Portugal, e em 1806 publicou o notavel livro que tem por titulo *Ensaio sobre o methodo de organizar em Portugal o exercito*. É um livro extraordinario pelas conclusões a

que chegou o provado homem de guerra; a sua intelligencia e patriotismo leva-o para o systema militar defensivo tal como o conhecera na Suissa, que por elle se manteve illesa diante de todas as catastrophes da força na Europa. Qual a importancia d'este livro, pôde avaliar-se pelo silencio calculado em que o abafaram, e pelo odio que a Inglaterra votou a esse homem, assassinando-o ignominiosamente, porque era elle o que possuia o segredo da força por onde Portugal sacudiria o jugo quer da França napoleonica, quer do protectorado não menos sanguinario de um inglez.

Os factos seguiram a sua logica. Pelo tratado de Fontainebleau com a Hespanha em 27 de outubro de 1807, Napoleão fez a partilha de Portugal, publicando no n.º 317 do *Moniteur* este artigo: «O principe Regente de Portugal perde o seu throno; perde-o influenciado pelas intrigas dos inglezes que estão em Lisboa. A quéda da Casa de Bragança ficará como uma nova prova, de que a ruina dos que se ligam com os inglezes é inevitavel.» A intriga ingleza consistiu em fazer com que Dom João VI se declarasse Regente, tornando official a demencia de sua mãe, e decidindo-se a favor da Inglaterra contra o systema do blocus continental de Napoleão. Vinte e seis mil homens partiram de Bayona sob o commando de Junot, e entraram em Portugal, quando o principe regente mal sonhava a sua deposição; onze mil hespanhoes acompanhavam o exercito francez, commandados pelos generaes Taranco e Solano, chegando em marchas forçadas até Lisboa em 30 de novembro de 1807. Como se resistiu contra esta invasão?

No dia anterior, Dom João VI com a principal aristocracia tinham abandonado Portugal ao inimigo, embarcando-se com toda a familia real, e com os thesouros e dinheiros publicos em uma esquadra que os transportou ao Brazil, por suggestão da propria covardia mais do que da intimidacão da Inglaterra; o conselho da fuga para o Brazil é attribuido ao embaixador inglez lord Strangford. O abandono de Portugal aos hespanhoes já surgira mais de uma vez no cerebro dos Braganças; Dom João IV e D. Luiza de Gusmão pensaram em fundar no Brazil um novo imperio pacifico, e Dom José cuidava em deixar Lisboa sob as ruinas de 1755, transferindo-se para o Rio de Janeiro. Lord Strangford lisongeou o velho sonho dos Braganças, e serviu o interesse inglez, que ficava com os portos do Brazil abertos ao seu commercio, como o confessou Palmerston. Quando de noite lord Strangford foi mostrar o *Moniteur* a Dom João VI, o principe regente começou a chorar em altos gritos pelo palacio; resolveu-se a fuga para o dia 27 de novembro; o dia anterior fôra chuvoso, as ruas estavam cheias de lama, e cada um embarcando conforme pôde, com as joias e troixas que levavam, faziam um spectaculo de desolacão e ignominia. A familia real vinha tres-

malhada; o regente e o infante de Hespanha atolaram-se com o seu coche na lama, d'onde os tiraram dois cabos de policia; mais tarde appareceu Carlota Joaquina com as filhas; em outra leva de foragidos appareceu a rainha demente, berrando desesperada pelas ruas, sem querer embarcar, clamando que a tinham raptado e a levavam para o patibulo! A velha aristocracia fugia miseravelmente entre as chufas do povo; embarcaram o duque de Cadaval, os marqueses de Alegrete, de Bellas, de Angeja, de Pombal, de Lavradio, de Torres Novas e de Vagos; os condes de Pombeiro, de Redondo, de Caparica, de Belmonte, de Cavalleiros, cerca de quinze mil pessoas, levando consigo cerca de oitenta milhoes de cruzados. Portugal abdicava da existencia nacional! Gomes Freire de Andrade não acompanhou este exodo affrontoso. O principe regente á partida instituiu um Conselho da Regencia, ao qual recommendava que governasse em seu nome, e que recebesse o exercito da invasão franceza como *amigos e aliados*, dando-lhe quartéis e assistencia, para que se evitassem rixas e divergencias!

Foi assim que Gomes Freire se achou servindo sob a occupação de Junot, que dividiu o reino em tres districtos militares; de balde tentára uma resistencia no sul do Tejo, mas achou-se só e em conflicto com a Regencia. Napoleão tratou de apoderar-se de Hespanha, que lhe servira de instrumento miseravel para a occupação de Portugal; Murat entrou em Hespanha em janeiro de 1808, e Junot mandou uma legião portugueza para Salamanca. Esta legião era commandada pelo marquez de Alorna em que ia como immediato Gomes Freire de Andrade.

Como se deve considerar moralmente a entrada de Gomes Freire no exercito francez, combatendo no cerco de Saragoça? A Hespanha dos Bourbons tinha por tres vezes atraído Portugal, e o proprio monarcha portuguez proclamára á nação que considerassem o exercito francez como amigo e aliado. Gomes Freire via de um lado a traição ingleza que movia Dom João VI; de outro lado os Bourbons de Hespanha, que apressaram e coadjuvaram a invasão de Portugal. Que caminho devia seguir? Vingar o seu paiz, coadjuvando a conquista da Hespanha, e atacar a Inglaterra adoptando a politica napoleonica do blocus continental, e por isso lançando-se n'essa *orgia militar* das guerras do Imperio. Quando as testas coroadas, como os imperadores da Russia e da Austria, reconheciam a omnipotencia de Napoleão, como é que o bravo portuguez sem patria, e não achando dignidade em volta de si, podia deixar de deslumbrar-se com o perstigio do novo Alexandre, como a rhetorica emphatica o denominava? Gomes Freire seguiu a sorte das aguias imperiaes, partindo para a Allemanha em 1809, para Valais em 1810, e foi em 1815 á campanha da Russia, governou Dresde

em 1813, esteve prisioneiro em 1814 com a capitulação do marechal de Gouvien de Saint-Cyr, e com a queda de Napoleão, regressou a Portugal em 26 de maio de 1815. Aqui temos esboçada a carreira militar de Gomes Freire.

Chegando a Portugal, foi apresentar-se ao quartel general da côrte, e os seus actos foram julgados, sendo declarado innocente em aviso de 8 de junho de 1815. Portugal estava ainda governado por uma Regencia de imbecis e decrepitos, mas debaixo do jugo militar do marechal inglez Beresford. Da côrte do Rio de Janeiro vi-nham saques de dinheiro sobre Portugal para Dom João VI pagar a divisão que operava no Rio da Prata; faziam-se recrutamentos de tropa para o Brazil, e exigia-se uma quota mensal de cincoenta contos de reis para a côrte do Rio de Janeiro. O desalento era profundo, e ferviam os pasquins incendiarios contra Beresford e contra a Regencia. Era preciso dar um golpe *ad terrorem* para acalmar os animos, quanto mais que a officialidade se achava em atrazos prolongados do pagamento dos seus soldos. Na Europa dominava a reacção systematica da *Santa Alliança dos Reis contra os Povos*, e em França as perseguições contra os liberaes assassinados sob o *Terror branco*. Era effectivamente preciso uma victima; e ninguem mais elevado do que Gomes Freire, que demais a mais tinha na regencia um parente, o tenente-general Miguel Pereira Forjaz, que nutria uma inveja concentrada da sua nobreza, da sua bravura e riqueza. É possivel que o plano de uma conspiração simulada fosse convencionada por este, que veio a ser conde da Feira, com o proprio Beresford. É certo é que em tempo conveniente appareceu em julho de 1817 uma noticia excepcional na *Gazeta de Lisboa*, de que o marechal Beresford descobrira o plano de uma conjuração destinada a derrubar o throno e as auctoridades constituidas! Fez-se silencio sobre o caso e urdiu-se a intriga.

Os militares andavam descontentes, porque havia mais de trinta mezes que se lhes não pagava o soldo, como se deprehende do interrogatorio do coronel Monteiro de Carvalho; era natural queixarem-se nas suas conversas. O alferês Antonio Cabral Calheiros encontrou-se no café do Marrare com o capitão Pedro Pinto de Moraes Sarmiento, ajudante da quinta brigada de infantaria de Traz-os-Montes, e queixou-se da governação publica, conduzindo-o depois a sua casa, onde lhe leu o rascunho de uma proclamação. O ajudante de ordens na sua ingenuidade, disse-lhe: — «É quanto basta para o enforcarem e a nós todos!» E á falta de assumpto de conversa, contou o caso ao ajudante do governador do Alemtejo, o capitão José de *Andrade Corvo*. Não foi preciso mais, para Andrade Corvo se ir apresentar ao marechal inglez Beresford denunciando-lhe uma conjuração. Andrade Corvo, o tio do auctor de *Um anno*



na corte e dos tratados de Goa e de Lourenço Marques, ficou ás ordens de Beresford para atraçoar a conspiração; metteu-se com o ingenuo capitão Sarmento pedindo-lhe para que se lhe mostrasse a Proclamação; este foi ter com o amigo intimo do alferes Calheiros, o bacharel João de Sousa Pereira, para obter o papel, de que fez duas leituras a Andrade Corvo. Com esta noticia, que nada adiantava, Beresford impóz aos tres individuos, Corvo, Sarmento e Sousa que tratassem de se introduzir na conjuração. Sarmento e o bacharel Sousa apresentaram-se a Calheiros como conjurados, e garantiram a fé de um outro correligionario, o capitão José de Andrade Corvo. O pobre alferes conduziu-os a casa de um outro alferes José Ribeiro Pinto, para ahi prestarem juramento e serem admittidos ás sessões secretas, começando a encontrar-se com outros individuos, militares descontentes; assim foram tomando o nome do major José Francisco das Neves, do coronel Manoel Monteiro de Carvalho, do major José Campello de Miranda. As coisas não passavam de conversas, e só o alferes Calheiros é que phantasiava umas vindas secretas a Lisboa do general Castaños, e uma certa intelligencia com o general Gomes Freire de Andrade, que devia dirigir a revolução, de accordo com o barão de Eben, que outr'ora commandára como immediato a divisão do general Bernardim Freire de Andrade, assassinado em 1809. A sua imaginação traçava um plano em que Gomes Freire tinha o titulo de *Restaurador de Portugal e dos Algarves*, havendo em todas as provincias quatro delegados, e correspondencias em cifra; tudo isto era um sonho do clubismo revolucionario exacerbado por algumas leituras. Os tres traidores queriam ser apresentados a Gomes Freire, e só depois de muitas escusas, é que o alferes exigiu que de noite fosse um d'elles ás pedreiras de Alcantara com phosphoros e duas velas, para ahi n'uma furna se encontrarem com o general! Saberá, porventura, Gomes Freire d'esta burla em que envolviam o seu nome? O major Fonseca Neves perguntou-lhe por isso, e Gomes Freire declarou-lhe que não tomara nunca parte em tentativas criminosas e que nem sequer acreditava na existencia de taes planos; José Ribeiro Pinto e o major Campello chegaram a fallar-lhe em uma ideia de sublevação militar, porém Gomes Freire repellia todas as vagas suggestões, reconhecendo que o governo era exercido arbitrariamente pela Regencia, que o exercito estava sob as ordens de um estrangeiro, porém que as reformas de que Portugal carecia só se podiam effectuar pacificamente. Beresford conheceria a má vontade do eximio general portuguez, e aproveitando essas vagas declarações dos tres infames, officiou em 22 de maio de 1817, ao Conselho da Regencia dando-lhe conta do caso, e exigindo a immediata prisão dos conjurados. Gomes Freire foi avisado por cartas anonyms de que o iriam

prender; o Dom Abbade do mosteiro de Belem, foi prevenil-o pessoalmente, mas fiado na propria innocencia não quiz fugir, dizendo na noite de 25 de maio em casa do conde de Rio Maior, que sabia que o iriam prender d'ahi a algumas horas. Effectivamente horas depois de ter recolhido a casa, e achando-se deitado, cercaram-lhe a casa com soldados, arrombaram-lhe as portas, até chegarem junto d'elle; o ajudante do intendente da policia leu-lhe a ordem de prisão, partindo immediatamente d'alli escoltado por um piquete de cavallaria para a Torre de Sam Julião, chegando lá ás 6 horas da madrugada. A situação de Gomes Freire na enxovia de Sam Julião foi cruenta, sem cama, nem comida, a não ser a que lhe offereceu por caridade o commandante da Torre; Beresford entregou ao Conselho da Regencia a conjuração, deixando-a proceder sob a responsabilidade d'ella, que se impunha como auctoridade civil a quem competia conhecer dos crimes contra a segurança do estado. Emquanto o processo corria secreto, e alguns outros desgraçados militares eram encerrados no Limoeiro, Beresford simulava certo interesse por Gomes Freire. A Regencia nomeou uma alçada para julgar da conjuração, composta do desembargador Antonio José Guião, Velasques, Leite, Antonio Gomes Ribeiro e Ribeiro Saraiva, e o intendente da policia; não lhes foi possivel envolverem as victimas necessarias para darem seriedade a uma conspiração, e com relação a Gomes Freire nunca o acarearam com os co-réos, nunca lhe deram conhecimento dos depoimentos das testemunhas, e quando o interrogavam isoladamente aproveitavam a circumstancia do general fallar mal o portuguez, escrevendo o que elle não dizia, ou interpretando com má fé os erros de linguagem de um homem que vivera sempre no estrangeiro, e que havia pouco mais de um anno se achava em Portugal. No Conselho da Regencia estava o terrivel secretario Miguel Pereira Forjaz, que queria a morte de Gomes Freire, e de facto todos esses juizes scribas que sentenciaram á morte Gomes Freire foram galardoados pela Regencia com despachos vantajosos. Emquanto corria o processo, Beresford fez circular que Gomes Freire dava signaes de alienação; o general redigiu um protesto para ser apresentado ao rei, porém o marechal inglez entregou-o á Regencia. Quando a nobre victima soube d'isto, exclamou: « *Sendo assim, serei enforcado como um cão, n'esta fortaleza!* »

Tal foi a sentença da alçada, proferida em 15 de outubro de 1817, condemnando-o á morte, com mais onze desgraçados sacrificados para coonestarem a sua morte. Foram apresentados embargos á sentença, sendo rejeitados no mesmo dia 17 de dezembro, executando-se a sentença no dia seguinte. No Campo de Sant'Anna foram enforcados o coronel Manoel Monteiro de Carvalho, os majo-

res José Campello de Miranda, José da Fonseca Neves, o alferes Antonio Cabral Calheiros, e os officiaes Henrique José Garcia de Moraes, José Joaquim Pinto da Silva, José Ribeiro Pinto, Manoel José Monteiro, Manoel Ignacio de Figueiredo, Maximo Dias Ribeiro, e Pedro Ricardo de Figueiredo. Depois de enforcados, ficaram os corpos d'estas victimas de uma justiça cannibal á espera do cadaver de Gomes Freire, para serem queimados em uma grande fogueira e lançar-se depois as suas cinzas nas aguas do Tejo.

A morte de Gomes Freire excede quantas atrocidades pôde praticar uma horda de selvagens. Logo de madrugada apresentou-se na fortaleza de S. Julião o desembargador Luiz Gomes Leitão de Moura, que servia de escrivão da alçada, exigindo ser levado á presença de Gomes Freire. Conduziram-no á enxovia; mandou logo que vestissem a alva de enforcado ao preso. Gomes Freire esperava ser fuzilado como militar, e ao saber que fôra condemnado a ser enforcado deu-lhe uma pequena syncope, voltando a si immediatamente. Foi então que o desembargador lhe leu a sentença, dando em seguida ordem ao official inglez Campbell, para que se fizesse a execução immediatamente. Eram cinco horas da manhã, e a guarnição em armas postou-se em alas até ao local da forca. Para cumulo de indignidade, obrigaram o general a sair descalço da enxovia; Gomes Freire não se conteve que não atirasse as suas condecorações portuguezas ao chão, queixando-se contra a inutilidade de mais esta crueza. Depois caminhou com passo firme para o recanto da esplanada da fortaleza onde estava erguida a forca, dizendo ao official inglez que o acompanhava: « Só posso morrer como militar. » O official retrucou-lhe impassivel: « São ordens superiores. » Quando chegou aos degrãos da forca vieram para lhe taparem os olhos, mas repellindo a venda com a mão, foi apressadamente metter o pescoço no laço da corda, para se acabar aquillo mais depressa. Sómente ás nove horas da manhã é que se realisou a execução! Todo o tempo que decorre das cinco ás nove horas foi gasto em conflictos da auctoridade civil que exigia que o tenente-coronel Haddock fosse substituido no commando, por se saber que era manifestamente amigo de Gomes Freire. Depois da execução o corpo foi carregado para Lisboa, e lançado no montão de cadaveres do Campo de Sant'Anna, a que se botou fogo. O cheiro da carne queimada e as columnas de fumo que durante horas pairou sobre Lisboa, avivavam os tempos saudosos dos Autos de Fé do Santo Officio. A inquisição do estado substituia a inquisição religiosa. A *Gazeta de Lisboa* deu parte ao publico da execução da sentença mandarinesca, encarecendo o exempló do que acontece aos que conspiram contra o seu soberano e contra as instituições. Ficaram seguros de que entrára tudo na ordem. Foi do calor d'essas cinzas que nasceu a revolução

das consciencias que se acharam unidas para a proclamação da liberdade politica em 24 de agosto de 1820. Nas festas publicas, nos theatros recitava-se «Manes de Gomes Freire, estaes vingados ; » e em um acto das côrtes de 1822 foi rehabilitada por sentença a memoria d'esses por quem ao campo de Santa Anna, o euphuismo administrativo deu o nome de *Martyres da Patria*.

THEOPHILO BRAGA.

# UMA QUESTÃO DE IMPRENSA

NO PRINCIPIO DO SEculo ACTUAL

---

## I

Abrindo o *Diccionario* de Innocencio Francisco da Silva, a pag. 351 e 352 do tomo vi, encontra-se transcripta a celebre portaria, na qual a 13 de abril de 1816, em nome do principe regente, para desaggravar a Academia real das sciencias, se mandou supprimir a prefação das obras do insigne jurisconsulto, Paschoal José de Mello Freire dos Reis, publicadas em Coimbra no anno antecedente, para uso dos alumnos da faculdade de direito.

Aquelle escripto havia sido composto em portuguez pelo habil revisor da imprensa da Universidade, Joaquim Ignacio de Freitas, e por elle collocado como prologo da nova edição latina dos compendios, expurgada então de milhares de erros, que se tinham introduzido nas antecedentes, dadas á luz pela Academia real das sciencias. Do pouco zelo d'esta corporação se queixava amargamente o sobrinho do eximio professor, o licenciado Francisco Freire de Mello, o qual muito coadjuvou o estudioso e erudito empregado, em quem todos depositavam a maxima confiança, no trabalho de emendar esses livros com o maior escrupulo, visto serem destinados á instrucção da mocidade.

É curiosa a resposta que o reitor da Universidade, D. Francisco de Lemos, deu á portaria do governo ; principalmente sabendo-se, que uma das tres rubricas, que firmam este documento, pertence ao marquez de Borba, que n'essa época era vice-presidente da Academia real das sciencias :

« Senhor.

« Logo que recebi as ordens de V. A. R., expedidas por effeito de uma representação feita pela Academia real de Lisboa contra as expressões indecorosas, com que se vé insultada pelo autor da prefacção das obras latinas de Paschoal José de Mello, que se estampou no frontispicio das ditas obras em portuguez ; mandei suspender a publicação d'ellas e não passei adiante por julgar necessario informar primeiramente V. A. R. do estado da causa, para que com todo o pleno conhecimento d'ella seja servido resolver o que lhe parecer que convém.

« Paschoal José de Mello sendo despachado lente substituto da cadeira do direito patrio, na occasião da instauração e nova fundação dos estudos d'esta Universidade, por impedimento do proprietario não só abriu a cadeira, e a regeu com muito louvor e aproveitamento dos seus discipulos, mas vendo quanto lhes seria util se houvesse compendios appropriados ao ensino d'este direito segundo os methodos e espirito dos novos estatutos, compôz a Historia e as Instituições do mesmo direito, que sendo por elle offercidas á Academia real de Lisboa de que era socio, foram logo mandadas por ella imprimir ; succedendo as edições d'estas obras com rapidez umas ás outras pela boa acceitação que fez d'ellas o publico.

« A Universidade viu logo a necessidade, que havia, de dar-se nova ordem ao ensino do direito patrio, creando-se mais cadeiras para as lições syntheticas e analyticas do mesmo direito, mas esperando que V. A. R. arranjasse de novo os cursos juridicos, contentou-se então com os abundantes fructos que resultavam do estudo particular, assim da Historia como das Instituições do direito patrio.

« Com effeito tendo-se procedido por ordem de V. A. R. ao complemento da reforma litteraria, parecendo que, depois da publicação das ditas obras, o ensino dos tres direitos, romano, canonico e patrio devia ser uniforme, indo todos elles a par nas lições syntheticas e analyticas : assim foi ordenado por V. A. R. pelo alvará com força de lei de 14 de janeiro de 1805, creando-se para as lições syntheticas do direito patrio duas cadeiras, uma para ser lida no 3.º anno e outra no 4.º anno, uma para as lições analyticas e outra para a fôrma do processo judicial.

« No mesmo tempo approvou V. A. R. as Instituições de Waldek

para as lições elementares do direito civil romano do 3.º anno do curso jurídico : as Instituições de Gmeiner para as lições elementares do direito canonico ; e o compendio de Cavallari para as syntheticas do mesmo direito canonico ; mandando que logo se imprimissem todas estas obras para servirem á instrucção publica.

« Em execução d'esta ordem de V. A. R. cuidei logo em fazer apromptar na imprensa da Universidade as edições de Waldek, de Gmeiner e de Cavallari, e não me apressei com a mesma promptidão a respeito das obras de Paschoal José de Mello, por me constar então, que a Academia real as havia mandado reimprimir havendo por isso copia de exemplares d'ellas, de que podiam valer-se os estudantes.

« Passados alguns annos foi necessario cuidar-se assim na reimpressão das Instituições de Waldek e de Gmeiner, como na edição das obras de Paschoal José de Mello, pela falta, que se começava a sentir de exemplares de todos estes livros para as lições de ambos os cursos juridicos. E como no uso, que se havia feito de todos elles, se tinha vindo ao conhecimento, de que as edições precedentes de todos elles não eram correctas : attendendo eu a que o professor, Joaquim Ignacio de Freitas, sendo encarregado de dirigir a impressão das ditas obras correctas, cumpriria este officio com muita exactidão, pela sua conhecida intelligencia e decidido zelo pelo bem das letras, o nomeei revisor da imprensa da Universidade, com faculdade de a dirigir em tudo o mais na falta do director d'ella que se achava doente. Viram-se logo os effeitos da sua diligencia e cuidado. As Instituições de Waldek e de Gmeiner promptamente se reimprimiram e publicaram sendo expurgadas de muitos erros, como se vê da taboa das erratas junta ás primeiras ; e começou-se a trabalhar na impressão da Historia e Instituições do direito patrio.

« É notavel a circumspecção, com que elle se houve, no rever a impressão d'estas obras. Elle ponderára que V. A. R. as havia approvado para as lições das cadeiras de Historia e do Direito patrio ; que era a legislação portugueza um compendio de direito publico e particular portuguez o mais fecundo e mandado ordenar pelos estatutos segundo o methodo n'elles prescripto, e felizmente executado pelo seu autor ; que d'elle se haviam já feito quatro edições, sendo todas recebidas do publico com alvoroço, pela nova face com que appareceu a jurisprudencia patria, toda cheia de alineas e illustrações do autor. N'esta perspectiva era de esperar que o revisor applicasse todo o seu zelo e cuidado para que a edição, que se ia fazer na officina typographica d'esta Universidade, sabisse o mais possivel correctas (e limpa dos erros que se tinham introduzido e accumulado nas edições anteriores). Com effeito nada foi omittido por elle, para que assim succedesse. Sabendo que Francisco Freire

de Mello, digno sobrinho do autor, havia trabalhado com grande diligencia em expurgar as obras de seu tio, dos erros e faltas, que se foram accumulando e passando de umas edições para as outras, dirigiu-se a elle para lhe communicar as suas observações e notas, e tudo o que pudesse contribuir para corrigir e aperfeiçoar a edição de que se achava incumbido.

«Com os subsidios que elle lhe forneceu, e com os que pode adquirir com as suas proprias indagações e conhecimentos veiu ao fim de purificar e concluir a edição da Historia e das Instituições do direito patrio; a qual pelo infatigavel trabalho da correcção dos erros, de que estavam cheias as edições precedentes, pelas accessões que teve, e pela elegancia dos caracteres, deu muita honra ao reino e á imprensa academica, e se fez digna da boa acceptação com que foi recebida do publico.

«Quando as edições, que se fazem de alguma obra, importante por sua materia e latim, são precedidas de outras, pouco exactas e correctas, não devem publicar-se sem prefação. É o costume geralmente observado em taes casos para o publico ser informado do merecimento d'ellas e evitar os damnos que pôde receber da incuria de uns revisores ou correctores pelo cuidado e trabalho de outros: vindo por isso a ser a diligencia, que se põe e o trabalho que se applica, em umas edições, a mostrar e corrigir as faltas e erros, de que são maculadas as precedentes, um bem que se difunde por todas e um grande serviço que se faz ao publico. N'este espirito foi concebida a prefação, que o revisor pôz á testa das obras de Paschoal José de Mello, impressas na officina typographica d'esta Universidade. Sua probidade, seu character, sua litteratura e suas infatigaveis applicações, são bem conhecidas, para se lhe não poderem attribuir outros fins. Isto confirmam os muitos louvores que tem recebido dos sabios pelo trabalho que teve em restituir as ditas obras ao seu nativo esplendor.

«É sensível, porém, que o revisor no meio das suas trabalhosas indagações, e na contemplação do merecimento das mesmas obras, e dos bens que iam a resultar d'ellas em beneficio da instrucção publica não visse que algumas expressões, que usou na prefação, podiam dar motivo á representação, que fez a Academia real ao governo para serem riscadas e elle estranhado.

«Foi tambem para mim muito sensível, que não tivesse visto a prefação senão depois de receber a ordem de V. A. R., por me achar então gravemente doente, sem poder lê-la, sem embargo de procurar o autor d'ella, cumprir a obrigação que tinha de apresental-a para a licença; porque se a visse poderia tudo compôr-se, sem que a Academia tivesse motivos de queixa, e nem o autor da prefação de desconsolo e desgosto.



«Tendo, pois, as coisas tomado outra direcção, contra o que se esperava, não faltarei ao que devo a V. A. R., se depois de ter mandado suspender a publicação das obras de Paschoal, em execução das ordens de V. A. R., passar agora a fazer algumas observações sobre o caso.

«A representação, que á presença de V. A. R. fez subir a Academia real das sciencias contra as expressões, que tem por indecorosas, e com que, a seu dizer, se vê insultada pelo autor da prefação, estampada no frontispicio da nova edição das obras de Paschoal José de Mello Freire, parece destituida de razão e mal fundada, como tendo por presupposto que em seu autor houve espirito insultuoso, que certamente não foi o que o animou, mas sim o zelo do bem publico e o amor da verdade que sempre professou fallar.

«Encarregado da edição d'uma obra, em cuja correcção elle entendera com tanto zelo e trabalho, como é notorio, e consta dos relatorios impressos das emendas e addições feitas e por fazer; d'uma obra, que como compendio que é de nossa legislação, e compendio classico n'esta Universidade, era, mais que nenhuma outra, digna de todo aquelle zelo e trabalho, que n'ella puzera; assentára elle, seguindo o exemplo, geralmente praticado por todos os editores, naturaes e extranhos, d'informar o publico sobre a nova edição, cujo incontestavel merecimento deixou estabelecido e demonstrado em sua prefação e relatorios com notoria utilidade d'aquelle, que com alvoroço a esperava e recebera. E com que expressões o deixou elle estabelecido e demonstrado? Com aquellas mesmas sem duvida, com que a arte critica se exprimiu e exprime sempre em iguaes circumstancias, e com que anteriormente se havia já exprimido o sobrinho do autor em seus escriptos em latim e portuguez sobre aquella mesma obra, os quaes imprimiu e publicou na officina regia com licenças de todas as autoridades.

«Além de que o autor da prefação parece ter-se havido com toda a circumspecção a este respeito, pois que sobre o pouco, que alli é seu proprio, quasi tudo o que disse e affirmou, foi com o testemunho e formaes palavras do sobredito sobrinho do autor e de seu elogiador, ambos socios da mesma Academia real das sciencias, Aonde está pois o indecoroso das suas expressões, mais alheias do que proprias? Parece que o não ha, nem com boa fé se lhe pôde descobrir e imputar, pois que sobre o que fica dito accresce ter elle recebido ingenuos e sinceros louvores por aquella mesma prefação, cuja suppressão se pretende, não só de membros d'esta corporação, mas até mesmo d'alguns dos mais distinctos d'aquella mesma Academia, que em seu poder conserva, e com que se abona e justifica, resentido em extremo de se lhe attribuir e imputar o que nunca pelo pensamento lhe passára.

«A utilidade publica, que deve preponderar a todos os outros respeitos, foi sómente o que o autor da prefacção teve em vista, não só na reimpressão da sobredita obra, mas em outras, de que tem curado, como foram as das Instituições do direito civil e canonico, de Waldeck e Gmeiner, que com grande utilidade do ensino publico emendou a cada passo de notaveis e frequentes erros, com que se achavam depravadas, sem embargo de serem feitas debaixo dos olhos de seus mesmos autores, a quem aquelles escaparam em repetidas edições, feitas em Pottinga Pratz. E por certo que nenhum d'aquelles doutos professores se dará por insultado, lendo á testa d'estas edições conimbricenses o que o autor da prefacção alli deixou estampado sobre os muitos erros, de que as expurgára contra a fé de todas aquellas edições.

«E como se trata d'uma obra, que encerra em compendio toda nossa legislação, vem muito a proposito o exemplo praticado pelo desembargador Jorge de Cabedo, que havendo sido um dos compiladores da Ordenação Filippina, impressa pela primeira vez em Lisboa em 1603 no mosteiro de S. Vicente de Fóra com privilegio real, não duvidou sobre uma larga táboa d'erratas, no fim d'ella estampada, estampar no mesmo anno outra, muito mais copiosa do que aquella, com algumas outras advertencias necessarias e substanciaes, tudo com o fim *d'aproveitar ao bem publico*, que em sua prefacção diz ter sido seu *principal intento*, sem que com um tal serviço se dêsse por aggravada aquella religiosa congregação a quem o privilegio se concedera, e d'onde era de esperar por este mesmo respeito maior correcção e diligencia. Cujá falta continuou, e ainda hoje se experimenta nas edições feitas na officina da Universidade, nas quaes, assim como em todas as antecedentes, feitas n'aquelle real mosteiro, se reproduziram muitas d'aquellas mesmas erratas, já emendadas por aquelle compilador Cabedo, a quem mesmo escaparam outras muitas n'aquelle mesma primeira edição, como já reconheceu o autor da Synopse Chronologica, que em beneficio publico, e pela summa raridade d'aquelle opusculo, o fez reimprimir quasi todo n'esta mesma obra.

«Finalmente o autor da prefacção escreveu-a em portuguez, advertido pelo autor da mesma obra, que no fim da sua ao livro 2.º *De Jure Personarum* se mostrou arrependido de haver escripto Historia e Instituições do direito portuguez em latim; lingua, em que já no seculo passado se não escreveram os novos codigos das mais cultas e polidas nações da Europa. E por isso, e a seu exemplo, é que elle depois escreveu já em portuguez a *Dissertação Historico-Juridica sobre os Direitos e Jurisdicção do Grão-Prior do Crato*, etc., e a sua mesma resposta á censura do padre Antonio Pereira de Figueiredo, sobre a Historia, que correm impressas.

«Á vista pois de tudo o que fica ponderado e expendido, parece que a utilidade publica deve prevalecer ao respeito particular; e que a prefação deve ser conservada, como necessaria n'uma obra, em que por sua grande e geral utilidade interessa não só a Universidade, mas toda a nação, a quem se fez um grande e relevante serviço, muito conforme á letra e espirito da divisa da mesma Academia real das sciencias: *Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.*

«Deus guarde a preciosa vida de Vossa Alteza Real como os portuguezes havemos mister.

«Coimbra, Paço das Escholas, em 21 d'abril de 1816.

*D. Francisco de Lemos, Reformador Reitor.* »

Veremos o que depois aconteceu.

(Continúa).

ANTONIO JOSÉ TELXEIRA.

## INDIVIDUALISMO E COLONISAÇÃO

(Continuação)

A *incapacidade política*, tão vulgar nos paizes metropolitanos, onde um punhado de homens dirigem milhões d'elles, explorando-os como carneiros, não se dá nas colonias adultas, onde cada um sabe — pela dolorosa pratica da lucta violenta com a natureza, com o sólo virgem, com o indigena brutal, com o clima inhospito e com a administração monopolisadora, — d'onde veio e para onde vai, o que quer e como o quer, quanto póde, para que serve e quanto merece. O regimen da extorsão metropolitana não lhes serve; querem, como disse Merivale, instituições simples; precisam de liberdade de movimentos, — poucas leis e muitos braços, como já o dizia o axioma colonial romano: *non tam regendæ sunt quam colendæ*.

### V

Por isto se vê quão inconvenientes são os governos militares. Não são porém só inconvenientes por demorarem a evolução colonial, são tambem perigosos porque a podem suspender.

Abandonemos o ponto de vista estreito dos processos economicos, para o qual resvalámos insensivelmente; e tomemos o ponto de vista mais elevado da Sociologia.

As sociedades militares, os governos exclusivamente militares, necessarios na infancia da humanidade são admissiveis, e existem ainda hoje nas raças em formação, n'esse ramo nascente da humanidade. O combate é indispensavel, a lucta é brutal, a centralisação conveniente, para formar o nucleo do futuro estado. Assim se fundem n'um só molde os caracteres desorientados que se perderiam n'uma inutil procura de beneficios pessoaes; e assim se ligam

n'um interesse commum — o da defeza propria e da propria subsistencia — vontades indisciplinadas com tendencias naturaes, variadas é certo, mas desconnexas; activas e até productivas, mas sem vantagem para a commuidade.

Na colonisação o caso é muito differente e porventura contrario. Os emigrados não partiram d'um sólo virgem nem d'um estado nascente: sahiram d'um paiz civilisado, d'um sólo com cultura, d'uma raça já formada, com industria e commercio, civilisação e riqueza, commodidades e sciencia, tradição e gloria. Se não possuem aquella apregoada mediania, sobre que se fundam alguns erros economicos de Leroy-Beaulieu e Stuart Mill, teem em compensação o capital mais valioso e mais util da adaptação ao progresso, transmittida pela hereditariedade; dos habitos de trabalho e previdencia fornecidos pela selecção e pelo exemplo; e disposição a um elevado trabalho intellectual e porventura industrial, determinada pela transmissão da riqueza cerebral, pela selecção e pela hereditariedade.

Se são pobres de fortuna, não deixam de ser homens — são homens sobretudo, *querem valer mais*. Até agora tem sido erradamente equiparados aos da metropole, sem garantias, sem privilegios nem liberdades; vendo-se assim o caso original de merecerem e terem protecção a mendicidade, as loterias, a vadiagem nos albergues nocturnos, e as mães perversas no abrigo das misericordias, emquanto que não tem jus a ella os trabalhadores, os energeticos, os são de espirito, tenazes de vontade e vigorosos no pulso, que só pedem ao estado terras para cavarem, campos onde exerçam a sua actividade, e trabalho onde se empreguem...

São sobretudo trabalhadores de habitos pacificos, sem tendencias guerreiras. Violentados pela sujeição ao governo militar, quando por desgraça a elle se submettam, acostumam-se a vêr tudo regulado officialmente, criam fé na auctoridade, e admittem-lhe a necessidade em todos os seus actos — *perdem por fim a iniciativa*, porque deixaram crystallisar o pensamento e a vontade n'esta constante intervenção da causa pessoal.

Com este perigosissimo estacionamento de vontades, com esta prejudicialissima falta de iniciativa, de consequencias tão bem descriptas por Herbert Spencer <sup>1</sup> e Stuart Mill <sup>2</sup>, a vida commercial e industrial suspende-se, ou retarda-se pela centralisação nociva de todos os poderes e de todo o trabalho nas mãos do mais incapaz e sobretudo do mais indifferente.

<sup>1</sup> *Sociologie* III, pag. 802 passim — Paris 1883.

<sup>2</sup> *Economie politique*, livro v, cap. xi, 2.º vol. — Paris 1873.

## VI

## Acção dos governos militares

## I

Esta applicação dos governos militares ou centralisadores ás colonias modernas, mostra bem de quanto peso é a tradição governativa que ainda prepondera na sociedade actual, enfeudando os *paizes nascentes*<sup>1</sup> ou as sociedades em formação ao *antigo regimen*, de que, apesar dos progressos da sciencia, do industrialismo e das idéas humanitarias, não pudemos até agora emancipar-nos de todo.

Se a região occupada precisa de uma vigilancia continuada e d'uma forte organisação do serviço militar para fazer face aos ataques das raças visinhas, e assim manter illesos a administração interior, o commercio e a industria, os governos militares são necessarios, mas ao lado dos governos civis, para que este administre a fazenda emquanto aquelle a defende. A medida que a paz se fôr assegurando e garantindo, o elemento militar diminuirá visto que não é tão preciso, e o elemento civil e portanto a fazenda publica prosperarão, por já não terem a seu cargo a custosa manutenção d'aquelle organismo exclusivamente de combate e por consequencia absorvente das forças vivas do estado onde subsistir.

Isto é provado pela historia da occupação do Canadá, da Algeria, do Far West americano, etc., e pelos brilhantes progressos que tem alcançado desde que não prepondera o elemento militar.

Se por outro lado a occupação não foi precedida de conquista, antes foi realisada por cedencia de direitos ou compra de terrenos, sem que haja de repellir-se a aggressão de maus visinhos, o organismo militar é perfectamente dispensavel, e deve reduzir-se ao simples apparelho do funcionalismo policial.

Em geral não se faz isto, segue-se a tradição de que os povos devem ser sujeitos e não governados, devem ser explorados, não dirigidos; e esquece-se de todo, de que vai differença muito grande entre a administração d'um paiz de velhas tradições e de

---

<sup>1</sup> Eu chamo paizes nascentes ás regiões virgens de grande riqueza e vitalidade que ainda não penetraram no circuito da actual civilisação, por falta de trabalho ou direcção dos povos adiantados — a maior parte do Brazil, a Columbia britannica, o Manitoba, o sueste da Asia, a Africa central, etc. Estão como que em *estado nascente*.

cultura regulada, e a d'uma região virgem, para onde vão impacientes braços vigorosos e espiritos já formados, ou com uma grande dóse de receptividade para tudo quanto seja novo e pratico.

Nas raças primitivas ou nas sociedades rudimentares o governo militar entende-se e tem a explicação logica da sua necessidade historicamente demonstrada. Como os órgãos d'estas agremiações não têm a ligação conveniente, por falta de desenvolvimento, para procederem com liberdade sem embarçarem e impedirem a conservação e evolução do corpo social, a centralisação produzida pelo predomínio do chefe e pela cooperação obrigatoria do regimen militar, disciplina o trabalho, regula os esforços individuaes e enfeixa-os n'um intuito, aproveitando os caracteres desorientados que sem isto se perderiam n'uma inutil procura de beneficios pessoases. Assim se ligam n'um interesse commum — o da defeza propria e da propria subsistencia — vontades indisciplinadas com magnificas e energicas tendencias, mas sem direcção; variadas mas desconexas; activas e até productivas, mas sem vantagens para a comunidade.

A sociedade formada pelos colonos é muito differente, não só porque está em condições oppostas, mas tambem porque se substituiu n'uma época de adiantada civilisação. Está em condições oppostas porque os colonos não abdicam da sua individualidade nem dos seus poderes para os delegarem n'um chefe: se se reúnem, não é para melhor se concentrarem, é para melhor se expandirem e desenvolverem; juntam-se, não porque lhes falleçam forças, mas porque lhes sobejam; associam-se, não para garantirem a vida propria, mas para estenderem no espaço e no tempo a civilisação da sua patria que pretendem tornar immortal.

Ahi estão para gloria de Portugal e da Inglaterra, esses padrões vivos da sua actividade — o Brazil e os Estados-Unidos da America do Norte.

Os colonos não podem tão pouco ser equiparados pela sua falta de instrução áquelles povos atrazados, porque os emigrados, que mais tarde serão colonos, não partiram d'um sólo virgem, nem d'um estado social nascente: sahiram d'um paiz civilisado, d'um sólo com cultura, d'uma raça já formada, com industria e commercio, civilisação e riqueza, commodidades e sciencia, tradição e gloria. Se não têm aquella mediania, sobre que se fundam alguns erros economicos de Merivale, Beaulieu e Stuart Mill, possuem, pelo menos, o capital muito mais respeitavel e muito mais valioso da pratica do trabalho e da ambição do progresso immediato. Além d'isto conservam as aptidões progressivas da raça de que se destacaram: o seu cerebro tem a predisposição para as mais elevadas concepções; o seu organismo nervoso tem a admiravel e delicada

receptividade dos mais nobres sentimentos; o seu braço não só está afeito ao rijo arado e á pesada enxada, mas tambem pôde dirigir com rapidez e attenção a mais complicada machina, o seu coração aberto de ha muito ao espirito de associação e humanidade, está apto para as responsabilidades da familia e para os graves compromissos da communa...

Tem pois tudo quanto é preciso para se ser *um homem*, para se ser uma individualidade. Pôde pois com justiça, applicar-se-lhe a tutela militar? Creio firmemente que não. E ainda mais — digo que ha gravissimo perigo em prolongar a administração militar nas colonias que não precisem de defeza, para conservação da sua existencia, como fazem algumas nações da actualidade.

Dá-se como razão justificativa dos governos militares, centralizadores, a necessidade de tutela para os emigrados ou colonos, porque se suppõe que todos são miseraveis, *entirely destitute*, operarios sem trabalho que fazem má e triste figura n'estas rudes sociedades que se chamam colonias; ou então, como diz Merivale <sup>1</sup>, os preguiçosos, descontentes e caprichosos, os que são irregularmente empregados, os que têm a esperança prompta e julgam sempre melhorar de posição pela mudança, ou ainda a classe mais desgraçada dos homens de trabalho com familia sem recursos, e os que, tendo sido educados para um officio especial, vêem de repente faltar-lhes este recurso. Nem sempre, e por felicidade, quasi nunca. Estes miseraveis, na colonia, ou renascem para a vida nova, abandonando os velhos habitos de especulação, ou continuam nas antigas praticas: no primeiro caso regeneram-se e penetram no circuito da vida agitada da colonia; no segundo, tornam-se pesados para os antigos habitantes, criam o pauperismo que é depressa vencido, e são por fim eliminados por selecção.

Para que serve então o despotismo militar que se encobre sob os falsos nomes de necessidade, ou tutela? Para tolher na sua liberdade de acção os colonos antigos, ou para os não dirigir e proteger como se poderia e deveria fazer. D'aqui vem o caso original de terem e merecerem protecção na metropole a mendicidade, as loterias, a vadiagem nos albergues nocturnos e as mães perversas no abrigo das misericordias; enquanto que não têm jus a ella os trabalhadores, os energicos, os sãoes de espirito, vigorosos no pulso e tenazes na vontade, que só pedem, afinal de contas, quando as não compram, terras para cavarem, trabalho em que se empreguem e campo onde exerçam a sua actividade.

---

<sup>1</sup> Leroy-Beaulieu, *Colonisation chez les peuples modernes*, pag. 517.



É o que peor é — os colonos são trabalhadores de hábitos pacíficos, sem tendências guerreiras; partem para fecundarem o sólo e não para explorarem o estado nem serem por elle explorados; são antes de tudo homens, quer dizer *livres*, querem viver, são cidadãos, querem valer mais!

Este cunho pessoal e reflectido da moderna emigração foi em poucas linhas descripto por aquelle sympathico escriptor que tão cedo foi roubado á sciencia — Jules Duval. «A emigração é suscitada, disse elle <sup>1</sup>, pela comparação estabelecida por uma razão tranquilla e bem informada entre o presente na patria e o futuro a distancia. Aqui pesam *todos os fardos accumulados pela tradição secular*; alli, ao longe brilham liberdades de toda a ordem, a igualdade perante a lei, a propriedade barata...»

Atravessam logo o oceano com a esperanza n'um futuro ridente, vencem, com ou sem *preparação colonial*, as resistencias da primeira aclimação, trabalham, lidam, porfiam; animam-sê com a lembrança da terra natal; de longe, como diz um portuguez de velha rocha <sup>2</sup>, miram as glorias da patria para se associarem a ella com as suas alegrias; miram as suas desgraças para as attenuarem e fazerem desaparecer com os seus capitães adquiridos no trabalho; e por fim, depois de rija peleja, ganham a melhor victoria que um homem de fina tempera pôde alcançar — o do conhecimento do proprio valor. Porque nas colonias, cada um sabe, pela dolorosa pratica da lucta violenta com a natureza, com o indigena brutal, com o clima inhospito, e com a administração monopolisadora, quanto custa a vida; e d'aqui sóbe até alcançar o conhecimento positivo do, que quer é como o quer, de quanto pôde, para que serve e portanto quanto merece. Ganham assim a grande capacidade do *self-government*, e a maioridade dos que provaram pelo trabalho honrado quanto valem e a quanto podem chegar.

Applicar-lhes pois uma tutela que é deprimente, é erro; jungil-os aos erros do favoritismo da metropole, é prejudicial; prendel-os na trama d'uma administração centralisadora, é nefasto; e amarral-os á canga do depotismo militar, é perigoso, porque se dá fogo para a inflammiação das revoltas, que trazem as emancipações prematuras, sem proveito para a metropole e com riscos para a colonia.

Convem-lhes pois instituições simples, como disse Merivale: pre-

<sup>1</sup> *Histoire de l'emigration*, pag. 7 — Paris, 1862.

<sup>2</sup> Antonio José de Seixas. *A questão colonial portugueza*, pag. 36 — Lisboa, 1881.

cisam de liberdade de movimentos — poucas leis e muitos braços, como já o dizia o axioma colonial romano *nom tam regendæ sunt quam colendæ*.

Supponhamos porém que se realisa a sujeição ao regimen militar. N'este systema a unidade não vale nada, porque predomina o aggregado social; o individuo é absorvido pela cooperação obrigatoria: a sua personalidade desaparece na massa enorme dos organismos violentamente ligados ao órgão central; a sua liberdade é reduzida ás praxes governamentaes; por consequencia as suas aptidões para mudar de estado social, diminuem consideravelmente. E como uma nação não vale senão pela força das unidades que a compõem <sup>1</sup>, a colonia vale pouco, porque os colonos não valem nada.

Absorvida a individualidade na rede governativa, a iniciativa perde-se, porque o governo faz tudo: d'aqui resultam males de longa duração e de perniciosissimos effeitos — os caracteres nivelam-se, os estímulos diminuem; o rebaixamento moral e intellectual affirma-se, estabelecendo o fetichismo pelos governantes e a eterna duração das leis, quer o estado social varie ou não, quer a administração ou o paiz mudem ou não de condições.

Disse-o já o illustre Stuart Mill <sup>2</sup>. «Uma população que não tem o habito de proceder espontaneamente n'um interesse colectivo, esperando do seu governo ordens ou direcção em todas as questões de interesse publico; ou recebendo-lhe o impulso para tudo que não depender das praticas usuaes ou da rotina; essa população só dispõe de metade das suas faculdades: a sua educação é defeituosa n'um dos mais importantes ramos.»

Este é o vicio capital do systema militar. Ha porém mais: o costume de vér tudo regulado e executado pelo governo traz para os governados confiança absoluta na sua direcção, confiança que se transmite pelo uso ás gerações seguintes. D'aqui resulta a passividade, a expectativa, a indifferença, falta de empresas, escassez de energia: a rotina domina em tudo, na industria, no commercio, no modo de vida; a originalidade perde-se, a imitação predomina, e parodia-se em tudo a mãe-patria — nas modas, nas construcções, nas artes, e até nos erros de politica.

Como força para dirigir o livre trabalho dos colonos, e para concorrer para o largo desenvolvimento do commercio e da industria locais, o regimen militar é pois de valor negativo. Os seus

<sup>1</sup> Yves Guyot. *La morale*, pag. 270 — Paris, 1883.

<sup>2</sup> *Economie politique*, II, pag. 522.

prejuizos porém não se limitam á ruina da iniciativa particular, estendem-se ainda á criação do militarismo na colonia, e ao estiolamento da fazenda do estado, como factos concorrentes.

## II

O feticchismo pelos governantes e a falta de iniciativa produzindo a fé de que a administração fará tudo bem feito, determinam a completa absorpção do individuo pelo estado, ficando aquelle perante este como um dependente da *assistencia official*: passa a ser um tutelado.

Sendo porém o colono *maior e capaz*, como vimos, não precisa de assistencia demorada, visto que é adulto <sup>1</sup>; d'aqui provém para o estado um consumo inutil de forças, e para o individuo uma pressão moral que o rebaixa ao nivel d'um servo.

Além d'esta inercia vem a imprevidencia, e com ella a falta completa de condições de progresso, visto que a imprevidencia, tão característica nas raças inferiores, é nas superiores uma das mais poderosas causas de regresso a uma civilisação atrazada.

Nas colonias, onde todas as forças do homem devem estar em acção, sem se dispersarem na esteril contemplação da iniciativa official, esta imprevidencia, fatal em todos os casos, é prejudicialissima — impede a formação das grandes fortunas e da cultura intensiva; demora a producção do capital, sem o qual não ha commercio estavel e prospero; retarda o desenvolvimento da industria por sé não ter contado com as condições de successo; desanima o colono com os prejuizos successivos; e obriga-o por este circulo de ferro, produzido pela sua indiferença, a empenhar-se nas mãos do estado, que assim penetra cada vez mais na administração da fazenda dos particulares.

Sem esperanza na cultivação do sólo, sem fé na industria e no commercio, e com fé e esperanza no governo, o colono pede caridade, e entra na rede da administração colonial pela porta da miseria, para muita vez de lá sahir pela porta da infamia. Eu vi em Moçambique, durante os tres annos d'uma estação naval <sup>2</sup>, irem degredados para Timor alguns colonos n'estas condições.

Apenas funcionario publico, o colono estiola-se e perverte-se: faz como os outros — explora o estado. E é assim que um emigra-

<sup>1</sup> Herbert Spencer. *Sociologie*, II, pag. 351 pas.

<sup>2</sup> Desde janeiro de 1880 a fevreiro de 1883.

do que parte para a Africa, por exemplo, para explorar o sólo e as riquezas africanas, se transforma, pela acção violenta do unitarismo militar, em explorador do estado.

Este facto foi tambem observado pelo agudo engenho de Stuart Mill, discutindo o valor das instituições democraticas, e chegando a igual resultado por vias differentes. — «... quando a *iniciativa e a direcção reaes pertencem ao governo* e os individuos trabalham mas, sentindo-se perpetuamente submettidos á sua tutela, as instituições populares desenvolvem n'elles, NÃO O DESEJO DE LIBERDADE mas o *appetite desmedido dos lugares e do poder*: a intelligencia e a actividade do paiz são então desviadas do seu principal interesse, e dirigem-se para uma concorrência miseravel para os vencimentos e pequenas vaidades das funcções publicas <sup>1</sup>. »

A caça aos favores dos governos começa então, febril, impaciente, indigna. As profissões são abandonadas, as officinas desertas, a terra sem cultivo, porque todo o tempo é pouco para aguardar na rua ou nas ante-camaras o sorriso dos administradores agaloados, e seguir-lhes rasteiramente as pisadas á espera de melhores ventos...

Segue-se o exemplo de cima — os governadores geraes e subalternos, seguindo os impetos da profissão, caçam medalhas, essa sobrevivencia da *tatuagem*, com victorias facéis sobre guerreiros fracos, ou com derrotas positivas em campos que a sua impaciencia e falta de senso foram desinquietaer <sup>2</sup>; os subalternos caçam nos terrenos do governador as boas informações, as graças, as commissões, as ajudas de custo por cousa nenhuma; os restantes vegetam na região miseravel dos pedidos para os que valem mais, e da intriga para os que valem menos.

Quando este processo se accentua e agrava pelo descontentamento dos preteridos, a cordialidade diminue á medida que os odios vão lavrando, e o medo inunda a colonia, « não porque temam a

<sup>1</sup> Op. cit., pag. 323, 2.º vol.

<sup>2</sup> Seixas, op. cit., pag. 63, nota de pag. 68.

Jules Duval. *Algérie et colonies françaises*.

Esta mania das conquistas deu-se no Canadá como na Algeria, na Nova Zelandia como em Angola ou Moçambique, na Guiné como em Madagascar, etc.

Entre nós houve já quem informasse, em pleno parlamento, a nação a este respeito: o contra-almirante Gonçalves Cardoso declarou, com a nobre e corajosa franqueza que o caracterisava, que os desastres e as revoltas que se succediam em Angola, eram devidas na maior parte á *conducta criminosa e ignobil dos chefes*. Vide Nogueira, *A raça negra*, 231.

morte, diz Schœlcher, mas porque receiam comprometter-se a si e aos seus; cada um vê um espião no seu amigo, um denunciador no seu irmão, e curva a fronte em silencio; os que reflectem comprehendem como um tal systema é fatal, detestam-n'o, mas não ousam manifestar a sua opinião... cada um vive para si, recusando-se a fazer o menor acto de opposição, com o receio de não ser sustentado, desculpando-se com o egoismo do seu visinho que lhe paralysa a boa vontade... »<sup>1</sup>

Cria-se então a praga do functionalismo colonial, composto nos altos lugares pelos empregados da metropole, eivados da sua falsa superioridade de *filhos civilisados* da Europa; e formado nos lugares secundarios pelos europeus, ahí arrumados pelos que os não puderam, por falta de merecimento, collocar na metropole, e que sem trabalho assim alcançaram o pão quotidiano; e pelos colonos degradados, que desesperaram do proprio futuro e porventura da propria dignidade.

Os governadores, perante esta inundação crescente de pedidos e perante esta onda temerosa de espinhas dorsaes curvas, começam insensivelmente a sentir a transformação da primitiva boa vontade n'uma commiseração cheia de desprezo, que, por um erro lastimavel de raciocinio, a pouco e pouco se avigora e estende dos funcionarios aos mais colonos, aos sãos, aos bons, áquelles que ainda não tinham deixado afogar-se-lhes o trabalho, a liberdade e o individualismo, no pantano das pequenas resistencias e das difficuldades, inherentes a todas as empresas em principio.

Está então a colonia em perigo, e o trabalho livre em completo risco. Como se duvida da capacidade e do valor dos colonos, fazem-se e applicam-se regulamentos para tudo — para a navegação, para o commercio, para a industria, para a venda nas lojas, para o transitio nas estradas, para o passeio nas ruas, para a limpeza nas casas, e para o serviço nas fazendas.

Se o governador é um homem superior, pratico, positivo, a sua energia e o seu bom senso ainda podem salvar a colonia, diminuindo o numero dos funcionarios, desprezando os inuteis, protegendo os que têm perfeita comprehensão da responsabilidade do lugar e da dignidade da funcção; e ajudando com a protecção offi-

---

<sup>1</sup> *Colonies étrangères et Haiti*, pag. 183 — Paris, 1843.

O exemplar que possuo era, creio eu, do illustre Sá da Bandeira e por elle annotado. A nota d'esta pagina reza: é tal qual como nas colonias portuguezas n'esta data (1874).

Só agora, depois de ter percorrido a maior parte das nossas possessões, dou valor a esta triste verdade!

cial os trabalhadores rijos, o commerciante paciente, o industrial habil, o cultivador tenaz, o negociante confiado, o agricultor methodico. Infelizmente os homens superiores são raros; d'aqui resulta ficar a colonia sem futuro proseguindo no *vamos vivendo* que a ha de fazer afundar no charco da indifferença.

Isto é generico e pôde verificar-se com a historia das colonias de muitas nações, e sobretudo com os relatorios de muitos governadores, que estão desamparados pela metropole ou em contradicção com ella...

As vezes estão occupados os lugares da administração; o trabalho, *para se assegurar o futuro com um só sacrificio presente*, dirige-se então para a fileira — os colonos desanimados, os preguiçosos, os indifferentes, assentam praça, arregimentam-se, e criam assim na patria dos seus interesses o grande mal absorvente do militarismo que porventura censuravam á metropole. As fardas começam então a figurar em tudo.

Desviados por est'arte das suas verdadeiras funcções, os colonos ou os seus descendentes não podem ter amor á terra que os viu nascer, e que poderia grangear-lhes bem-estar e fortuna. Os que podem, retiram-se, indo procurar na metropole o trabalho que dizem ter-lhes faltado na região virgem d'onde fugiram!... Os que estão na metropole usufruindo as rendas da fazenda que outro dirige, deixam-se ficar porque *estão bem*, e esquecem que poderiam chegar a um estado muito melhor, explorando a terra que só pede cultivo; o absentismo accentua-se, e para os que ficam, succede um dos dous males seguintes — ou voltam para a administração das suas casas, que não podem bem gerir pela falta de pratica e pela falta de estímulos; ou entregam a direcção da sua fazenda a um estranho, creando-se assim dentro de casa a tutela vergonhosa que tanto se pretendeu evitar fóra d'ella.

Em todos estes casos o progresso retarda-se, quando se não suspende: porque o lento desenvolvimento da fazenda particular determina iguaes atrazos na prosperidade da fazenda publica, sem a qual não pôde haver administração independente; e porque a absorpção do individuo na rede do functionalismo ou na rigida disciplina militar, traz a decomposição da vontade e a abdicção da propria independencia, sem as quaes nem o espirito se guinda a pensamentos elevados, nem a vontade se irrita com a crescente progressão dos obstaculos, nem o braço é bastante firme para realisar altos propositos — braço, vontade e espirito, que são os alicerces de todas as liberdades, e para as colonias ainda mais porque são a base da primeira de todas — a individual.

## III

A perda de braços, produzida d'este modo pela absorpção d'algumas das forças vivas da colonia no funcionalismo administrativo ou no exercito, é muito sensível, e concorre bastante para o atrazo da agricultura e da industria. Por outro lado, as tendencias egoistas creadas pelo falso bem-estar dos individuos assim empregados, lavram como um fermento, atrahindo para este funesto campo de preguiça novos adeptos, em geral os mais fracos, os mais pusillanimes, os mais desalentados. O mal agrava-se pois, e tanto mais quanto maior fôr a perda de braços: a natureza colonial não é sujeita, o sólo não é explorado, e o dominio enfim das cousas não se realisa, augmentando-se portanto a coerção dos homens sobre os homens, já que se não pôde ou se não soube praticar o dominio dos homens sobre as cousas.

Este estado mantem para os novos emigrados perigos importantes e até riscos de vida, porque não estando *preparado* o meio colonial por trabalhos agricolas e processos industriaes, a aclimação dos recém-vindos é custosa e tão difficil como a dos primeiros fundadores, não tendo assim havido vantagens algumas na occupação do paiz. A colonisação não progride, porque nem o estado sanitario melhora chamando novos colonos; nem os que chegaram podem executar os trabalhos preparatorios das primeiras installações, por terem antes de lutar pela conservação da vida. O desanimo é pois natural; e, o que peor é, accentua-se filtrando-se nos costumes por tal arte, que a curto trecho os colonos antigos desanimam os novos, estes desalentam os que poderiam vir, e os *collocados* intimidam officialmente e officiosamente os espiritos emprehendedores, informando mal das regiões distantes, porque as não conhecem, e dizendo bem do seu centro burocratico, porque alli vão vivendo.

A vida colonial não se estende nem propaga, porque se originam assim centros mais ou menos povoados, em geral mal ligados uns com os outros, quasi todos mui distantes, e com o seguinte character generico — á beira-mar ou á beira-río as feitorias, alguns depositos, e a indispensavel alfandega; mais para o interior a casaria dos brancos e as repartições; no fundo as cubatas dos indigenas, no alto o hospital, os postos militares e ás vezes as fortalezas. O commercio fazem-no as casas estrangeiras e os colonos antigos ou os seus descendentes; a industria, alguns brancos, poucos, raros, em geral os recém-vindos quando a colonia é nascente; os mais trabalhos executa-os o governo; centralisando nos militares *em commissão* o serviço regulador, o correio, a alfandega, o

telegrapho, os impostos, e a administração dos governos distantes onde o governador ou o chefe de concelho é um pequeno autocrata que exerce ás vezes cumulativamente funções de chefe militar, juiz, delegado e curador dos orphãos <sup>1</sup>.

Esta accumulção, além de todos os inconvenientes das accumulções, tem o de centralisar n'uma só mão todos os poderes — o governo torna-se pessoal, despotico. Depois, esta centralisação de serviços que é puramente local, alastra-se para as povoações proximas, fundindo a pouco e pouco no mesmo cadinho administrativo, populações as mais differentes, estímulos os mais variados e aptidões muitas vezes oppostas, que assim se annullam, ou pelo menos mutuamente se embaraçam, nas duras prescripções do mesmo regulamento.

Aquelles colonos, raros, que ainda conservam assomos de independencia, querem reagir, levantam-se, cedem, esbracejam; depois como já a onda os cobre de todo, a respiração falta-lhes, esmorecem, morrem e são levados na enxurrada...

A falta de braços ainda causa um outro mal — a diminuição da producção e portanto a baixa dos salarios e o retrahimento no trabalho, aggravados pela inveterada mania de tudo esperar do governo: porque este, sem recursos para se manter, ou cria nova tributação ou augmenta os antigos impostos, diminuindo, se o deixam, os vencimentos. Se os impostos são indirectos, não produzem tantos males, porque são em geral bem recebidos pelos colonos, e produzem uma renda segura para o estado, como na Nova Galles do Sul e na Nova-Brunswick — colonias formadas; nas que apenas começam, os males são grandes, sejam quaes forem os impostos creados ou augmentados. A capitalisação difficulta-se para o colono, não só porque as remunerações diminuem e a accumulção é mais custosa; mas tambem porque esta falta de peculio, ou a demora na sua formação, impede a compra de terrenos, a producção da renda e o desenvolvimento da propriedade. Seja como fôr, as actividades diminuem sempre; a apropriação do sólo alcança-se com maiores sa-

---

<sup>1</sup> Nós estamos mais adiantados. «Os nossos chefes de concelho accumulam actualmente além das funções propriamente de administradores, as de regedores de parochia (?), de juizes de paz, de juizes ordinarios, de agentes do ministerio publico, de commandantes da força, medicos, pharmaceuticos, e em alguns casos de presidentes do municipio e de administradores das alfandegas. E não incluímos aqui as de *sobas* que lhes são mais particularmente gratas, já porque os dispensam de consultar quaesquer codigos, já porque lhes são as mais proveitosas.» (Nogueira, op. cit., pag. 229; vid. Seixas, op. cit., pag. 63).



crifícios; a compra forçada dos objectos manufacturados na Europa mingua, ou conserva o mesmo nivel, peorando as condições do credito, e tornando a vida mais dura para o colono porque elle é quasi sempre o devedor; em summa o movimento commercial attenuase, perdendo a metropole com estes prejuizos muito mais do que pensou ganhar com o augmento ou creação dos impostos.

Isto succede em todas as colonias onde o individualismo se não accentuou e alcançou fóros de cidade; ou n'aquellas onde se deixou adormecer á sombra da fé na direcção e trabalho officiaes, sendo habilmente suffocado pela invasão crescente das attribuições do estado, que assim transformou o trabalho livre em mendicidade. Por outra fórma o disse Bastiat discutindo a *ficção* do estado<sup>1</sup> — « o espirito de mendicidade invade todas as classes, a dos ricos como a dos pobres; os ordenados são muito humildes e os impostos muito pesados; todos querem viver á custa do estado, e ninguem se lembra de que o estado vive á custa de todos. »

A igual conclusão chegaram Molinari, Ménier, Guillaume de Humboldt, Guyot, Leroy-Beaulieu, Jules Duval, todos emfim os que têm contado com o individualismo como um dos elementos essenciaes de uma colonia.

#### IV

Exemplifiquemos, respigando na historia colonial das diversas nações alguns factos comprovativos das nossas affirmações.

As colonias militares russas, de triste memoria, apesar de serem feitas em condições especiaes de clima, sólo, população, capital e methodo; apesar de não trazerem para os colonos todos os riscos da aclimação, e de serem planeadas com intuitos agricolas; nada produziram de vantajoso para o imperio como occupação de terreno, porque desnortearam os habitos das populações agricolas pela implantação das praxes militares. Como recurso e augmento de forças para o estado, produziram, além do estacionamento da agricultura e industria locais, a creação d'uma guarda pretoriana, que, nas mãos d'um general ambicioso podia ser arma perigosissima para a integridade e ordem da nação, attentas as difficuldades das communicções e a grandeza do territorio.

---

<sup>1</sup> *Œuvres complètes*, vol. v, pag. 447.

Além d'isto, a revolta acompanhou o estabelecimento d'esta instituição em algumas partes, como no governo de Novgorod, com o triste cortejo da desgraça e da miseria; desgraça e miseria tão horrorosas, que em 1818, por occasião da viagem da imperatriz a Moscow, os trabalhadores do campo iam ás centenas pedir-lhe — com expressões de pezar e dôr profundos <sup>1</sup> — que dêsse ouvidos á voz do desespero e pedisse ao imperador para renunciar ao novo systema de colonisação. Por isso foi que em 1830 ou em 1831 o imperador Nicolau modificou o processo colonizador do conde Aratcheief, separando completamente o elemento militar do elemento agricola, que desde 1818 fôra imprudentemente submettido pelo imperador Alexandre a um regimen disciplinar.

Estas colonias passaram pois á historia deixando-nos o triste vestigio dos resultados negativos. Temos felizmente exemplos, que sem os exageros do precedente caso melhor corroborem o que asseverámos.

A Algeria por tanto tempo limitada ao DEIXAR ANDAR *administrativo* dos governadores militares, que, desprezando a cultura do Tell, só pensavam na posse dos vastissimos terrenos do sul, seguindo a politica aventureira das conquistas guerreiras; a Algeria por tantos annos sujeita á centralisação violenta d'este regimen unitario <sup>2</sup>, alcançou taes progressos depois da pacificação, e sobretudo depois da substituição da administração militar pela civil, que a sua exportação subiu de cinco a seis milhões de francos a cento a setenta e oito, sendo este acrescimo perfeitamente accentuado durante o governo bastardo, sem caracter definido, de 1871 a 1879. Durante estes oito annos fez-se a transição do antigo systema estrictamente militar, absoluto e despotico, dos Randon e dos Pelissier para o governo civil de Albert Grevy. Este bello paiz é hoje um magnifico celleiro de reserva para a França <sup>3</sup>; o desenvolvimento da cultura do Tell produziu a diminuição das febres intermitentes, das dysenterias e das hepatites, que eram o flagello d'aquella região; o acrescimo da natalidade que era apenas sensivel em 1865, accentuou-se em 1873 e era já em 1881 de 4,1 por 1:000 habitantes <sup>4</sup>; a colonisação livre tem augmentado, crescendo muito o

<sup>1</sup> Dr. Lyall, *Essai historique sur le système de colonisation militaire de la Russie* — Paris 1825, pag. 48.

<sup>2</sup> Vid. Jules Duval, *L'Algérie et les colonies françaises*.

<sup>3</sup> Kohn Abrest, *En Algérie*, cap. xi — Paris, 1884.

<sup>4</sup> Estatisticas do dr. Ricoux citadas pelo dr. Bordier.

número das terras cultivadas compradas aos arabes; a fazenda publica tem emfim medrado com a descentralisação creada pelo governo actual.

Na historia das colonias americanas, hoje nações independentes em via de completa emancipação da tutela do commercio europeu, vê-se o predominio da administração militar, com os seus caracteristicos planos de conquista e conservação da força *ad usum dictatoris*, absorver o melhor dos rendimentos do estado, desnorrear a industria, reduzir o commercio, estiolar a agricultura, desorientar emfim as forças vivas do paiz. Os estados da America do Sul, com excepção do Brazil, Chile, Confederação Argentina; os da America central, com excepção da republica de Costa Rica, e o Mexico, têm como se sabe a historia triste dos progressos interrompidos pelas guerras continuadas, do commercio suspenso pelas dissensões intestinas, e da vida geral sem rumo por falta de unidade de plano, e de descentralisação dos órgãos sociaes. E no emtanto, veja-se a extensão do mal, é n'estes paizes tão pujante a natureza, tão fecundo o sólo, e tão facil a vida, que apesar de todos os erros a producção cresce sempre. Quanta riqueza perdida, quanto futuro estragado!...

Os restantes estados, os prosperos, são exactamente os que se emanciparam da oppressão militar; são, na phrase de Charles Vogel <sup>1</sup>, aquelles onde o elemento civil não está eclipsado.

Outro tanto se vê nos Estados-Unidos, cujo extraordinario desenvolvimento se explica pela completa falta de elementos feudaes na primeira colonisação, pela exclusiva applicação dos colonos ao aproveitamento das plantações, e pelo espirito positivo, independente e pratico dos primeiros *country-gentlemen*. A descentralisação effectuou-se logo desde o principio, naturalmente, sem militarismo, e com as liberdades locaes ciosamente mantidas; e quando se organisou a federação não se procurou um chefe militar, entregou-se a suprema gerencia a um magistrado, sob a lei *commum a toda a magistratura da livre republica* — *during good behaviour* enquanto se comportar bem. Sem peias de especie alguma, sem conhecerem nunca o terrivel *statu quo* da centralisação; e com o principio da liberdade *communal*, entregue nas mãos dos homens bons, dos melhores, dos eleitos, *ruling elders* ou *select men*, os Estados-Unidos engrandeceram-se do modo extraordinario que lhes dá lugar á parte na historia colonial <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> *Le monde terrestre*, vol. III, part. III, pag. 313 — Paris, 1884.

<sup>2</sup> V. Dixon, Tocqueville, Fontpertuis, Jannet.

No Canadá, e especialmente na colonia franceza, outro tanto se vê, dadas as respectivas proporções. O Baixo-Canadá, que desde o ministerio de Richelieu se governava sósinho, manteve até 1763, quando foi enfeudado á Inglaterra, aquellas fortes tendencias individualistas, que explosiram logo, apenas o systema militar se implantou na colonia pretendendo desnacionalisar os antigos habitantes. D'ahi os conflictos e a necessidade para a Inglaterra de ceder a pouco e pouco: em 1774 renunciou pelo acto de Quebec a introduzir no Canadá as leis civis inglezas; em 1791 cada provincia teve a sua constituição e duas camaras. Como porém este systema era um perfeito logro, porque o favoritismo e o capricho predominavam, dando aos cortezãos e aos militares privilegios e terras, os canadianos protestaram com as insurreições de 1837 e 1839, produzindo a missão de lord Durham em 1840 e o estabelecimento do governo parlamentar verdadeiramente responsavel; e trazendo a conferencia de Quebec em 1864, como preliminar do *Acto da America britannica do Norte*, que em 1867 havia de dar a cada uma das provincias autonomia local, e a todas a *Confederação do Canadá*, cujo chefe é com o commandante em chefe das milicias, o unico funcionario de nomeação da metropole. Para tão brilhante conquista, trabalharam o eminente e energico Papineau — o O'Connell do Canadá francez — e os entusiastas Lafontaine, Morin, Taché, canadianos illustres e patriotas intemeratos <sup>1</sup>, cujos nomes convém rememorar.

Hoje a Inglaterra acha na cuidadosa conservação d'este *self-government* local, o melhor penhor da paz e da conservação d'esta rica e nobre colonia <sup>2</sup>: a corôa tem apenas o *veto* e a direcção da politica exterior.

---

<sup>1</sup> Não era só o individualismo francez que trabalhava n'este sentido; eram tambem os inglezes (alguns). Os mais conhecidos são os irmãos Nelson, que figuraram entre os chefes da sublevação de 1837. Póde pois fallar-se com justiça em *individualismo colonial*, visto que o elemento europeu pugnavia pela sua emancipação.

<sup>2</sup> Já assim pensavam em 1852 alguns inglezes imparciaes, e entre elles Hugh Seymour. O benemerito lord Dufferin, que tantas sympathias alcançou no Canadá, igualmente o pensou e disse em 1878, quando entregou o governo ao marquez de Lorne. — Eu considero uma felicidade para o Canadá ser a sua prosperidade baseada sobre a cooperação de raças diferentes; a acção da dissemelhança dos gostos e das tendencias nacionaes introduz na nossa existencia uma frescura, uma variedade, um colorido e um impulso que lhe faltariam se succedesse o contrario: e seria *inepcia dos nossos homems d'estado tentar fazer desaparecer esta variedade de tendencias...*

Vide o bello livro de H. Lamothe, *Cinq mois chez les français d'Amérique*, pag. 22, 104, 138, 164 — Paris, 1879.

No Haiti, o regimen militar, implantado pelo vingativo Dessalines, e depois seguido por Boyer, Petion <sup>1</sup> e Soulouque, produziu a interminavel anarchia que estancou as fontes de producção, reduzindo-as a tal ponto que hoje o commercio é cinco vezes menor do que no tempo do monopólio e do regimen colonial!

Não bastarão estes exemplos?

(Continúa).

CARLOS DE MELLO.

<sup>1</sup> Schœlcher, *Colonies étrangères et Haiti*, cap. iv a ix e xiii — Paris, 1843.

## ROMANCISTAS NATURALISTAS

JOSÉ AUGUSTO VIEIRA

Por vezes nos temos occupado d'este escriptor tanto na imprensa portugueza como na estrangeira e por isso o presente artigo será o desenvolvimento das nossas opiniões anteriores sobre a sua individualidade artistico-litteraria.

O seu nome não figura ainda nas tristissimas apreciações do naturalismo em Portugal, feitas por essa bohemia jornalística insciente, sempre disposta a incensar o que não possui valor real, calando ou desvirtuando os trabalhos d'aquelles que se não aproximam ou antes se afastam das suas divagações estultas.

A insipiencia é ordinariamente má.

José Augusto Vieira apparece-nos desprezenciosamente no moderno movimento litterario, publicando no Porto (1879) o seu primeiro volume intitulado *Phototypias do Minho*.

A bohemia teve d'elle perfeito conhecimento, mas por facciosismo, incapacidade ou emulação, não disse sequer uma palavra. Por este facto o livro ficaria completamente ignorado do publico se um homem que é o mestre de nós todos — Theophilo Braga — o não arrancasse da obscuridade, apreciando-o n'uma Revista portugueza e saudando o seu auctor como um moço de talento <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Vid. *A Renascença* — 1.º anno, pag. 130-31.

O sabio professor do *Curso Superior de Lettras* nota esse silencio que julga criminoso e que nos não admirou porque a estreia de J. A. Vieira era uma das mais auspiciosas da geração actual. Se a obra revelasse a chateza e a mediocridade, não faltaria decerto quem a applaudisse. É a experiencia que nos leva a avançar esta proposição pouco lisongeira para esses espiritos sem ideias, sem gosto, nullos, mas triumphantes, por essa mesma falta de siso que notamos na grande maioria dos individuos.

O livro *Phototypias do Minho* comprehende quatro encantadoras novellas — *As arrecadas de Rosinha*, *A cura d'uma nevrose*, *A procissão dos defuntos* e *A carta do Brazil*.

Theophilo Braga ajuizando-o em breves mas firmes e definitivos traços, diz ser «mais um documento precioso para a litteratura portugueza contemporanea, e que o nome do seu auctor deve figurar sem restricções entre a phalange dos novos espiritos que procuram associar a actividade mental portugueza ao movimento moderno.»

Nós, lendo esses primores d'arte que motivaram as transcriptas palavras do illustre director da mocidade estudiosa, não podemos deixar de o secundar nos justos applausos ao novel romancista que nos encantava.

Foi a *Revista de Estudos Livres* que inseriu essas nossas primeiras phrases de louvor bem merecido, certos de que nenhuma outra publicação portugueza seria capaz de imprimir, por falta de independencia, o artigo bibliographico onde ellas se lêem com o fim de evidenciar o verdadeiro merito artistico e de esclarecer uns... juizos parciaes, injustos, apaixonados <sup>1</sup>.

Dissemos e repetimos, plenamente satisfeitos por sabermos que concordam connosco todos aquelles que possuem senso esthetico, «que as *Phototypias do Minho* são um primor do genero pelo pittoresco das descripções.»

A nossa fraca intelligencia impunha-nos o dever de indicar sempre que se discutia o naturalismo em Portugal, o nome de José Augusto Vieira como um dos mais sympathicos d'esse movimento <sup>2</sup>.

Pela boa impressão que os seus quadros campesinos deixaram no espirito dos que desejam o progresso das idéas, elle foi convi-

<sup>1</sup> Vid. *Revista de Estudos Livres* — 1.º anno — 1883, pag. 233.

<sup>2</sup> Quer fallando, quer escreveado, sustentamos sempre esta affirmacção.

dado a collaborar na *Revista de Estudos Livres*, não desmerecendo nunca os seus bellos contos n'ella publicados, o juizo impresso de Theophilo Braga.

O escriptor tornara-se tambem mais conhecido a ponto de ser já considerado no estrangeiro como o mais attrahente dos nossos romancistas naturalistas <sup>1</sup>.

O que são essas novellas que tanto prendem o espirito dos que as lêem, diz o proprio auctor nas seguintes linhas preliminares: « *As Phototypias* são a traducção das condições do meio, que influenciaram toda a nossa infancia e grande parte da nossa mocidade. »

Com alma de verdadeiro artista José Augusto Vieira pintando o que viu e idealizando ao mesmo tempo esses quadros e caracteres, tornou-os maravilhosamente mais visiveis e dominadores.

A idealisação exercida sobre os objectos reaes e vulgares, sobre os personagens que se pretende animar, os caracteres, as paizagens que se quer desenhar e descrever, é a mais brilhante qualidade do artista. Sem este modelo interior das cousas vistas, observadas e sentidas, ao qual nós chamamos o ideal, não póde haver obra esthetica.

Diz E. Véron: « A arte consiste essencialmente no predomínio da subjectividade sobre a objectividade, e é o que a distingue da sciencia. » (*L'Esthétique*, pag. 467).

Effectivamente, se a personalidade artistica não intervesse sempre na exhibição da verdade, com as suas impressões, com a sua comprehensão especial, com a sua imaginativa, emfim, o realismo não teria adeptos, nunca formaria escola pelo facto de não ser arte a insipida cópia photographica.

Nas *Phototypias do Minho* nota-se a verdade das cousas e a personalidade do artista, e eis porque esse livro é considerado pela critica scientifica um verdadeiro primor. N'elle o seu auctor attingiu a formula completa da arte naturalista.

Nas *Arrecadas de Rosinha* a paizagem offerece um colorido tão vivo e tão natural que nos enleva. A natureza sente-se, respira-se,

---

<sup>1</sup> Vid. *La Revue Internationale*, dirigida por Angelo de Gubernatis — Florença. *Cronaca Sibarita* — Napoles. É tambem a opinião do illustre escriptor francez Mr. Albert Savine, que já deve ter publicado em Paris um estudo sobre o naturalismo em Portugal. A competencia d'este nosso amigo para tratar de tal assumpto, está de ha muito provada e sem contestação. Elle tem profundo conhecimento das linguas e litteraturas romanicas.



na sua simplicidade, nas suas nuances; os personagens deixam-nos bem gravados no espirito os seus sentimentos, os seus habitos tradicionaes, as suas expressões francas, a sua imagem physica e moral.

O quadro com todas as suas gradações e relevos patenteia-se-nos com extrema simplicidade de concepção.

O dialogo vivo, espontaneo, simples, as situações naturalissimas, toda a fôrma litteraria d'uma correccão admiravel, sem preoccupações, accusam um temperamento de artista são e completo como os d'essa famosa raça de pintores hollandezes tão salientes, sobretudo pela finura, delicadeza e brilho das paizagens, pela representação de scenas da vida ordinaria e dos costumes populares.

Os quadros ingenuos e ás vezes tocantes de J. A. Vieira, dando-nos a mais bella e salutar impressão artistica, fazem-nos immediatamente recordar o colorido vigoroso e attrahente de Bisschop, o sentimento muito terno e a execução facil e elevada de Israels, Burgers, Jacques Maris e outros não menos distinctos e notaveis pela originalidade e sentir moderno.

Parece-nos todavia descobrir na primeira novella das *Phototypias* scenas ainda um tanto convencionaes, apesar da sua brevidade, como por exemplo a que se dá entre Custodio e Leonel e aquella em que frei Vicente exige ao pae de Rosinha o pagamento da divida. Estas duas situações obedecem aos moldes romanticos, e a ultima principalmente pela resolução quasi heroica da camponeza indo á arca buscar as suas queridas arrecadas e acompanhando a entrega d'ellas d'umas phrases que se nos afiguram menos espontaneas. A singeleza rural exprimir-se-hia d'outro modo.

A mudança rapida do sentir de Leonel por esse rasgo inesperado de Rosinha, as respostas de Custodio ao lavrador abastado, o entrecho finalmente, exhibem um modelo que já não é novo. Toda a originalidade do novellista sente-se no desenho da paizagem, na reproducção dos typos, na fôrma pittoresca, captivante.

O primeiro cuidado do celebre paizagista inglez John Constable quando se achava com o lapis ou o pincel na mão deante de uma scena da natureza, era esquecer completamente as pinturas que tinha visto.

José A. Vieira parece ter feito o mesmo em litteratura, e eis porque as suas descripções são originalissimas. O grande artista será sempre aquelle que produzindo não vê as obras dos outros, que traduz apenas as suas impressões naturaes. A sinceridade na arte é tudo.

Mas esses senões indicados de nenhum modo prejudicam os contornos geraes do quadro, a sua belleza e simplicidade.

A impressão que nos produziu a sua leitura no todo, despertou-nos a sympathia e mesmo a admiração pelo auctor; faltava, porém, descermos a uma analyse mais particular, e foi essa que nos deu a visão do que fica iniciado sem importancia pelo facto de não revelar mais do que a reminiscencia quasi obliterada de scenas identicas, peculiares d'uma litteratura que decae dia a dia, mas que apesar d'isso ainda influe na grande maioria dos espiritos.

Os primeiros trabalhos de todos os nossos naturalistas e ainda os ultimos d'alguns, resentem-se mais ou menos da influencia do romantismo, tanto na linguagem como no entrecho e no sentimento, e o volume que vimos examinando não exhibindo senão uns traços quasi imperceptiveis d'essa feição convencional, afigura-se-nos a obra mais sincera que conhecemos da nova escola.

*A cura de uma nevrose* é já um romance e tem a sua these — o hystericismo — que a ignorancia crendo ser o espirito mão, pretende combatel-o e expulsal-o do corpo do padecente com benzeduras, esconjuros e responsos. É a peça capital das *Phototypias do Minho*. N'ella o talentoso artista manifesta a sua elevada educação scientifica e a completa posse do moderno processo.

O phenomeno morbido que constitue o assumpto acha-se admiravelmente estudado sem essa monotonia insupportavel do *Estudo pathologico d'uma santa*, de Bento Moreno, e os episodios interessantissimos da acção succedem-se naturalmente, com a fatalidade do meio, logicos, cheios de verdade, com uma precisão admiravel, o que ninguem poderá sempre notar no *Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queiroz, onde abundam os caprichos da phantasia romanescica pela impossibilidade d'uma interpretação real e positiva das cousas e ausencia de conhecimentos scientificos.

*A cura de uma nevrose* exprimindo um facto trivial scientificamente analysado, isto é, debaixo do ponto de vista medico, sobressae como uma prova mais de que a sciencia se pôde alliar com a arte e que esta só deixa de ser futil quando se funda n'aquella.

Todas as novellas de José Augusto Vieira revelam uma intelligencia perfeitamente disciplinada pelos principios scientificos e é por isso sem duvida que poucos como elle possuirão o segredo de attrahir com as suas concepções ideaes. Comprehende-se facilmente a razão: A maioria dos nossos litteratos e artistas não admittem que a arte se prenda com a sciencia, que pelo facto de se distinguirem, as julgam incompativeis, e por isso completamente a descuram parecendo até quererem invectival-a com as expressões *fria* e *insensivel* que muito convém para salvaguarda da frivolidade.

*A cura de uma nevrose* possuindo as brilhantes qualidades do romance moderno tal como o define Zola, isto é, do romance physiologico, que em Portugal raros comprehendem apesar de muitos

pretenderem discutil-o, sobreesae tambem entre todas as demais produções portuguezas do genero, pelo seu bello intuito civilizador e superioridade scientifica.

No *Crime do Padre Amaro*, por exemplo, visto ser de maior nomeada, discute-se a velha these do celibato sacerdotal, pretendendo-se tornar o padre odioso por uns amores carnaes que se exhibem como um deboche da imaginação, e o hysterismo pelo qual o romancista pretende explicar a queda da pobre Amelia, deixa de ser um caso pathologico vulgarissimo para ser simplesmente uma phantasia amorosa.

José Augusto Vieira, no pequeno romance ou novella que vimos analysando, em vez de atacar o padre como todos os artistas demolidores, prefere antes dar-nos uma ideia de quanto podem as crençices populares no sentido da desmoralisação.

No romance de Eça de Queiroz, *Amaro* é um typo que nos não fica esboçado no espirito, é um character que se esvae; na obra de Augusto Vieira a physiologia do padre como personagem d'um estado especial e caracteristico, realisa o fim dos grandes artistas que é eternisar as suas creações.

Antes do padre, entidade nulla na sociedade moderna, está a instituição que o sustenta; em vez de o verberarmos ou de declarmarmos contra os seus actos, seria muito mais proveitoso combater as crenças derivadas da ignorancia, as superstições com que elle especula. A sua eliminção natural depende da eliminção dos crentes. Isto é obvio, é materia corrente.

José Augusto Vieira pelo seu ponto de vista moderno comprehendeu facilmente onde estava o verdadeiro mal que elevaria a sua concepção artistica, esse que faz com que o pastor d'almas seja tambem o possuidor de bellos corpos virginaes. É pois esse mal, a esses prejuizos da credulidade ignorante e supersticiosa que elle se dirige profundamente no nobre intuito de os deruir. Como? Explicando o que é o *esprito* da filha do morgador do Soutello, instruindo, civilisando com noções scientificas de mui facil comprehensão. Se o seu formoso livro fosse lido nas povoações ruraes, onde ainda se crê que a hysteria é o *exmonio no corpo*, esta prejudicial crendice iria pouco a pouco desapparecendo, como têm desapparecido muitos outros absurdos pela cultura intellectual. O padre não mais se apossaria das raparigas hystericas por meio dos falsos exorcismos pelo simples facto de que nenhuma os acreditaria.

Ora a morgada do Soutello não consultava a sciencia porque, diz o novellista, « tinha por oraculo os seus prejuizos e cria firmemente na salvação da filha por intermedio d'elles », isto é, acreditava piamente nos esconjuros, nas hervas milagrosas e palavras

santas e enigmaticas, os agentes therapeuticos na sua pharmacologia.

O padre Julio apenas sabe representar o papel que lhe distribuiram n'aquella comedia; foi hypocrita e infame porque se manifestava a ignorancia. Praticar o contrario seria annullar o seu prestigio e auctoridade, seria o aniquilamento da fé que dá a existencia a todos os ministros da religião.

A correccão dos quadros idyllicos, a sua grande frescura, a rapidez nervosa da descripção, o vigor da paizagem nos seus variados tons, a espontaneidade e viveza do dialogo, a naturalidade das scenas, tudo emfim que constitue a perfeita obra d'arte se exhibe n'esta interessante novella.

*A procissão dos defuntos* é um quadro essencialmente poetico e tem por thema originalissimo a influencia das superstições populares na vida provinciana.

Poucos romancistas, novellistas ou contistas entre nós, seriam capazes de dar-nos uma nota tão verdadeira d'esse viver simples mas frequentemente agitado pelos vagos terrores supersticiosos que na sua poesia exprimem tambem os maiores soffrimentos moraes, o mal-estar profundo que até origina a morte, como aconteceu ao bom tio Claudio, uma das muitas victimas da crença idiota.

Miquelina e a filha, dois bellos typos que figuram n'este conto, são esboçados com a maxima perfeição artistica e os quadros campesinos têm esse vigor de colorido, esses tons melancolicos e alegres que nos attrahem n'uma admiração pantheista.

*A carta do Brazil*, uma narrativa deliciosa, breve, d'uma realidade profunda, termina as *Phototypias do Minho*. Descreve-se uma situação vulgarissima da emigração portugueza.

Nada mais natural. Em dois traços um canto da aldeia dando-nos a ideia da recordação de toda ella. Em duas paginas todo o seu pequeno mundo, o seu viver, os seus costumes. É uma miniatura que diz tudo, que dispensa as grande telas. O sentimento verdadeiro d'essa situação, a naturalidade com que é descripta, a simplicidade dos personagens, os seus tons pittorescos e o seu dialogo tão vivo, tão preciso e tão popular, formam n'um tocante amplexo, um quadro de mestre.

Em 1881 sae tambem no Porto o romance *A Divorciada*, de que a imprensa pouco ou nada disse<sup>1</sup>. A acção esboça-se em poucas linhas. Alberto e Ermelinda, os protagonistas, casaram ao fim de seis mezes de namoro começado n'um baile de familia; ella

---

<sup>1</sup> Só vimos um bello artigo critico do snr. Alexandre da Conceição.

uma romantica muito sentimental, elle um valdevinos elegante e afidalgado. Levavam ambos uma vida ociosa e tinham exigencias imprudentes a ponto de desbaratarem as economias de Jorge, um bom burguez que se illudira com as apparencias do genro e que pouco tempo depois morrera desgostoso d'este impensado casamento. Como era natural, Alberto logo que se viu livre do sogro continuou com maior loucura na dissipação dos pequenos haveres de sua mulher. Era dado á embriaguez e ao jogo, e havia reatado as suas relações de solteiro com uma amante prostituida. A velleza das suas ambições de fortuna levou-o a falsificar lettras de cambio no valor de contos de reis, pelo que foi despedido do Banco onde estava empregado, valendo-lhe o não ser mettido na cadeia a consideração que os directores tinham por sua mulher, filha d'um collega a quem elle todavia maltratava deixando-lhe o corpo maguado e obrigando-a até pela ameaça da força a servir a amasia que um dia apresentára em casa para jantar.

Este facto que era o cumulo do cynismo e as violentas brutalidades, motivaram a separação judicial requerida por Ermelinda.

O commendador Faria que por ella sentia « alguma cousa de extranho » desde que a vira pela primeira vez, foi quem a protegeu, como promettera ao pae no seu leito de morte, e o leitor perceberá facilmente que elle se julgaria muito mais feliz amparando-a como amante. Alberto de baixaza em baixaza deu em cocheiro de praça. Nada mais simples nem mais profundo do que este assumpto. Uma these bem moderna se discute: A tyrannia da lei que só permite a separação de pessoa e bens a pretexto de moralidade, quando factos eloquentes demonstram bem o contrario do que hypocritamente se pretende.

José Augusto Vieira dá-nos n'este seu romance um grande exemplo de como a lei do divorcio longe de desmoralisar traria ainda a felicidade a uma pobre mulher que fôra victima das suas illusões, que se apaixonára « pelo que suppunha ser o romance da vida. » A lei absurda não lhe permitindo uma outra união legal e condemnando-a a « uma honestidade eterna » sem que ella nada devesse á dignidade do marido, não era deveras brutal? « Aquelle voto que a sociedade lhe houvera imposto com o processo de separação » como se fosse possivel abafar-se as eternas leis do amor, não era uma indignidade revoltante? O que queria a lei senão a immoralidade? Ermelinda amou segundo homem porque o primeiro a não comprehendera, porque se tornára abjecto e indigno d'ella; mas lá estava o convencionalismo social a prohibir-lhe a manifestação d'esse sentimento e portanto a provocar-lhe a revolta. Porque não havia de encetar « uma vida nova formando uma familia honesta e honrada? » A lei a isso se oppunha. E como recompensar a

grande dedicação d'esse homem que a protegia? Sendo sua concubina já que não podia ser sua mulher? Era a esta falsa situação condemnada pela sociedade que uma lei absurda a impellia.

Parece-nos, portanto, que o romance de que vimos dando uma idéa, abrangendo estas considerações que forçosamente haviam de ser causa de enorme lucta moral, e baseando-se logicamente n'um dos themas mais palpitantes da actualidade, devia merecer as atenções da critica tão benevola sempre para as mediocridades que por ahí vêem a luz.

José Augusto Vieira comprehendendo o valor das concepções artisticas quando se inspiram em problemas sociaes, é por isso tambem um vigoroso propagandista das idéas modernas, um demolidor consciente da velharia inutil e prejudicial ao desenvolvimento das sociedades. As luctas intimas originadas d'esses conflictos permanentes entre o homem e as convenções ou as leis que o regem, hão de necessariamente produzir a obra d'arte duravel quando o artista tenha esse poder de intuição e de penetração psychologica que distingue o illustre romancista minhoto.

Vejamos, porém, o romance nos seus quadros, nos seus personagens, nos incidentes, que o formam, na sua execução, emfim, já que o vimos no seu elevado intuito.

Ninguem dirá lendo a *Divorciada* e as *Phototypias* que o seu auctor sente pela vida burgueza o mesmo que pela vida rural; que a sua alma de artista tanto se impressiona com o aspecto d'um mundo obedecendo a certas conveniencias como com a physionomia d'outro não cultivado, porém mais expansivo, laborioso e livre de formalidades. É bem visual esta differença de sentir e tanto melhor porque uma feição especial se lhe nota como uma eminente qualidade artistica. Elucidemos: Todas as vezes que J. Augusto Vieira se inspira da vida campestre nas suas expressões risosas ou melancolicas, elle não só exhibe um colorido vigoroso e attrahente nos quadros, como tambem se eleva á maxima perfeição ideal pelo maior sentimento litterario, da côr e das fórmãs. É porque as impressões recebidas d'esse meio em que nascera, que fôra o seu meio de infancia e tambem de grande parte da sua juventude, são mais fundas, mais vibrantes, mais duradouras. Elle é sempre grande na simplicidade natural porque a sente em harmonia com o seu character e indole, com o seu viver, com o seu temperamento bucolico.

Cada auctor lá tem os seus personagens, a sua natureza, o seu universo, que elle mais ama, que mais o seduz, e é por isso que o escriptor de que nos occupamos nos captiva mais com a pintura da vida do campo do que com a da vida da cidade. Esta, pelos seus artificios não póde impressional-o como aquella toda singeleza e

franqueza, naturalidade e expansibilidade. Elle sentiu despertar-lhe a consciencia na vida rustica; n'ella o feriram as primeiras sensações duraveis, n'ella amára as pessoas e as cousas, observára os idyllios, sentira a poesia dos lugares inundados de luz ou cobertos de sombra, tristes ou alegres, vicejantes ou emmurchecidos; a vida urbana com os seus ares ficticios, as suas calculadas reservas ou falsas manifestações, o seu convencionalismo e hypocrisia, poderá tambem inspirar obra d'arte a um espirito educado na sinceridade e lhaneza e tonificado por bellos ideaes, mas nunca interessal-o, prendel-o com tanto amor como o meio *vivido*. Só este terá os grandes e fortes attractivos; só essas scenas, esses episodios campesinos, possuirão a magia, o deslumbramento, a bella nota que o enthusiasme ou a emocione mais profundamente.

A acção da *Divorciada* passa-se no Porto, mundo essencialmente burguez onde J. Augusto Vieira estudou o curso medico. Em face, pois, d'uma expressão social que só poderia decerto observar nos poucos momentos vagos do anno lectivo, d'uma sociedade que lhe não era familiar, que não era o mundo ingenuo e simples da sua predilecção, o artista ha de forçosamente ser menos impressionavel para ser talvez mais analysta e menos pessoal. É o que effectivamente se nota n'este romance.

A parte descriptiva continúa a exhibir-se com a mesma brevidade; em dous traços apenas se esboça o quadro preliminar da acção; ninguém mais rapido nem mais preciso; mas o sentimento das novellas que precedentemente analysamos é que se não revela aqui; ficou com a tendencia contrariada, com o pintor da simplicidade. O idyllio e a paizagem formam o seu genero, genero em que elle põe toda a sua alma e que por isso lhe assignala um lugar eminente entre os naturalistas actuaes.

É preciso possuir-se muito talento, mais do que o vulgar, para se imprimir a verdadeira côr a uma natureza que não surprehende nem attrae; para se dar realce a um viver insipido, prosaico, a ponto de se conseguir com os episodios d'esse meio sem attractivos, acanhado, chato, prender o espirito do leitor, interessando-o e mesmo emocionando-o embora com menos força e viveza.

A *Divorciada* é mais um documento comprovativo d'esse talento superior porque exprime com elevação uma trivialidade que não seduz o artista; e se lhe notamos ás vezes uma certa pallidez em diversos pontos da descripção, um colorido mais fraco nas perspectivas, menos abundancia de phrases pittorescas e uma tendencia já para o vocabulario convencional do realismo inconsciente e ultra, a razão está nos motivos anteriormente expostos.

Os personagens principaes d'este romance, taes como a sentimental Ermelinda, o extravagante Alberto, a D. Clementina, o com-

mendador Faria, bello exemplar do brasileiro-minhoto e Annita, são creaturas que acotovelamos a cada passo, physionomias que perfeitamente conhecemos. Os typos secundarios tambem nada deixam a desejar na sua appareição momentanea. Tanto os do primeiro como os do segundo plano são caracteres que representam admiravelmente a vida moderna, expressões completas da vida commum. Como não são creaturas similares dão-nos a idéa perfeita d'uma classe social com a sua dominante psychologica. O seu aspecto physico só desaparecerá com a extincção da especie.

José Augusto Vieira não é um estylista no moderno sentido da palavra, e ainda bem. A phrase sae-lhe espontanea sem deixar de levar o adjectivo colorido correspondente á sua percepção. Não se preocupa com a enumeração d'essa infinidade de detalhes que ás vezes se torna fastidiosa e em que parece resumir-se toda a esthetica dos outros naturalistas. Os factos insignificantes lhe são indifferentes. No decorrer da acção se comprehende a indole dos seus personagens; as suas palavras, os seus gestos, os seus actos, dizem tudo, e quando muito determina-os em poucas linhas physicamente e impelle-os para a scena. Nenhum outro dos nossos romancistas naturalistas procede assim, e eis porque elle se nos afigura o mais original. Nunca costumamos affirmar sem provas. Leia-se as obras de todos que a verdade apparecerá. A facilidade da execução nasce sem duvida d'esse processo simples, o mesmo de todos os seus quadros, e que faz com que *A Divorciada* se leia tambem d'um fôlego, o seu merito principal; que seja um romance da moderna escola mas sem preocupação de modelos, logico, verdadeiro, bem digno de ser imitado por essa maneira unica que talvez venha a ser a dos naturalistas futuros.

Creemos ter feito a anatomia litteraria do artista que ainda não conseguiu chamar a si a attenção publica apesar de sobresahir entre esses que a imprensa constantemente elogia collocando-os nas maiores cumiadas da Arte sem nunca lhes analysar os defeitos e qualidades. Julgamos com esse exame havermos dado uma idéa completa do romancista, intimamente convencidos de que será sempre impossivel a perfeita comprehensão d'uma personalidade sem a analyse das suas manifestações. Só essa decidirá do valor ou da mediocridade. Isto assente, póde a bohemia continuar a mostrar-se facciosa ou ignorante, que a historia litteraria fará a devida luz.

REIS DAMASÓ.



## VILLANCICOS PORTUGUEZES

---

Villancicos, villancetes, ou chacotas, são um elemento puramente popular, quer quanto á musica, quer quanto á poesia.

Cantavam-se nas egrejas de toda a península, e até faziam parte do officio divino. Já em tempo de Juan de la Encina se usavam em Hespanha, assim como em Portugal, no tempo de Gil Vicente.

Em Hespanha eram muito estimados os villancicos do celebre musico Juan Vasques, no anno de 1555; e no mesmo anno, em Portugal, eram igualmente apreciados os do não menos celebre musico Balthazar Telles. Em 1585, ou melhor diremos, antes, já em Portugal estava de tal modo generalizado o canto dos villancicos, que, nas Constituições do bispado do Porto, publicadas n'aquelle anno, se prohibe que nas missas se cante, em logar do Tracto, do Offertorio, etc., *Chansonetas e villancicos*.

A mais antiga collecção de libretos de villancicos, que conhecemos, é de Manoel do Pinho, musico da camara real. Ainda assim, apenas conhecemos a segunda parte d'esta collecção, publicada em Lisboa no anno de 1618. Nas margens, aponta o author os signos musicaes das claves e tons em que devem ser cantados.

Desculpando-se Pinho de ter escripto villancicos em portuguez, contra o costume de então, fortifica-se com o exemplo de outros poetas e musicos, que, antes d'elle, os fizeram na mesma lingua.

Estes authores pertencem ao seculo xvi, e por isso não resistimos á tentação de os fazer conhecidos dos nossos leitores.

Affonso de Ledesma, na 2.<sup>a</sup> parte do seu livro de villancicos a fl. 117, escreveu em portuguez o villancico que começa: *Fez-se Deus homem*, etc.

O licenciado João de Luque, no seu livro de villancicos a fl. 302, escreveu em portuguez o villancico que começa: *Pois com tanta graça bella*, etc.

Finalmente, Matheus Fernandes, a fl. 34 do seu livro de villancicos, escreveu em portuguez o que começa: *Boas novas Portugal*, etc.

A fórma dos villancicos, que, a principio, era da maior simplicidade, foi-se ataviando artisticamente até ás maiores proporções scenicas.

Deixemos, na sua simplicidade, as fórmas da primeira gradação e passemos a examinar as da segunda e terceira.

Principiemos pelos villancicos do Natal, cantados em 1653 na capella real de Lisboa.

Antes do primeiro nocturno cantou-se um villancico dialogado a duas vozes, finalizando com duas coplas, tambem a duas vozes. O 2.<sup>o</sup> villancico foi cantado a tres vozes com duas coplas a solo; finalmente, o 3.<sup>o</sup> villancico foi cantado a solo, com as coplas tambem a solo.

O 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> nocturnos foram, com pouca differença, como o 1.<sup>o</sup>, no fim porém do 3.<sup>o</sup> nocturno, acaba com um villancico, em portuguez e castelhano, de que vamos transcrever parte:

#### CASTELHANO E PORTUGUEZ

- C. Castellano dicen que es este Niño soberano?  
 P. Castelhana, Castelhana: O Menino é portuguez.  
 C. Dadme la razon agora, fidalgo, de vuestro error?  
 P. Com tal excesso d'amor, quem, se não portuguez fôra?  
 C. Humillada la grandeza ser portuguez, no persuade.  
 P. Sim que é virtude a humildade e não encontra a natureza.  
 C. Y diciendo Vasco Palla de las pajas del Portal?  
 P. Zombaes? Se eu chego ao mangual, vós chamareis quem vos valha.  
 C. Ocasion de enojo esta quando pas el ciel embia?  
 P. Concordia, concordia Dizeis bem, façamos festa.

## Estrilho

Venha a chusma refinada,  
 Com a gaita temperada,  
 A sanfonina e rabel,  
 Violinhas a garnel.  
 O adufe e o pandeiro,  
 A chacota e a folia,  
 Aja festa, aja alegria.  
 Toma pó, faze terreiro,  
 Que o menino Manoelinho  
 Bello arminho,  
 Que está alli no portalinho,  
 Não me dê ninguem conselhos,  
 Ha de ser, em que vos pez,  
 Trinta vezes portuguez  
 Pelos Santos Evangelhos.

Prosegue um dialogo do genero do primeiro e acaba com o mesmo estrilho: *Venha a chusma*, etc. N'este libreto ha tambem para a missa um villancico e quatro coplas.

Os villancicos eram acompanhados de orchestra. Nos villancicos do Natal de 1654 cantava-se a seguinte

## XACARA

Cantela el autor,  
 que la cantará mejor,  
 y al son de los instrumentos  
 en sonoros acentos  
 todos digamos contentos  
 una xacara d'amor.

Nos villancicos do Natal de 1661 o 1.º villancico do 2.º nocturno é em dueto e remata por um côro.

No 3.º nocturno ha umas seguidilhas.

Nos villancicos de 1667 ha duas dansas com canto. Os seguintes versos cantados por um preto podem-nos dar idéa de alguns instrumentos de que se compunha a orchestra :

Preparemo instlumenta  
 flauta, arpa e os rabequia  
 que d'esta famosa fesa  
 En quelle fazé os guia.

Nos villancicos do Natal de 1677, ha um cumprido:

« Bayle d'abril y diciembre y flôres »

desempenhado com cantoria, em côro.

Nos villancicos do Natal, cantados na sé de Coimbra em 1702, havia uma dansa de pretos com o seguinte côro:

Izazu, como sar linda — *Ay lé*  
Os menina que regala — *Ay lé.*  
Porque çá deitando uns oia — *Ay lé. Etc.*

N'este mesmo libreto ha o seguinte para cantar ao levantar a Deus:

Ay como llora  
My sol tierno Infante  
Que humano y que amante  
Y entre unas pajas  
El blanco jasmín,  
Ay de mim. Etc.

Foi nos villancicos da Conceição que primeiro se introduziu o elemento scenico; nos de 1669, cantados na capella real, figuravam:

A perseverança; o poder; o amor; a graça; o mundo; a soberba; o peccado; os animaes; os poetas; os mezes, etc. etc. Os villancicos da Conceição, cantados em 1671 na capella real, são os mais variados, quanto á fôrma, em toda a época anterior a D. João v.

Compunham-se de:

Uma introdução, xácara, estribilho; entremez dos bachareis; baile do hospital; entremez dos alcaides; baile das beatas; baile da galera com suas manobras nauticas, etc. etc.

As arias precedidas de recitativos, á imitação da musica italiana, appareceram pela primeira vez em villancicos, nos da Conceição, que se cantaram em 1709, na capella real.

Os villancicos de Santa Cecilia e de S. Gonçalo eram ricos de elementos musicaes, porém os de S. Vicente foram os de maior pompa, em todo o genero.

A 22 de janeiro de 1719 executaram-se uns complicados villancicos a S. Vicente, na sé de Lisboa, sob a direcção do mestre de capella Francisco da Costa e Silva. A musica do 1.º villancico era composta por D. Francisco José Coutinho; a do 2.º e 8.º por D. Jaime de la Té y Sagau, a do 3.º, 5.º e 6.º pelo padre Francisco da Costa e Silva, a do 4.º por fr. Henrique Carlos e a do 7.º

por André da Costa. Na sua execução tomaram parte muitos artistas e quatro coros. Todas as fórmulas musicas dos villancicos produzidos até esta data, com excepção da dança, se achavam n'esta brilhante composição.

Na ultima pagina do libreto d'estes villancicos, lê-se o seguinte aviso:

«Será continuacion de estos cultos, un oratorio, que se cantará mañana por la tarde, en que se finalisa la fiesta del Señor San Vicente.»

Provavelmente não foi este o primeiro oratorio que se cantou em Portugal, porquanto, Barbosa Machado no tom. 1 da *Bibl. lus.*, pag. 197, dá noticia de um oratorio a S. Lourenço, composto por Antonio d'Almeida e impresso em Coimbra no anno de 1656.

Vejamos como se desenvolve o oratorio a S. Vicente, com musica de D. Jaime de la Té y Sagau cantado no anno de 1722:

«Da-se principio con una sonata de todos los instrumentos: despues de la qual sigue este 4 con los mismos instrumentos, clarines y tímboles con sordinas.»

Segue-se o quarteto, depois umas coplas alternadas, entre os quatro coros, com violetas; acabando por um cheio dos quatro coros com todos os instrumentos, clarins e tímboles, sem surdinas. Depois d'isto um recitativo e coplas a duo, sem instrumentos; outro recitativo, seguido d'uma aria com rebecas: depois coplas a solo com rebecca; um recitativo e aria com rebecas e violas; um quarteto, sem recitativo, com os mesmos instrumentos; umas coplas a solo com fagotes; um recitativo a duo; uma aria a duo com rebecas e violetas; uma aria a solo com rebecca, rebecca e fagote; outros recitativos, arias e coplas com fagotes, rebecas, violetas e rebeccaes punteados.

Acaba por uma aria com rebecca, seguida de um quarteto com todos os instrumentos.

Detivemo-nos na descripção d'este oratorio para dar bem a conhecer a sua importancia artistica. No anno de 1723 cantou-se, pela ultima vez, na sé, um oratorio a S. Vicente.

D'esse anno em diante, por determinação de el-rei D. João v, não se cantaram mais villancicos nas egrejas. Este faustoso monarcha e magestoso proletario, que foi o primeiro galanteador da corte e que conseguiu emancipar as mulheres em Portugal, aproximando os sexos, nas festas, que dava e nos theatros, tornou-se sombrio e taciturno, deixando-se dominar pelo terror religioso. Nos ultimos tempos do seu reinado paralyzaram-se os divertimentos sacros e profanos. Ainda assim, o grande elemento popular dos villancicos, não se perdeu totalmente, e deu talvez origem á nossa opera comica, desenvolvida por Antonio José da Silva no theatro

do Bairro-Alto. Os oratorios tambem continuaram o theatro, com mais pompa de fórmas scenicas, etc. etc.

Conheemos apenas 275 libretos de villancicos. Os mais antigos são os do Natal. Desde a Restauração, em 1640, até ao anno de 1715, cantaram-se, sem interrupção, na capella real de el-rei D. João iv; quasi o mesmo succedeu aos villancicos dos Reis e Conceição. Antes mesmo de 1640, sabemos que já D. João iv fazia executar os villancicos na sua capella ducal. O snr. Innocencio dá noticia de uns que alli se cantaram em 1637. <sup>1</sup>

Os villancicos que conhecemos foram executados nas seguintes egrejas: capella real, sé de Lisboa, sé de Coimbra, S. Vicente, Santa Justa, S. Paulo, Magdalena, Graça, S. Nicolau, S. Pedro em Alcantara e capella de Villa Viçosa. Conventos: de Santa Clara, Chellas, Calvario, Esperança, Sant'Anna, Santo Antonio, S. Lourenço e S. Sebastião. Os villancicos do Natal, cantados em 1646 no convento da Graça, foram executados em cinco linguas: portuguez, hespanhol, mourisco, ratinho e negro. Os de Santo Antonio, cantados na sua egreja em 1699, foram em italiano e portuguez. Em quasi todas as outras se cantaram, exclusivamente, em hespanhol, ou em hespanhol e portuguez.

Os villancicos executam-se nas festas do Natal, Reis, Conceição, Santa Cecilia, S. Vicente, S. Sebastião, Santa Clara, S. Nicolau, S. Lourenço, etc.

Tambem se usavam nas profissões de frades e freiras. Conhecemos os que se cantaram em 1675, no mosteiro de Chellas das conegas regrantes, na profissão de Francisca do Sacramento e Silva. N'estes villancicos cantou-se e representou-se com figuras: a pobreza e a obediencia.

No convento do Calvario tambem se cantaram villancicos na profissão de soror Anna da Conceição.

Por nos parecer curioso, damos noticia dos compositores ou maestros, como hoje se diz, que fizeram musica para os villancicos que tanto deleitaram os nossos antepassados. Na biographia de cada um achará o leitor noticia, quanto ao merito musical.

Do seculo xvi conhecemos:

Filippe de Magalhães, Duarte Lobo, Antonio de Pina, Antonio do Pinho, André de Resende, Balthazar Telles e Gil Vicente.

Do seculo xvii:

---

<sup>1</sup> Innocencio, *Dic. bibliq.*, tom. viii, pag. 450.

Fr. Manoel Cardoso, Fr. Antonio Belem, Fr. Estevam de Belem, Fr. Estevam Brito, Fr. Luiz de Christo, Filippe da Conceição, Nuno da Conceição, Fr. André da Costa, Sebastião da Costa, Fr. Filippe da Cruz, Fr. Antonio de Santo Elias, João Alvares Frouvo, Fr. Gabriel da Gloria, Fr. Antonio de Jesus, Antonio Marques Lesbio, Francisco Luiz, Manoel Machado, Diogo Dias Melgaço, João da Silva Moraes, Antonio d'Oliveira, Pedro Sanches Paredes, Domingos Nunes Pereira, Marcos Soares Pereira, Manoel do Pinho, Fr. Manoel Pousão, João Soares Rebello, Pedro Vaz Rego, Gaspar dos Reis, Fr. Francisco da Rocha, Gonçalo Mendes Saldanha, Fr. Francisco Sant'Iago e Fr. Manoel dos Santos.

Do seculo XVIII:

Francisco da Costa e Silva, Fr. Antonio do Rosario, Fr. Francisco de S. Jeronymo, Luiz da Costa e Faria, Henriques Carlos Corrêa, Fr. Pedro da Conceição, André da Costa e Francisco José Coutinho.

O puro elemento popular dos villancicos, foi, a principio, uma restricção, um apuro do abuso indecente e deshonesto a que chegaram as representações nas igrejas, dos mysterios, autos, entremezes, etc. etc.

O poder religioso e civil conjurava-se contra este abuso, mas a despeito de toda a severidade não conseguiu destruir o elemento popular, porquanto nos proprios villancicos bem depressa entrou o elemento scenico e, com elle, as dansas, a indecencia e a deshonestidade. Para tratarmos com mais segurança este curioso assumpto dos divertimentos sacro-profanos dos nossos antepassados, é indispensavel estabelecer, com precisão, a data em que entrou, nas igrejas, a musica instrumental; porque, sem duvida, o elemento musical, contribuiu para o aperfeiçoamento da fórma dos mysterios, autos e mais representações.

Sabemos pois, que muitos annos antes (mais de seculo e meio) que se usasse musica instrumental nas igrejas de Italia e França, já ella se usava na peninsula. O uso dos instrumentos nas igrejas de Italia foi introduzido pelos fins do seculo XVI por Baccusi, mestre da capella de Verona. <sup>1</sup> Em França, um seculo mais tarde, no reinado de Luiz XIV. <sup>2</sup> Em Portugal, já no meado do seculo XV, em 1455, se tocavam instrumentos nas igrejas. Faria e Sousa, diz que

<sup>1</sup> Fétis, *Biog. univer. dos Mus.*, 1.º, 1; Scudo, *Critique et Litterature mus.*, 1.ª serie, 3.ª ed., pag. 39.

<sup>2</sup> Poisot, *Hist. de la Musique en France*, pag. 65.

na festa do baptisado do, depois, rei D. João II, « las alborozavan los animos voces de toda variedad de instrumentos que incitados del aliento e de la mano, davan mucho en que entender a los oidos ». <sup>1</sup> Este assumpto é importantissimo e digno de sérios estudos. Por estreitissima ligação, depende d'elle a historia da nossa abundante e rica musica sacra e, até mesmo, a da formação do nosso theatro.

JOAQUIM JOSÉ MARQUES.

---

<sup>1</sup> *Europa portugueza*, 1.º, II, pag. 429.



## MANDINGAS

Desde a mais remota antiguidade e antes da invasão dos fullas, os mandingas têm sido o povo dominador sobre o declivio septentrional da Guiné <sup>1</sup>.

Restrictos e concentrados no seu platô, este povo existe espalhado em todas as partes das altas terras da Guiné meridional. Se não compõe a maioria dos habitantes, fórma, pelo menos, a parte mais distincta, mais rica e mais civilisada da população, e constitue, por assim dizer, a nobreza.

Entregues e dedicados ao commercio, seguindo para esse fim as grandes vias commerciaes, dispersaram-se pelos paizes mais afastados e por todas as partes têm os mandingas levado o seu commercio sob o pomposo nome de *Slatis*, isto é, commerciantes.

Propagadores do islamismo e conhecidos então sob o nome de Mullahs, obreiros e artistas, pacificadores entre os povos visinhos, elles nos apparecem em toda a parte da costa occidental d'Africa cercados de consideração, como attributos da civilisação e intelligencia.

---

<sup>1</sup> Karl Ritter — Erdkunde.

Um padre mandinga <sup>1</sup>, de nome Isaaco, serviu a Mungo Park de interprete e guia na sua segunda viagem de Gambia a Sansanding e compartilhou com intrepidez todos os perigos e prestou os mais relevantes serviços ao heroe viajante.

Os mandingas estendem-se assim até ao litoral e a sua lingua veiu a ser a lingua universal desde as costas do Senegal até Seyo no rio Niger.

## II

Ha duas castas de mandingas: mandingas sonniqués e mandingas mouros. Os *sonniqués* foram os primeiros senhores e possuidores do paiz. Os mandingas mouros, que eram nomadas, vieram estabelecer-se junto d'elles. Crescendo de dia para dia em população, formando numerosas moracundas (*cundas* — aldéas, — *moro* — dos mouros), trataram immediatamente de sacudir o jugo dos sonniqués e vieram, por direito de conquista, a ser os verdadeiros homens *rules* do paiz.

Os sonniqués apodam aos mahometanos de *mouros*, e estes áquelles, como termo de desprezo, *sonniqués*, isto é, cafres e idolatras.

O nome *sonniqué* quer dizer bebedor effectivamente; os *sonniqués* entregam-se á intemperança, ao passo que os mouros observam as leis da temperança.

## III

Outr'ora o grau de consideração dos mandingas aferia-se pelo numero dos fullas estabelecidos no seu territorio. Apertados sob o jugo de ferro, os fullas eram obrigados a dar consideraveis presentes aos mandingas para poderem cultivar o seu terreno. Por exemplo, o chefe d'uma *moracunda* tinha diariamente carne fresca, arroz, nata de leite, manteiga, etc.

Multiplicados em numero consideravel os fullas sacudiram o jugo, assenhorearam-se dos mais importantes territorios dos mandingas e biafadas: d'aqui a origem d'estas guerras cruentas e intestinas entre os biafadas, fullas e mandingas.

---

<sup>1</sup> Mungo Park, pag. 26.

## IV

**Habitações**

As cubatas dos mandingas, os seus utensilios, ruas e gamellas (cabaz), onde comem, são d'um aceio admiravel. Os muros das paredes são de caniço. Em algumas *moracundas* costumam cercar as cubatas por palissadas.

## V

**Vestuario**

Os mandingas trajam como todos os mahometanos... Uma grande camisa de tecido d'algodão ou bertangil constitue toda a sua vestimenta.

## VI

**Agricultura**

A agricultura em toda a Guiné existe como na primitiva. Os proprietarios do Rio Grande de Bolola engajam mandingas, manjacos, buramos e fullas para a cultura da mancarra (ginguba), unico ramo importante da agricultura.

A parte immensa do sólo é coberta por bosques frondosos, e não differe, como constituição geologica, da parte cultivada. Em todas as partes se encontra a argilla e silica mais ou menos ferruginosas. A cultura da mancarra poderia ter maior extensão, se houvesse braços para a lavoura.

Engajados os gentios para a cultura, recebem, como avanço, madapolão, tecidos d'algodão, espingardas ordinarias, contarias, bebidas alcoolicas, vitrificações, chanfalhos, etc. Recebidas a credito as mercadorias e facturadas muitas vezes pelo triplice do seu valor, depois da colheita são obrigados a pagar por meio da mancarra, milho e outras produções. Os mandingas não têm a perseverança de permanecerem por muito tempo em uma feitoria. Se encontram boa hospitalidade, demoram-se por algum tempo; mas, se receiam alguma exacção, desertam n'um instante e vão estabelecer-se em outro ponto, levando o seu gado e tudo quanto possuem, não deixando de si outra memoria, mais do que os miseraveis tugurios.

Se recebem consideraveis abonos e que não estejam em inten-

ção de pagar, fogem igualmente para pontos onde não chega a acção da auctoridade.

Eis os principaes productos :

*Mancarra*. — Semeiam-na nas primeiras chuvas. Exige poucos cuidados. Uma só planta póde dar até 100 ou mais grãos.

*Milho basil* e *milho de fulla* ou *milhinha*. — O primeiro é o milho commum. O segundo é uma especie de painço, que constitue a base da alimentação. A cultura do arroz entre os mandingas é assás limitado, não obstante ser o terreno asado para esta especie de cultura. Inhame, mandioca e batata dôce, constituem tambem a base da alimentação.

*Anil*. — É tambem limitado o seu cultivo. Só cultivam o necessario para tingir os seus panos. O processo empregado para tintura não deixa de ser curioso.

Encontram-se tambem muitas frutas, como laranjas, limões, papaias, bananas, mangas, folles de elephante, d'um gosto acidulado, amendoas de palma, d'onde extrahem azeite d'este nome, veludos, etc.

## VII

### Alimentação

A alimentação ordinaria dos mandingas consiste em arroz, cuzcuz da milhinha, com mel d'abelhas, ou leite, batatas dôces, peixes e outros mariscos. Abstêm-se, como todos os musulmanos, da carne de porco.

Ha uma fruta chamada *cóla* (fructa da *sterculia cuminata*), a que dão grande apreço.

Nos grandes jejuns, nas peregrinações a Meca, nos baptisados, mortes e casamentos, e finalmente, em qualquer solemnidade, fazem uso da *cóla*.

Tem esta fruta uma grande extracção e vende-se por bom dinheiro.

## VIII

### Baptisado

Consiste em rapar a cabeça á criança. Attingida a idade de 12 a 14 annos, são os rapazes circumcidados e ás raparigas fazem excisão.

## IX

**Casamento**

Consiste em offerter valiosos presentes aos paes das noivas. O mandinga é polygamo e a sua maior gloria é ter muitas mulheres e muitos filhos.

## X

**Funeral**

O mandinga não levanta guizas, a exemplo d'outras tribus. Por ocasião do funeral conservam-se mudos e quêdos e de vez em quando distribuem *cólas* entre os circumstantes.

## XI

**Governo**

Em cada aldêa dos *sonniqués* ha um chefe que administra a justiça e as multas são applicadas em seu proprio proveito.

É assistido do conselho dos principaes e principalmente dos velhos da aldêa: tudo é regulado segundo os usos e costumes constantes e guardam o maximo respeito em suas assembléas.

O rei é considerado como o proprietario do paiz; mas não é obrigado a defendel-o. Ha o commandante militar encarregado da defeza da patria, o qual deve ser escolhido d'entre os soldados que, em qualquer combate, haja dado provas de bravura e intrepidez.

É electivo.

É preciso que o filho se mostre digno do nome de seu pae para lhe succeder na governança.

Uma grande parte das historias das *Mil e uma noites* que os mandingas contam de noite, *au clair de la lune*, consiste em memorar as acções inclitas e os grandes feitos dos seus antepassados, e a inventar contos e recitas imaginarias d'esses guerreiros.

Os *sonniqués* têm um alcaide para administrar justiça.

### Religião

A religião mahometana é a religião do paiz. Em cada *mora-cunda* ha uma escola, onde se ensina e se explica o Alcorão.

A devoção dos mouros é isenta de fanatismo. São tolerantes para com outros povos, que professam diversa religião.

A religião mahometana, legitimando a polygamia, tem mais adeptos n'esta zona torrida, do que o christianismo.

### Numeração

Em quasi toda a Africa o systema de numeração não passa de cinco ou dez. Povos que vivem ainda na infancia da sociedade não sabem fazer abstracção da idéa do numero, separada do objecto, que servir para contar. Saber a quantidade dos dedos da mão, e servir-se d'estes dedos, como comparação, para conhecer a dos outros objectos, tal tem sido a primeira operação intellectual para a numeração.

Eis a numeração dos mandingas :

1 — Kilin	9 — Konontó
2 — Fulá	10 — Ean
3 — Sabá	11 — Tan-kilin
4 — Náni	12 — Tan-fulá
5 — Lulú	13 — Tan-sabá
6 — Oru	14 — Tan-nani
7 — Oroülá	15 — Tan-lulu
8 — Sei	Etc. etc.

### Ethopêa

Terminamos esta succinta descripção, com o que d'essa tribu disseram Ritter, Winterbottom, Mungo Park e outros celebres geographos :

A conformação dos mandingas destôa inteiramente do typo conhecido das raças negras. A sua physionomia assemelha a dos hindus com tez carregada. A côr mais clara, entre elles, é a côr d'azeitona; a sua cara é regular, oval, mais agradável que a dos negros das terras baixas, seus visinhos: a sua estatura é bella, alta e elegante; a barba entre elles é o signal da liberdade; os seus vestidos são feitos d'estofos; alegres e benevolentes; as suas maneiras são simples, nobres e lhanas; são curiosos, compassivos

e hospitaleiros. Os seus chefes distinguem-se pela sua educação, seus conhecimentos e gozam da maxima consideração do seu povo.

A hospitalidade e a compaixão desinteressada que testemunharam ao infortunado Mungo Park, quando a elles se apresentou meio nũ, doente, semelhante a um vagabundo repellido pelos homens, infiel, maldito do céu, segundo a sua crença, deve assegurar-lhes, diz Renell, um alto lugar entre os povos da terra; a generosidade, a sensibilidade de que então deram provas, podem servir de modelo até aos proprios europeus, sob o ponto de vista da delicadeza e da pureza dos seus sentimentos; merecem bem o titulo de *indo* d'África que lhes deu o grande geographo.

Bolama, 23 de maio de 1885.

FREDERICO DE BARROS.

# QUESTÕES MILITARES

---

## II

### A guerra sob o ponto de vista economico

Como se viu no artigo anterior <sup>1</sup> considerámos a guerra quasi exclusivamente sob o ponto de vista militar e ainda d'um modo restricto, porquanto estudamos apenas as batalhas campaes, sem analysarmos a guerra de sitio e maritima.

Mas se fizermos attender os leitores para o facto de que estas são as que mais directamente affectam a sociedade pelo lado economico, temos explicado a causa da collocação, n'este ponto do nosso modesto trabalho, do estudo d'essas phases da acção destruidora do militarismo.

Mostrámos que o proprio, successivo e crescente aperfeiçoamento das armas de fogo difficultava, progressivamente tambem, a manutenção da disciplina e como corollario a da guerra.

---

<sup>1</sup> Vid. *Revista de Estudos Livres*, pag. 140. Em todo o primeiro artigo, por um d'esses erros chamados de — *sympathia* — commettemos a confusão de *adarme* e *calibre*, cousas hem distinctas, ainda que ligadas por intima dependencia. Rectificamol-o antes para nos acobertarmos de qualquer apódo menos leal, do que pela verdadeira importancia que o facto possa ter como contestação á demonstração da nossa these.



Passemos agora uma rapida revista sobre a guerra de sitio; complemento indispensavel da campal e acompanhemol-a d'um breve confronto com a maritima, confronto que nos authorisará a julgar da sua pernicioso influencia pelos lados — humanitario e economico.

\*

O fim da guerra pôde synthetisar-se d'este modo:

Esgotar por todos os meios e o mais rapidamente as forças do inimigo.

Para isso, não só é preciso pôr-lhe fóra do combate o seu exercito — aprisonando, ferindo ou matando — como ainda paralyzar-lhe, quanto possivel, as fontes de receita: as permutações maritimas e terrestres.

Os grandes centros industriaes e as grandes regiões agricolas, representando a riqueza d'uma nação, são pois um dos seus importantes objectivos; d'ahi, a necessidade dos sitios e dos bloqueios.

Para elles o militarismo aproveita as grandes descobertas modernas, como o vapor, para os comboios de cintura, e a electricidade, para a facilidade de communicação d'ordens. Temos exemplos como os dos grandes investimentos de Metz e Paris.

O emprego da grossa artilheria, fructo do progresso no fabrico das armas de fogo, dá resultados como os que temos presenciado nos bombardeamentos das campanhas modernas:

Não é só o aniquilamento de dezenas de milhares de soldados, é o ataque ao capital — representado nos grandes depositos industriaes e agricolas, na propriedade territorial ou bens inamoviveis — e, mais do que tudo, o assassinato execrando d'uma população offensiva de crianças, mulheres e anciãos!

E consideremos todos maduramente n'esta verdade quasi axiomatica ainda para os profanos na arte da guerra:

Quanto mais rica fór uma região, tanto mais assolada será pelo exercito invasor.

O progresso da agricultura, o desenvolvimento da industria, trazendo comsigo a necessidade do abrimto de estradas, do lançamento de pontes, da irrigação, etc., faculta ao exercito invasor as suas primeiras necessidades, taes como: a facilidade e commodidade de communicações e de abastecimentos; o que comprova a verdade do principio que vimos de enunciar.

Por todas estas considerações e pelas que exporemos no decurso d'este trabalho, tiramos a acção reflexa do militarismo sobre o banqueiro, o industrial, o proprietario, n'uma palavra, o *capital*.

Mas se os capitães faltam pela diminuição do crédito <sup>1</sup>, se o banqueiro, o industrial, o proprietario padecem correlativamente, sobre o operario, com mais forte razão, deve actuar a intensidade da crise.

\*

A guerra marítima tem também a sua influencia destruidora. N'ella, como na terrestre, assombra o progresso realiado nos meios de destruição.

Um simples torpedo pôde n'um momento fazer sossobrar um grande couraçado, que tivesse custado aos cofres da nação centenas de contos e que vá tripulado por milhares de soldados!

A via marítima natural e facil é o meio empregado de preferencia para as permutações commerciaes.

Se a paralysação proveniente da guerra terrestre tem decididos resultados ruinosos para a sociedade, pelo lado economico, do que acabamos de apresentar se vê, que a acção dos bloqueios, fechando ou pelo menos restringindo a via marítima, se torna mais sensível ainda.

A acção do militarismo reflecte-se pois, natural e fatalmente, nos outros factores sociaes.

\*

É agora occasião propria de repetir aqui as palavras da revista militar franceza (*Boletim da reunião dos officiaes*) que nos suggeriu este trabalho:

«Nada tão brutal como os numeros.»

De facto; esta phrase, um tanto brusca, encerra uma funda verdade: nada tão convincente como as estatisticas. O seu estudo comparado é innegavelmente o meio mais effcaz para chegarmos ás grandes syntheses. A estatica social induz d'ellas as suas leis e essas leis, visando ao equilibrio, condemnam toda a exorbitancia de qualquer dos factores.

Neste momento historico o militarismo é d'elles o que mais exorbita, o que mais tende a romper o desejado e indispensavel equilibrio, como se conclue do confronto das estatisticas dos orça-

---

<sup>1</sup> Vid. *Os progressos da agiotagem*, por Benoit Malon; *Revista socialista*, vol. 1, pag. 100 a 124; 210 a 229, apreciabilissimo trabalho que nos comprova o estado desgraçado das finanças francezas e nos habilita a julgar, por uma ligeira comparação, da crise economica europeá.

mentos dos ministerios da guerra europeus nos ultimos annos e que inteiramente apoiam a affirmativa do *Boletim da reunião dos officiaes*: Que «... as nações européas todos os annos e sob qual-quer pretexto augmentam os orçamentos dos seus ministerios da guerra.»

Porém, esta affirmativa gratuita continúa a ser sem importancia, visto que considera o facto isoladamente, o que está reconhecido como insufficiente, improductivo e illusorio, levando espiritos, bem que intelligentes, a conclusões falsas, como no caso presente: a considerada revista militar franceza admite como sustentavel este estado de cousas!

É preciso não olvidar o que é de si um dado importantissimo, o ponto culminante de toda esta questão: A Europa sustenta 10 milhões e meio de soldados, 20 mil peças de artilheria e uma esquadra de mais de mil vasos de guerra completamente armados e guarnecidos, com o que dispense acima de 800 mil contos de reis por anno (despropositada percentagem das suas receitas nacionaes!) e as suas finanças fluctuam n'um flagrante estado precario!

Esta desgraçada verdade é presentida intuitivamente por observações superficiaes, ainda pelos mais estranhos ás soluções do problema economico e apresentada verdadeira e tristemente por B. Mallon (lugar citado) e por todos os economistas, que se não deixam arrastar por um optimismo contraproducente.

Para a manutenção d'este estupendo armamento, recorrem os governos europeus ao lançamento exagerado de impostos, que vão onerar todos os outros factores sociaes, o que poderá acarretar uma grande conflagração, sendo certo que a guerra só rebenta entre os homens quando a oppressão os ameaça ou os esmaga.

Do exame consciencioso das evoluções da historia tiramos como verdade incontroversa: que a acção dos diferentes agentes ou factores tende a mais e mais a ser regulada pelo interesse geral ou bem publico; e para isso, como diz G. Degreef: «poucos seculos se passam sem que uma d'estas instituições organicas superiores venha tomar lugar ao lado das instituições existentes, já sobrepondo-se a estas ultimas, já expulsando-as, já restringindo-as ou modificando-as d'uma maneira qualquer.»<sup>1</sup>

O militarismo tem por seu turno obedecido a esta lei e jámais poderá esquivar-se-lhe.

Vejamos a marcha.

---

<sup>1</sup> O methodo em Sociologia — *Revista socialista*, vol. 1, pag. 299.

\*

Nos tempos primitivos o conflicto vital leva o homem á lucta contra a natureza: impondo-lhe a necessidade dos alimentos que tinha de adquirir disputando-os — já aos outros animaes, já ao seu semelhante — porque desconhecia todos os outros meios de apropriação. Ainda que então a actividade guerreira fosse quasi exclusiva, a selecção natural inicia-se d'um modo rudimentar, é certo, mas iniciando-se provoca a passagem successiva aos estados pastoral e agricultor.

Na antiguidade, e como sempre em correspondencia com a civilização da época, a actividade guerreira explica-se pela preponderancia natural do instincto de aperfeiçoamento por destruição sobre o de construcção e pela repugnancia que inspirava ao homem todo o trabalho regular; porquanto «nas antigas civilizações os trabalhos manuaes eram despreziveis e estavam abandonados aos escravos, enquanto os livres e os nobres exerciam a profissão das armas. Só na idade média começou a reabilitação da industria e das artes manuaes tão desprezadas na antiguidade.»<sup>1</sup>

Na idade média, nós vemos o militarismo tomar o character offensivo e favorecer pela sua acção, em convergencia com a dos outros factores sociaes, a passagem para uma situação melhor, repellindo os musulmanos (cruzadas; como as explicou Littré, na sua lição sobre as *Evoluções da Historia*), determinando a fundação dos grandes estados e preparando a civilização moderna.

Mais tarde o feudalismo ameaçando o poder dos reis, fez-lhes perceber a necessidade de se precaverem contra a nobreza, com quem haviam sido constrangidos a dividir o poder e tiraram do povo opprimido as proprias armas para conterem os senhores feudaes — crearam os exercitos permanentes.

De então para cá, a evolução na sua marcha ascensional e interrupta foi assignando, a mais e mais, ao militarismo o character defensivo e preparando a existencia industrial; como se caracteriza claramente pela preponderancia crescente da burguezia, que derruba, no ultimo quartel do seculo xviii, o feudalismo.

A revolta de fevereiro de 48, pôz em evidencia o quarto estado; e ao mesmo tempo que era o maior protesto contra o novo feudalismo financeiro ou ploutocracia, dava um golpe profundo no

---

<sup>1</sup> Teixeira Bastos, *Ensaio sobre a evolução da humanidade*, pag. 188. Porto, 1881.

militarismo de que por sua vez a burguezia se serve, para salvar a sua falsa noção de *ordem*.

A apparição do quarto estado foi, como se vê, uma consequencia do alto grau de importancia adquirido pela actividade industrial, á custa da actividade guerreira.

Esta ligeira synthese historica comprovando a nossa affirmativa, mostra ainda: que o espirito industrial tem experimentado um desenvolvimento — progressivo e o militar — regressivo; ou, por outras palavras: que este tende a ser inteiramente substituido por aquelle. <sup>1</sup>

\*

Repetimos: a acção dos differentes agentes ou factores tende a mais e mais a ser regulada pelo interesse geral ou bem publico. A comprehensão que cada um d'elles vai tendo d'este salutar principio, do seu destino; a independencia, a dignidade individual adquirida pelo homem dentro da liberdade e da civilisação, hão de tornar-os outros tantos oppositores conscientes á guerra.

Desde que o banqueiro, o proprietario, o agricultor, o operario se convençam que têm tudo a receiar da guerra, o seu protesto contra este phenomeno desgraçado nos nossos tempos apparecerá e o equilibrio social será procurado por outros meios. O mesmo impulso que fez bradar ao seculo XIX:

*Os deuses vão-se,*

levará o seculo XX a affirmar, sem que o protesto encontre echo:

*O militarismo vai-se.*

Já uma vez o dissemos e repetimol-o agora:

Que nos não arguam de militarmente indisciplinado. O nosso trabalho é, antes de tudo e mais do que tudo, um ensaio de philosophia da guerra.

Se as evoluções da historia marcam, precisa, clara e inevita-

---

<sup>1</sup> Teixeira Bastos no seu estudo sobre *As guerras e o espirito militar* (*Ob. cit.*, pag. 187), fornece-nos o seguinte dado, que é uma nova corroboração á nossa affirmativa: «A guerra, diz Herbert Spencer (*Introduction à la science social*, pag. 212), no curso lento das cousas, traz uma aggregação social favoravel ao estado industrial que é incompativel com a guerra, e comtudo só a guerra poderá trazer uma aggregação social.»

velmente a extincção do militarismo, esconder estas conclusões da Sociologia, seria transigir com a ignorancia d'uma sociedade moralmente atrazada e peor ainda, menosprezar a dignidade de homem pelo facto simples de ser official.

As leis sociaes tornam-se incomprehensíveis, pela sua generalidade decrescente e complexidade crescente, a toda a intelligencia que não estiver de posse do methodo geral positivo.

É por isso que nós vemos no nosso meio individuos considerados como autoridades dirigentes, terem um sorriso desdenhoso para as asserções da Sociologia e o epitheto banal de *utopista* para todo aquelle que se entrega ao estudo d'esta sciencia — resultado final dos conhecimentos humanos.

Em resumo: não são apenas considerações de outra ordem, muito ponderaveis é certo, que hão de levar a Europa a proceder, n'um periodo mais proximo do que o que se afigura aos que consideram o problema superficialmente, a um desarmamento parcial e a recorrer á arbitragem nos negocios da guerra, mas sim as levantadas pelo seu estado economico.

O mesmo methodo positivo aponta que — o problema economico é o primeiro a ser abraçado pelos sociologistas, para que d'elle possam brotar uma moral activa, uma politica salutar, uma justiça supinamente equitativa, proprias a caracterisar a civilisação futura ou sociocracia, como lhe chamou Augusto Comte.

\*

Um terceiro e ultimo artigo fechará a serie de considerações que nos foram suggeridas, como já dissemos, pela revista militar franceza, *O Boletim da reunião dos officiaes*.

(Continúa).

F. SÁ CHAVES.

## A SAINT-BARTHÉLEMY

---

### INEDITOS PORTUGUEZES A SEU RESPEITO

Catherine de Médicis, com a sua politica dubia e incerta, attendendo mais ás circumstancias de momento do que á tenacidade do plano, achava-se na mais terrivel das collisões historicas nas vespers da *Saint-Barthélemy*.

Tanto « dividira para reinar » que o poder, a que tudo sacrificára, estava a escapar-lhe das mãos. Charles ix começava a querer emancipar-se da intoleravel tutela materna.

Catherine nunca comprehendera a verdadeira politica nacional, que, em parte, fôra a do sogro, e que mais tarde ia ser definitivamente posta em execução pelo genro, quando Ravaillac, apunhalando Henri iv destruiu tanto a politica como o seu author.

Essa politica seria um *modus vivendi* com os huguenotes, concedendo-lhes com a liberdade de consciencia algumas das garantias que elles pediam — nunca as que constituissêem um estado no estado — servindo ao mesmo tempo esta concessão de ponto de apoio ás medidas energicas que teriam de se levar a effeito contra as aspirações de uma restauração do feudalismo intentada por Louis I, de Condé, Gaspard de Coligny, e os outros fidalgos que os acompanhavam. Isto feito, a Inglaterra ficava sem pretexto plausivel para novas intervenções, a Hespanha teria contra si um paiz nas condições de favorecer abertamente as justas reclamações dos flamengos, e de apoiar qualquer movimento revolucionario na Italia, sahindo d'este conjunto de medidas — que aliás

andavam na mente de todos, mas que eram sacrificadas ás mesquinhas ambições das camarilhas — essa politica que Ag. Thierry, com tanta propriedade, denomina: « politica franceza, fundada sobre a conservação das nacionalidades e equilibrio das potencias. »

Tendo passado os tempos da infancia victima da politica sanguinaria e tortuosa dos ambiciosos — bastardos ou não bastardos — da sua familia, Catherine viu decorrer depois os annos da mocidade no meio d'uma côrte elegante e dissoluta, devassa e intrigante, sentindo-se constantemente afrontada por uma rival descarada, de modo que, no dia em que, com a morte inesperada do marido, o poder lhe veiu ás mãos, o coração transbordava de odio, e o odio nada produz de bom.

Nada de empresas grandes, de commettimentos arrojados, mas uma fatigante e diuturna combinação de estratagemas que lhe conservassem esse poder, que nas suas mãos tinha quasi que o mesmo valor que o ouro no armario de Harpagon.

Desde o dia em que, tanto ella como o rei, tendo sahido á pressa de Monceaux, foram obrigados a fugir, ainda mais precipitadamente, de Meaux protegidos pelos suissos assalariados, tanto um como outro, juraram fazer refrescar o rubor da vergonha no sangue dos calvinistas.

A idéa da destruição dos contrarios, por um meio que não o da guerra, germinou n'esse dia, e na vergonha da fuga, n'essa correria á procura da protecção das muralhas de Paris, é de crêr que á mente da italiana acudisse a recordação das *Vesperas Sicilianas*, e que pela primeira vez a mãe e o filho se apertassem as mãos no accordo de um mesmo sentimento de vingança.

Qualquer dos partidos, — o dos juizes sob a bandeira da religião tradicional, — o de Condé guerreando pelo calvinismo, procurava ter por seu lado a pessoa do rei. Tal posse assegurava de antemão ganho de causa.

No seculo xvi ainda a realeza era uma força enorme que todos respeitavam, não se atrevendo os mais audazes conspiradores, sem o seu consentimento aos actos extremos. Sem que Charles ix annuisse á emboscada e mandasse chamar Charron, o preboste dos mercadores, ninguem se atreveu a marcar a hora em que o sino de Saint-Germain l'Auxerrois devia tocar a rebate; embora Catherine e seu filho d'Anjou já tivessem combinado com Marcel, o ex-preboste, o desencadeamento bestial das massas miseraveis, ignobeis e devastadoras da população parisiense.

O plano de Coligny era separar Charles ix de sua mãe, da influencia de Gondy, conde de Retz e, tendo por si o rei, expulsar os italianos « *sangsues qui tirent la substance d'un chacun* » e pôr em pratica o edicto d'Orleans, sem interpretações nem restric-



ções. O rei seria um refem, que, nas mãos de chefes « que eram príncipes de sangue real e grandes fidalgos mais preocupados da sua fortuna do que de alargarem o circulo da sua acção em proveito das classes inferiores » <sup>1</sup> podia fazer concessões muito parecidas com aquellas que Louis XI concedia em idênticas circumstancias, no firme proposito de que nunca as cumpriria. Charles IX é que não era Louis XI. « No dia em que a fidalguia percebeu que a Reforma era uma força, diz Pelletan, recomeçou a guerra contra a realleza. »

Mezeray, que apenas escreveu um seculo depois, encarregou-se de nos explicar o fundo das revoltas d'esses fidalgos, quando diz: « Ils tesmoignoient avoir envie de restablir l'ancienne liberté française en faisant en sorte que cette monarchie fust gouvernée par le conseil de plusieurs prudents personnages, et que l'autorité du monarque fust restreint à certains termes par des lois stables et des barrieres si hautes que les flateurs et les favoris ne pussent désormais la faire passer au delà. Car ils disoient que cela estoit arrivé sous le regne de Henry et de François II. Mesme l'admiral vouloit que l'on creust que c'estoit cette raison qui l'obligeoit de suyvre le party huguenot comme estant celuy qui avait plus d'amour pour la liberté. »

Nas mãos da florentina o filho coroado era um instrumento que ella manejava, quasi sempre, a seu bel-prazer, explorando-lhe o character irrequieto, desconfiado, precipitando-se nos extremos, e profundamente envenenado pela rivalidade de seu irmão o duque d'Anjou, o idolo da mãe.

O plano dos calvinistas de se apoderarem do chefe do poder, falhou.

Em 1567, assustados pelo alistamento de 6:000 soldados suíços, reuniram-se clandestinamente no mez de setembro, e depois de uma acalorada discussão, em que as opiniões bellicas prevaleceram <sup>2</sup>, resolveram armar-se e tomar a offensiva.

---

<sup>1</sup> Gervinus na *Introdução á Historia do XIX seculo* indica perfeitamente os tres caracteres que a Reforma tomou nos differentes povos em que conseguiu introduzir-se. « Em Allemanha e na Inglaterra, diz o escriptor, ella se revestiu da fórma *monarchica*, que tanto o Estado como a Igreja adoptaram, graças á influencia de Luther e de Cramner; na parte occidental da Europa, pelo contrario, adoptou uma fórma *aristocratica*, e ficou sendo o calvinismo; enfim tomou um character *democratico* nos progressos do puritanismo que não floresceu senão um momento para se ir definitivamente estabelecer na America.

<sup>2</sup> Na ultima reunião que se realisou em Valery os mais prudentes diziam: « Si nous recourons aux armes de combien de malédictions ne serons

Foi pois em virtude d'esta offensiva que a côrte fugiu de Meaux; ferindo-se depois a batalha de Saint-Denis onde o Condestavel, o octogenario Montmonrency, recebendo, no ardor da refrega, uma ferida que depois lhe custou a vida, salvou, com este ferimento, os huguenotes de uma derrota completa.

Como dissemos, é opinião de muitos historiadores catholicos que desde a fuga de Meaux se começasse a pensar na côrte na possibilidade de uma destruição rapida, imprevista e traiçoeira dos sectarios de Calvin. Outros atrazam este pensamento; e já em 1560, segundo Suriano, embaixador da Republica de Veneza, citado por Tomaseo, Catherine tinha suggerido a idéa de um exterminio geral dos huguenotes.

Na conferencia de Bayonne em 1565, a que assistiu o duque d'Alba, se discutiu a conveniencia de se apoderar o governo dos principaes cabeças calvinistas e de os matar. Era isto a que o mesmo duque, tempos depois, chamava os *nossoz planos*.

Os escriptores da escola liberal negam essa premeditação tão longa, e attribuem as *Matinas de S. Bartholomeu* ao medo que produziu o ter falhado o tiro de Maurevel.

Um dos principaes argumentos seria a impossibilidade de se guardar um tal segredo na côrte. Em primeiro logar isto não seria cousa em que se fallasse a toda a gente e a toda a hora. Convinha esperar a opportunidade. Por occasião da segunda guerra civil, os calvinistas ajuntaram-se por centenas e mesmo milhares, executaram movimentos estrategicos, aproximaram-se de Monceaux, onde estava a côrte, no dia e hora que mezes antes tinham determinado em numerosa assembléa, e guardaram tal segredo de tudo, que o rei só soube do novo rompimento na occasião em que as hostilidades se declaravam. O embaixador veneziano diz que o segredo d'esta conspiração « foi uma cousa verdadeiramente inacreditavel, tanto mais tomando parte n'elle milhares de homens. » Ora

nous pas couverts par ceux qui nous imputeront les miseres inevitables qui en seront la suite.» D'Andelot, entre outras cousas em favor da guerra, disse: — « Si vous attendez, que vous soyez bannis liés dans les prisons, fugitifs par les forets, courus par le peuple, meprisés des gens de guerre, à quoi vous aura servi votre patience et votre humilité passée? à qui nous plaindrons-nous? Il est temps de recourir à la defense, qui n'est pas moins juste que necessaire, et de ne nous soucier point si l'ont dit que nous avons été les auteurs de la guerre, car ce sont ceux là qui par tant de manières ont rompu les conventions publiques et qui ont jeté jusques dans nos entrailles six mille soldats étrangers qui par effet nous l'ont déjà declarée. Si nous leur donnons encore cet avantage de frapper les premiers coups, notre mal sera sans remède. »

se tantos milhares de homens guardam um segredo d'estes, porque não guardariam meia duzia o silencio sobre a realisação d'uma idéa que se discutia, accentuava ou empallidecia á guisa das eventualidades ?

Um moderno escriptor catholico acaba de consignar: « Jamais Charles ix n'oublia cette humiliante retraite (a fuga de Meaux). Une sourde colère lui restera aũ fond du cœur, et dans la sanglante nuit de Saint-Barthélemy, cette colère se tournera en rage furieuse. »

Em 22 de agosto do mesmo anno Catherine escreve ao embaixador Alava: « Ils (os calvinistas) ne viendront pas à bout de leurs desseins, et si telles gens qui font telles mechancetés désirent la guerre, le roi mon fils est delibéré de la leur faire par un bourreau. »

Annos depois, realisou esta promessa, apenas com a ampliação do numero dos algozes.

O segundo argumento é que se a matança foi, como já indicámos, em resultado de ter falhado a arcabuzada de Maurevel <sup>1</sup>, não se teria dado o morticínio de 24 d'agosto de 1572.

Porque ?

Não teria Maurevel « assez hasardeux pour l'entreprendre (o assassinato), mais non assez prudent pour l'exécuter », avançado a hora ? Admittamos como exacto que desde 18 já o assassino esperava o Almirante, e que só o matou quando poudes, e mais nos convenceremos de quanto seria conveniente para a côrte fazer desaparecer o almirante antes do morticínio geral. Os calvinistas sabendo da morte do seu chefe ou se escondiam — e o preboste Marcel com a canalha parisiense saberia ir desencoval-os ; ou fariam manifestações de tal ordem — como fizeram — que dariam elles proprios o signal para a destruição. O que em todo o caso convinha, era que elles não tivessem, quando a hora da carnificina soasse, um centro onde convergissem, uma cabeça cuja authoridade os dirigisse. Era muito mais facil exterminial-os dispersos, sem direcção

<sup>1</sup> Este aventureiro já annos antes (1569) tinha tentado assassinar o almirante, matando em seu lugar o companheiro d'armas d'este, o cavalheiro de Mauy. Em 1572 repetiu o ataque com mais certeza de pessoa e menos firmeza de pontaria. Ainda assim Philippe II de Hespanha premiou o feito infame dando ao seu author 6:000 escudos de recompensa. Isto prova que o assassinato politico entrava como estratagemas de guerra e tinha curso entre os costumes. Em 1583 o filho de Mauy vingou a morte do pai, assassinando este facinora.

nem guia, do que juntos e á ordem de um chefe. A morte do almirante foi como que o balão de ensaio, e o unico meio de trazer Charles IX de novo <sup>1</sup> á idéa de destruição traiçoeira.

A côrte não tinha umas grandes idéas de philosophia social, nem mesmo a metade das que lhe concedem os modernos escriptores; mas emfim, Catherine, o cardeal de Lorraine, o duque de Guise, d'Anjou, Tavanés, o bastardo d'Angoulême e outros não eram tão simples que tivessem a ingenuidade de acreditar que se paralyzaria o movimento revolucionario, e se anniquilariam as ambições que o alimentavam e que já tinham causado tres guerras civis com a morte do Almirante.

Retrocedamos um pouco.

\*

Em 1568, Catherine conseguindo evitar que os *reitres* allemães viessem em soccorro dos calvinistas, tendo dado a estes ultimos varias refregas com os suissos, fez com que o rei celebrasse um tratado de paz com os huguenotes em 23 de março, em virtude do qual o edicto d'Orleans era restabelecido limpo de interpretações e de restricções; a Rochella conservada como praça forte de garantia e refugio para os *da religião*; e como tudo em França termina por uma canção ou um dito de espirito, aquella paz ficou-se chamando *une paix malassise*, do nome d'um dos signatarios <sup>2</sup>.

De Thou, na sua *Historia Universal* escreveu «que muitos tiveram aquella paz como uma armadilha.»

A paz não deu confiança aos calvinistas nem socego á côrte.

Continuaram as intrigas, os mutuos ataques parciaes entre catholicos e reformados, e rebentou a terceira guerra de religião.

Depois da batalha de Jarnac, em que uma carga impetuosa da cavalleria de Condé salvou os huguenotes de uma destruição completa, e da jornada de Moncontour, em que o almirante commandou como general em chefe, o que só serviu para mostrar que o valor de

<sup>1</sup> Se de longa data Charles não tivesse discutido com sua mãe este tenebroso quão miseravel expediente, mas perfeitamente logico com a doutrina do catholicismo, não seria em poucas horas que se decidiria a approval-o e a tomar parte directa na sua execução.

<sup>2</sup> Henri de Mesmes, sieur de Malassis. A paz era deveras cambaia, como depois se reconheceu.

general sem a sciencia da guerra só serve para levar tropas á derrota. Charles ix firmou, em 1570, a paz de Saint-Germain; paz vergonhosa para elle <sup>1</sup>; porque com um pequeno esforço mais as forças calvinistas seriam completamente aniquiladas. Varias causas concorrem para este desfecho inesperado.

Os calvinistas morrendo com as armas na mão, iam com seus nomes augmentar o martyrologio protestante e dar consistencia ás creanças do burguez; augmentando assim essa resistencia inerte mas poderosa. Concedendo a paz o rei sahia victorioso e generoso, e os chefes contrarios perdiam esse prestigio que dá a intransigencia até á morte, e, no dia em que tenham de ser exterminados, o burguez não sahirá para defendel-os e tirará reverente o gorro ás imagens dos santos anichadas nas frontarias das casas.

Charles não tem a noção da grande politica, vive n'um circulo de raio limitadissimo onde apenas se movem as allianças de familia e as preponderancias do mando; além d'isso odeia profundamente seu irmão o duque d'Anjou, o futuro Henri III. O victorioso de então era esse Henri. Custasse o que custasse, Charles tratou de o deter na carreira gloriosa em que ia progredindo, com o apoio de Hespanha, as bençãos do pontificado, o auxilio de Guises, o orgulho de Catherine e o applauso da christandade!

Terminando a guerra de seu motu proprio cerceava a influencia de seu irmão, e seguia a opinião de uma parcialidade da côrte — os politicos — estabelecendo um *modus vivendi* entre os sectarios de dois credos; como se duas religiões de sua natureza intolerantes e cruéis pudessem viver sob a mesma bandeira.

Sua mãe conheceu a affronta, sentiu-a mesmo pungir-lhe o imo d'alma, mas devorou-a em silencio, reservando a vingança para melhor occasião. Ella conhece o character inconstante do filho, e bem sabe que preceptor dirigiu a sua intelligencia. O perfido Gondy cumprira conscienciosamente a missão de que sua patricia o encarregara.

Por emquanto ella propria o impelle para os braços da obscura e pouco ambiciosa Maria Touchet, onde, entre caricias d'amor, esquecerá os negocios do Estado.

Emquanto o *roi s'amuse* e trata de satisfazer os extremos do seu character violento, ou malhando ferro, cavalgando dias inteiros

---

<sup>1</sup> Blaise de Monluc diz: « Nous avons battu et rebattu nos ennemis, mais nonobstant cela ils avoient si bon credit au conseil du Roy que les édits estoient toujours à leur advantage. Nous gagnions par les armes, mais ils gaignoient par ces diables d'escriptures. »

atrás do gamo ou do javali, ou exaurindo-se nos braços da lubrica amante, Catherine trabalha.

Os calvinistas começam a aproximar-se do filho, e Charles tem por vezes impetos de se revoltar contra a mãe.

A morte de sua irmã Elizabeth, mulher de Filippe II, cuja causa, com apparencias de verdade, foi então, e ainda é hoje, attribuida a seu marido, veiu em auxilio dos calvinistas que pretendiam não só afastar o monarcha da alliança hespanhola, mas leval-o a ser hostil aos projectos de Filippe.

Catherine teve um rapido encrespar de coração ao saber da morte da filha, mas não era mulher que sacrificasse a ambição á memoria de uma filha, ella que passou metade da sua existencia a sacrificar a intelligencia, a saude, a energia e a vida dos filhos á sua ambição.

Na corrente tortuosa e irrequieta d'estas luctas intimas chegamos a 12 de setembro de 1571 e assistimos á entrevista de Charles IX com o almirante Coligny em Blois.

Admittida a hypothese da longa premeditação, esta entrevista seria o primeiro acto de perfidia, como muitos o affirmam, dando duplo sentido á celebre phrase de Charles ao abraçar o Almirante: « Nous vous tenons enfin mon père: vous ne nous échapperez quand vous voudrez ».

Nada impede que n'esta occasião Charles pensasse no aniquilamento traçoeiro dos huguenotes; mas que depois deixasse adormecer esse pensamento, narcotizado pela influencia que o almirante começou a exercer sobre elle.

Esta influencia é naturalissima.

Charles pouco mais tinha de vinte annos, vivera constantemente na dependencia de sua mãe ou dos aulicos d'ella; o almirante era um homem de prestígio, de influencia e de costumes severos, insinuava sem mandar, conservando-se sempre no segundo plano; era a antithese de tudo quanto o joven rei conhecera até alli; não admira que o attendesse, e que aceitasse os seus planos. Foi então que elle começou a fazer alarde da amizade do almirante para mostrar a sua mãe e irmão que tambem tem um apoio em que se firme, o que não impede — a um caracter como o seu — que n'um momento de exaspero elle proprio despedace esse apoio. Quantas vezes ao cão que ladra, ao garoto que se riu, não vemos o velho, que necessita do apoio do bordão, atirar com esse mesmo apoio n'um momento de colera?

Catherine assustou-se antes de tempo.

Ella devia vêr que a amizade do rei da França christianissima com o chefe do calvinismo intransigente não podia ser duradoura.

Dois interesses oppostos podem ligar-se n'um certo momento

para a destruição de um inimigo commum, mas no ajuste de contas um aniquilará outro <sup>1</sup>.

O rei de França estava resolvido a animar os revoltosos dos Paizes-Baixos e a enviar-lhes reforços. Negociava-se por intermedio de Montmorency uma alliança com a Inglaterra. Outros embaixadores tinham partido com o mesmo fim, um para Allemanha, outro para Constantinopla. O plano era atacar os hespanhoes por terra e por mar; planos estes de que Philippe era constantemente prevenido.

(Continúa).

LINO D'ASSUMPÇÃO.

---

<sup>1</sup> Isto é tanto mais verdade a respeito de Charles que sem repugnancia nem commoção acompanhou sua mãe a vêr o corpo do almirante decapitado e pendurado n'um dos ganchos de Montfaucon, n'esse passeio sacrilego que a côrte, em vestes de gala, fez por entre os cadaveres inseultos.

Idêntico passeio, tres seculos depois, deu uma rainha de Portugal pelas ruas de Lisboa.

## BIBLIOGRAPHIA

*Folk-lore catalá* — **Cuentos populares catalans**, per lo Dr. D. FRANCISCO DE S. MASPONS Y LABRÓS, president de la Associació, etc. Barcelona 1885. (Bibliotheca popular de la Associació d'excursions catalana — vol. II). x-148 pag. 8 rals.

Escusado será chamar para este volume a attenção dos folk-loristas portuguezes. O titulo acima transcripto indica sufficientemente o seu importante valor ethnographico, tanto porque a região a que se refere tem sido das menos exploradas, como pela communidade de origem que nos liga ao povo catalão, devendo ter sido as mesmas as fontes tradicionaes. Maspons y Labrós foi o iniciador da colheita de contos da Catalunha, publicando sob o titulo de *Rondallayre* as primeiras colleções em 1871, 1872 e 1875, serviço equivalente ao prestado por Pelay Briz com a publicação dos cantos populares sob o titulo de *Cansons de la terra*. Contém aquelles tres volumes 80 contos; n'este publica mais vinte e a fonte não se acha ainda exhausta. Dos vinte agora dados á luz encontram-se numerosos paradigmas nas colleções portuguezas, hoje bastante ricas graças aos esforços de Theophilo Braga, Adolpho Coelho, Leite de Vasconcellos e alguns outros. Confrontem-se, por exemplo, *Los fills del rey* com o *Rei escuta* da tradição do Algarve (colligido pelo nosso amigo Reis Damaso e publicado nos *Contos tradicionaes do Povo portuguez*), com *Os tres coroados* (*Contos populares do Brazil*) e com a lição dada pelo nosso amigo Leite de Vasconcellos no nosso semanario *A Vanguarda*; e *Lo romani*, *Lo princep mut*, etc. com *O papagaio do Limo Verde* (*Contos populares do Brazil*), com a *Paraboinha de ouro* (*Contos trad. do Pov. port.*), etc. Estender-nos-hiamos muito se proseguissemos nas approximações dos cantos catalães com os portuguezes. Damos, porém, os titulos: *Lo princep mut*, *Lo bou roig*, *Lo poll y la pussa*, *Sanch-y-neu*, *Maria Rosa*, *Lo Romani*, *Los fills del rey*, *Los tres estudiants*, *La noya peix*, *Los tres xavos*, *Lo lleó*, *Lo negre*, *Lo estudiant del rey*, *L'aygua de la vida*, *Las aubardas*, *Lo brot de marduix*, *Joanescas*, *La mort*, *Blancaneu*, *Las tres princesas*. A ordem dos contos não obedeceu a qualquer principio ou methodo quer scientifico, quer artificial. Os contos mythicos acham-se aqui misturados com os que o não são, com os exemplos e casos, o que attribuímos a ser pequeno o numero dos contos colligidos, e portanto difficil uma systematisação regular.

T. BASTOS.